



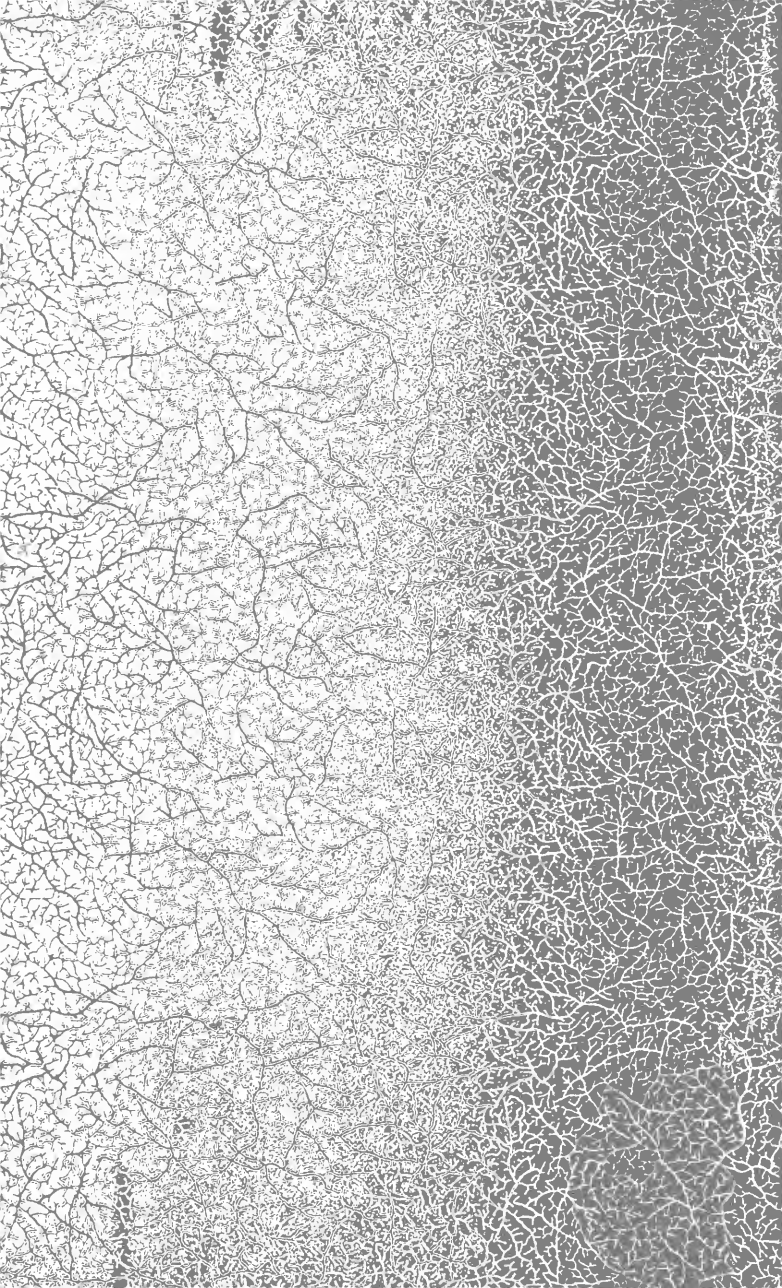
3 1761 07047057 0

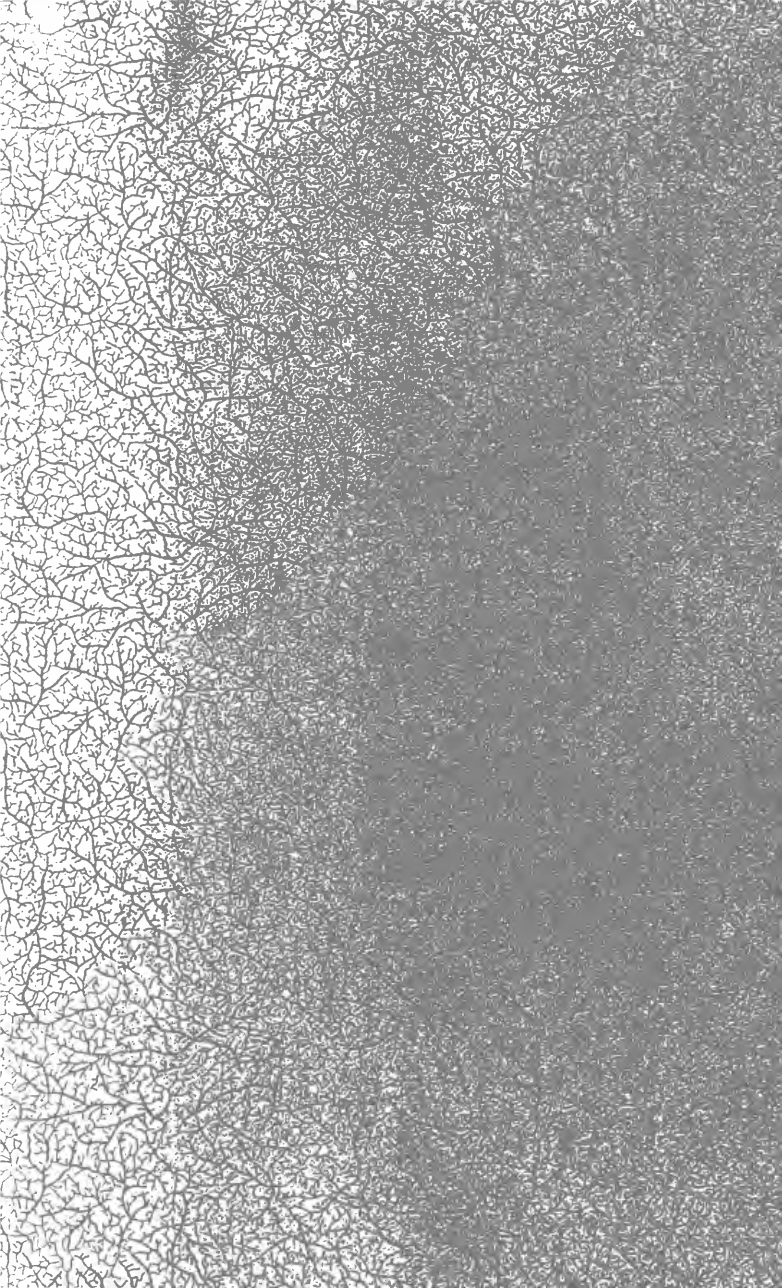
PQ

9261

S117D4

19--









CONDE DE SABUGOSA

E

B. DE PINDELLA



DE BRAÇO DADO

2.^a EDIÇÃO

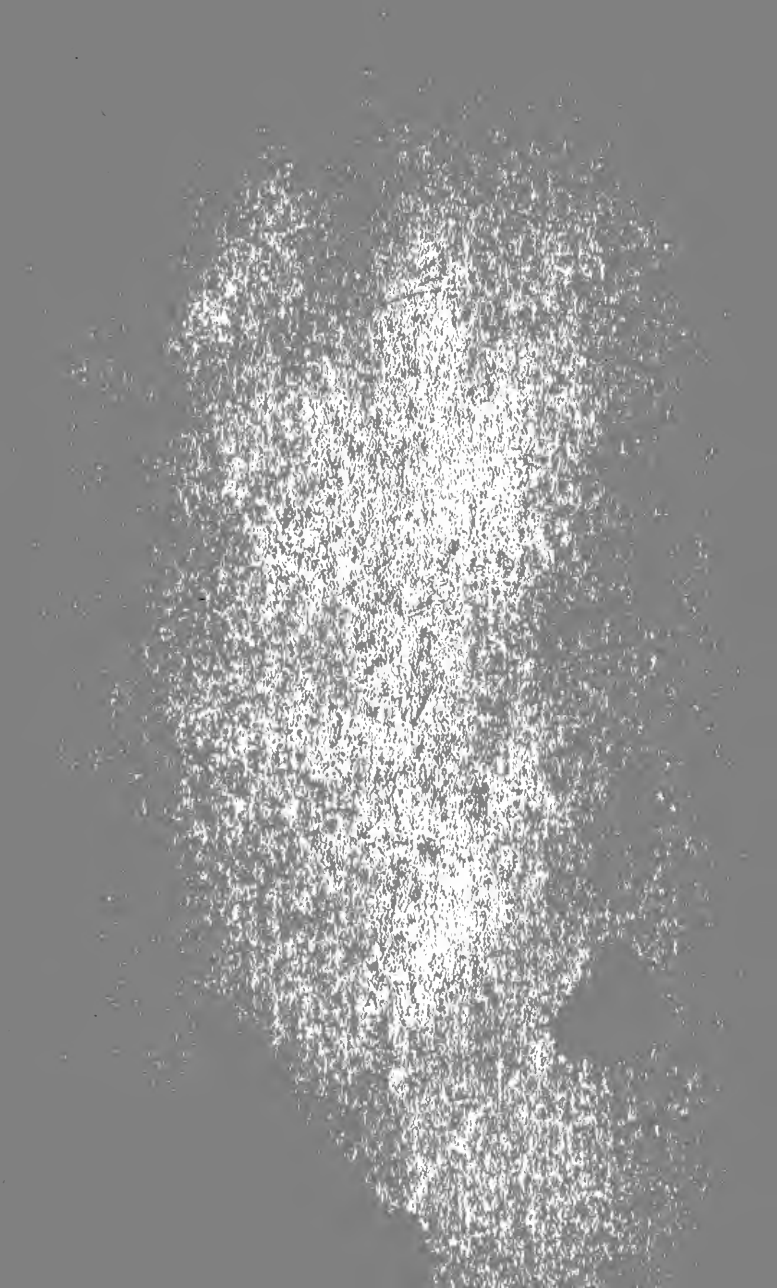
PORTUGALIA

EDITORA

75, R. DO CARMO, 75

LISBOA







DE BRAÇO DADO



CONDE DE SABUGOSA

E

B. DE PINDELLA

DE BRAÇO DADO

2.^a EDIÇÃO



PORTUGALIA

EDITORA

75, R. DO CARMO, 75

LISBOA

DESTA OBRA FEZ-SE UMA TIRAGEM
ESPECIAL DE SETENTA EXEMPLARES
EM PAPEL INGLEZ, NUMERADOS E
: RUBRICADOS PELOS EDITORES :



PQ
9261
S117D4
19--

Meu caro Bernardo :

Qui se préface se prélasse.

*Ficou-me na memoria esse rifão de que o asso-
mado Barbey d'Aurevilly usou um dia, para ati-
rar uma estocada ao peito de Alexandre Dumas,
depois d'este publicar um drama precedido por
algumas d'aquellas paginas, que são a parte mais
brilhante talvez do seu theatro.*

*Ora, ou seja a recordação d'essa phrase que
me faz cocegas no espirito, ou a convicção de
que no prologo nada influe na disposição do lei-
tor pouco inclinado á benevolencia se o assumpto
lhe não agrada, e o processo não o deleita, eu
estou em que o nosso pic-nic litterario não deve
apanhar prefacio...*

*Digo-te mais, pensando bem, parece-me que
talvez o prefacio, que acabam de nos pedir, não
deva apanhar livro. E, sem advertencia ao pio
leitor, sem prosa por essas paginas fóra que ficará
dos nossos contos ?*

Para mim o titulo, que é de tudo isto o mais

agradavel por significar que na estrada da vida encontrei o apoio de um braço seguro. Para os ex-futuros leitores uma pirraça, se amigos por não lhes servirmos o manjar saboroso de um acepipe que esperavam de nós, se zoilos por não lhes darmos o prazer, que antegostavam, de nos roer a pelle.

Mas porquê—perguntarás tu—este tardio re-trahimento, que tenta arrastar ao cesto dos papéis velhos com os meus, que pouco lhes quero, os teus contos que merecem o livro ?

O livro !

E' justamente no momento em que eu recebo as provas já paginadas, e com o seu aspecto domingueiro que me interrogo e vacillo.

Lidos n'um jornal que é recebido na faina do dia, entre as noticias que a cada qual solicitam, á hora do almoço, quando os problemas do trabalho nos preoccupam, ou no entre-acto quando a vida nos interessa, estes contos, que agradaram

assim publicados por significarem um parenthesis na lufa-lufa, jornaleira, deverão ter agora a consagração do livro? O livro é a concretisação do pensamento do auctor na sua forma definitiva, como o quadro deve ser a realisação de uma ideia esthetica no seu desenvolvimento completo. Esboços ficam no atelier. Ninharias litterarias nas folhas, que um sopro de esquecimento espalha.

Se o livro se destina a traduzir as lucubrações especulativas da sciencia, que traga uma verdade, que manifeste uma ideia nova, que ajude a resolver um problema social, e, quando fôr esquecido, porque todos o hão de ser pelas gerações do futuro, elle terá deixado na cadeia inquebravel do pensamento humano um elo que por não ser já perceptivel á vista não é menos forte.

Se o livro é de arte que cumpra então a dupla missão da arte, fazendo vibrar as cellulas emotivas do cerebro, e tranquillizando com a suggestão de uma ideia consoladora os nervos esgotados

pela morbida agitação do viver moderno. Que ao serem abertas as suas paginas, á luz doce do carcel amigo e companheiro, pela faca de marfim que uma mão de mulher guia distrahida, elle tenha a subtil habilidade de lhe prender o olhar vagabundo, e o mysterioso poder de lhe interessar por momentos o coração. E se nos olhos d'ella apparecer uma lagrima, se a respiração se tornar mais ligeiramente agitada, se uma phrase for surprehender ao mais recondito escaninho do seu ser affectivo o pensamento perturbante ainda indefinido, e lhe acariciar a pelle da alma com a consolação que apazigua, elle terá assim o destino mais invejavel de uma obra humana.

O livro, ser vivo, e organismo completo se deve, é certo, possuir o condão insinuante do amigo que consola, tem muita vez, e quantas! a perfida virtualidade de distillar nos corações maguados philtros enervantes, e deliciosos venenos que atormentam.

Ainda assim folha do strophantus que enrija as fibras do coração, ou flôr da mancenilha que adormece na morte, o livro tem na arte, como ellas na natureza a sua razão de existir. E não serei eu, bebedor de todos os absinthos intellectuaes, que venha prégar a guerra santa contra os requintes da nevrose litteraria do meu tempo.

Naturalistas, psychologos, mysticos, delinquentes, symbolistas, neo-catholicos, esothericos, não lhes entregarei as veias á inoculação do virus morbido, mas não me privarei do espectaculo que me dá a dança macabra dos seus talentos desde as exigencias do documento humano, ás preocupações theosophicas de M.^{me} Blavatsky e de Lady Carthness.

O meu espirito passa com a mesma curiosidade gulosa das paginas em que vibra o clarim sonoro da prosa intangivel de Renan, ou em que se alastra serena a clara philosophia de Taine, á phrase, torturada de Jean Lombard, e ao arti-

ficialismo complicado de Huysmans ; assiste com igual attenção ás confissões de Santo Agostinho, e aos proceedings da society for psychical research onde se estampam as tradições do occultismo oriental e tem echo as allucinações do nervosismo feminino de que o nosso seculo enferma.

Trouxe este aranzel para te dizer que para mim todo o livro tem aceitação quando me faz pensar, ou quando me ajuda a sentir. Os meus contos, porém, complacencias de um curioso das letras, para com as amaveis instancias de alguns directores de jornaes, passados agora por um exame de consciencia, parecem-me, ainda mesmo enfeitados com os teus, obra pouco de molde para formar um livro.

Não attribuas a um movimento de modestia, ou ao receio da critica a minha hesitação.

Se não temesse que esta carta fosse linguageira, e um dia viesse a publico estampada, dir-

-te-ia até que é o sentimento contrario que me segreda (e não sei se deva dar ouvidos á voz lisongeira que a vaidade assopra) que talvez o meu cerebro espremido como limão azedo pudesse dar limonada mais saborosa.

Se julgas que ainda é tempo retiremos esta do botequim, e vamos temperar outra pelas claras manhãs da tua varanda de Cascaes.

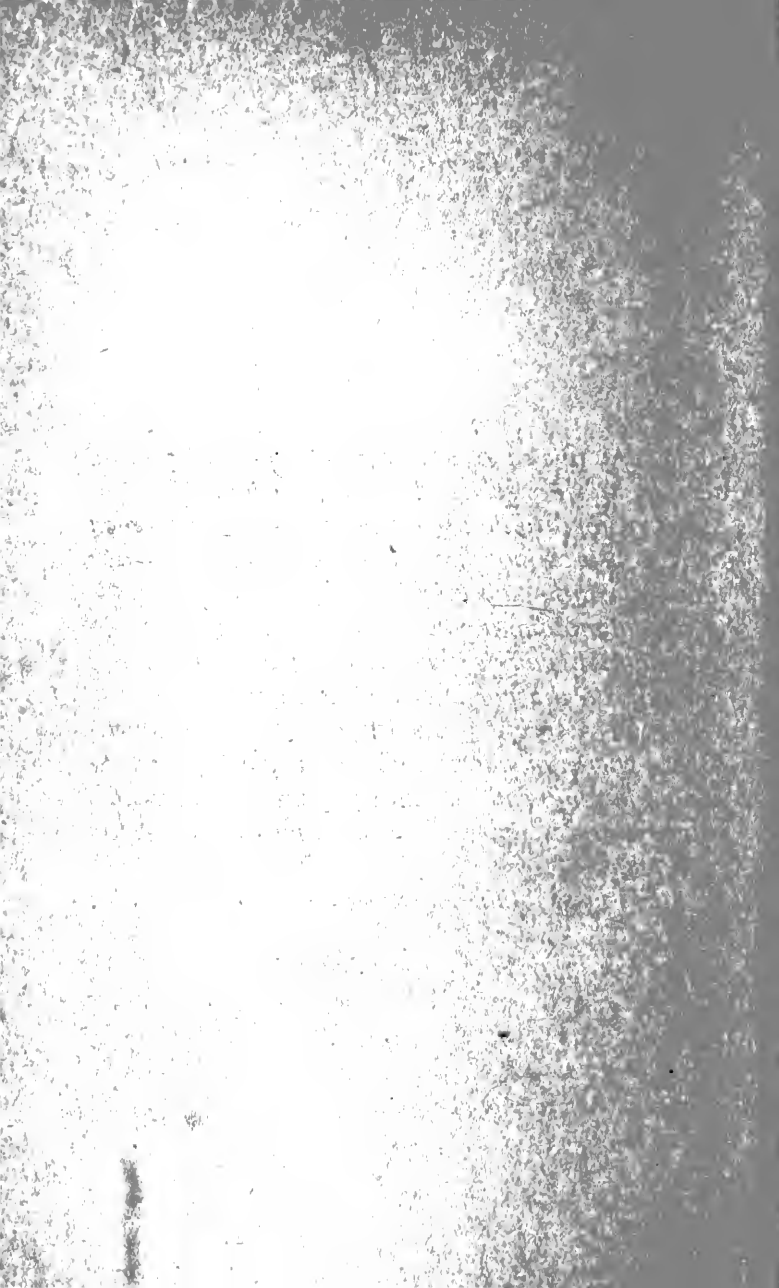
Mas se o pregão já foi lançado, e o bando tiver de correr mundo, guardarei a illusão consoladora de que entre muitos olhares indifferentes algum ha de cair com sympathia sobre estas paginas.

Para esse olhar os nossos contos. E basta.

Ex corde frater! paz e tranquillidade.

C. DE SABUGOSA.

Santo Amaro, Abril de 1894.



Querido Antonio:

Tens razão. Estes contos, escriptos ao sabor de impressões passageiras, e fugitivas, deveriam seguramente ficar para sempre esquecidos no cesto dos papeis velhos, de onde só a nossa generosa condescendencia os poderia desencantar depois de vivamente instados pelo nosso amavel editor. Temos porém a desculpar-nos que n'esse dia, já bem distante, o sol cantava alegremente no azul purissimo do céu e ambos nós, sem já hoje podermos atinar porque, sentiamo-nos de um bello bom humor complacente. Empenhada a nossa palavra, combinámos rebuscar antigos numeros de jornaes adormecidos em velhas gavetas, recortar a nossa prosa e envial-a no dia seguinte á pequena loja da rua do Alecrim, de onde o Gomes dirigia então os rudes trabalhos da sua nova instalação ao Chiado. Assim o fizemos, e n'uma folha de papel almaço, que servia de capa ás tiras já impressas escrevi «De braço dado». Applaudiste o titulo. Passado pouco tempo nem tu nem eu nos lembra-

vamos sequer, que tínhamos encontrado para velhos papéis e já picados de traça a avis rara de um editor! Gomes, porém, depois de uma curta viagem a Paris, entrava na lucta da publicidade com todo o arsenal do reclame, e, com grande espanto nosso, uma bella manhã os jornaes annunciavam á uma, com estridentes rufos de adjectivos, o nosso esplendido livro «De braço dado». Lembro-me que encavacámos. E por algum tempo todos os dias continuava, cada vez mais desapiadado, o rufar dos adjectivos. Calámo-nos como ratos, e ás perguntas, que amigos e indifferentes nos faziam, respondiamos com dubias evasivas. Felizmente Gomes lançara-se de cabeça, e a valer, no grande turbilhão. Os titulos dos livros que ia editar—e o que é mais, que iam apparecendo—succediam-se enquanto que o nosso, com grande gaudio teu e meu, já de todo estava esquecido! Sentimo-nos respirar. Esse afortunado silencio, que julgáramos eterno, quebrou-se, inundando-nos,

como uma bilha cheia de agua que se desequilibra de cima da cabeça de uma tricana bonita ao ouvir um galanteio, e hoje as provas dos nossos contos, ilustrados ainda em cima, entram-nos aos encontrões pela porta dentro. Curvemos a cabeça inda que isso pese á nossa vaidade.

Relendo estas paginas não é por certo orgulho o que sentimos por as haver escripto. Assim a critica, se porventura viesse a occupar-se de simillhantes ninharias, não nos causaria espanto com o seu juizo. Sabemos de sobra o nenhum valor d'estes contos. Escriptos porém em epochas distantes, cada um d'elles representa para nós, além de uma emoção, um estadio na nossa vida. Pode fixar uma emoção, triste ou alegre que ella seja, é augmentar-lhe a duração e a intensidade. E é esta, a meu vêr, a ancia constante do coração humano. Só os espiritos futeis se comprazem no esquecimento. E quando por sua vez a memoria se vae cansando, se não gastando, é sempre bom

tambem ter d'estes pontos de referencia que a auxiliem. Assim, se este livro longe de nos augmentar os creditos litterarios vae ainda causar no publico um justo desapontamento, consolemo-nos com a idéa de que para nós representa alguma cousa. Para mim então, que tive a rara fortuna de encontrar em ti o melhor e mais leal dos amigos, orgulho-me de legar aos meus filhos um livro em cujo rosto se lê o meu ao lado do teu nome.

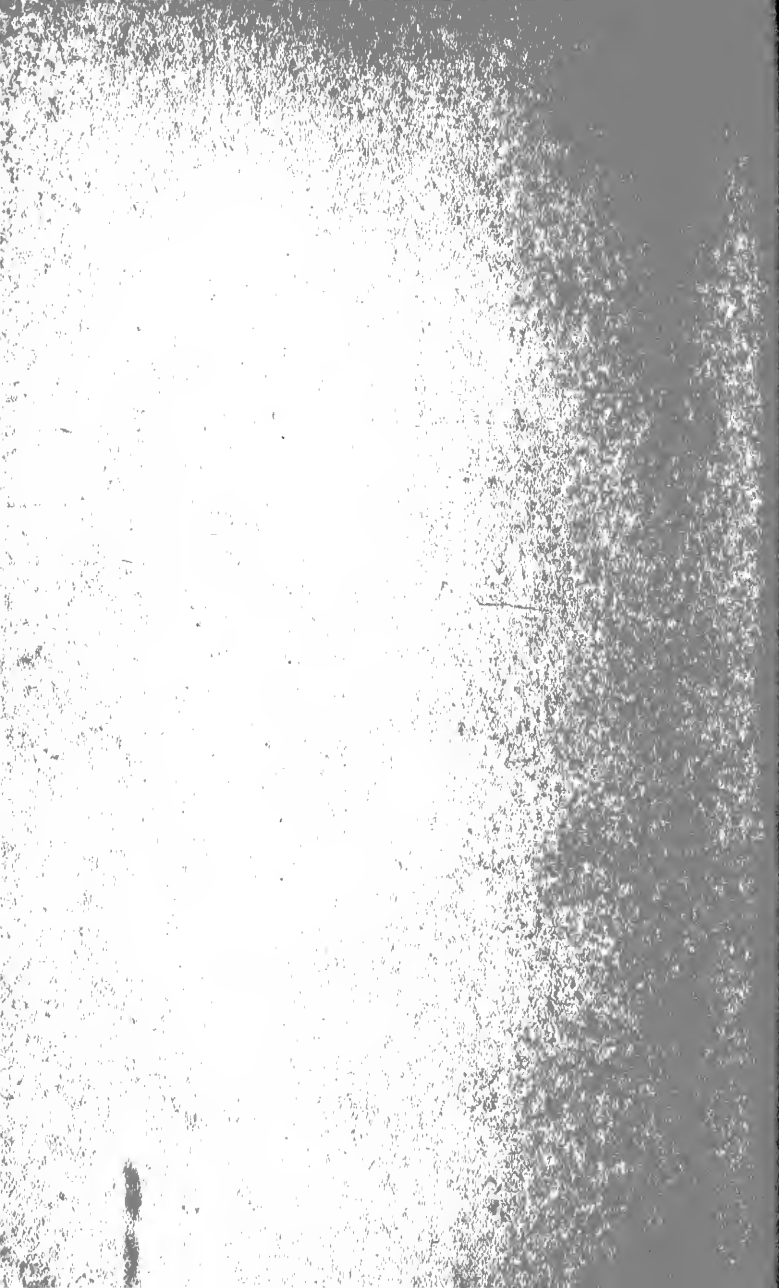
Teu irmão

BERNARDO.

Lisboa, Abril de 1894.

I

A ALLIANÇA INGLEZA



A sua vaidade de mulher bonita lisongeava-se com a convicção de ter fixado o coração volúvel e a imaginação impressionável do noivo; a consciencia da propria superioridade dava-lhe a certeza de ter definitivamente tomado posse do espirito do marido, fortaleza tantas vezes atacada, e outras tantas espontaneamente rendida, nas batalhas alegres de uma mocidade jovial.

Não fazia elle grande sacrificio !

Que de facto poucas vezes se terá visto cabellos tão negros em ingleza tão branca — uma variedade de inglezas bem mais perigosa que a das espanholas que teimam em ser loiras.

E, para maior excepção entre as excepções do Reino-Unido, era tão graciosa que levava a crer que nos destroços da Invencível Armada, algum subdito de Filippe II, mais invencível do que os navios do poderoso monarcha, conseguira enxertar na ascendencia da gentil insulana uma boa parcella de requebro peninsular.

Tinham casado na primavera e acabavam n'aquella praia do norte a viagem de noivado antes do regresso a Lisboa.

N'essa manhã, uma deliciosa manhã de outono, no momento em que ambos saíam do hotel em direcção á praia, distribuia-se o correio.

Carlos recebeu um pequeno maço de cartas, que, pelo caminho, foi abrindo e lendo rapidamente.

Uns farrapos tenues de nevoeiro, ultimos vapores da natureza que se espreguiça n'um acórdar glorioso, cardavam-se lentamente nos pinheirões, em cujo fundo escuro destacava a construcção aguda da capella da Granja. Pelas estradas, ao largo, chiavam estridentes os carros, precedidos pelo andar saracoteado das raparigas, que, de pés descalços, saia curta, agulhão ao hombro, e negro chapéu de Avintes, fallavam aos bois pequeninos, jungidos pela alta canga rendilhada.

Um dia creador !

Creadas estrangeiras e fortes moçoilas espaduadas conduziam ao banho as creanças, que saltavam pelo saibro do caminho.

N'aquella immensa serenidade da natureza em festa a formosa ingleza, aspirando as frescas baforadas do mar, pensava com prazer como era borrar o caminho, na vida, que se lhe revelava sem nuvens, ao lado d'aquelle rapaz tão bello, tão intelligente, tão seu !

Quando elle lia a ultima carta, franzindo um quasi nada o sobr'olho, ella interrogou-o com pronuncia levemente estrangeirada :

— Boas noticias, Carlos ?

— Tudo negocios. Talvez tenha que ir hoje ao Porto. Vamos ao banho, meu amor!

— Hoje não tomo, mas acompanho-te á praia.

Meia hora depois, enquanto Carlos nadava ao longe, para fóra dos recifes, ella, sentada n'uma cadeira de pinho, passava distrahida pelas orelhas felpudas de um paciente Terra Nova os compridos dedos, n'um dos quaes se enroscava uma aliança de oiro fosco, trabalho indiscutivel de joalheiro inglez.

Sobre o seu regaço, na flanela branca do fato, a cabeça negra do cão deixava-se afagar, olhando-a com reconhecimento, quando dois pequenos varinos enlutados se chegaram, pedindo esmola para a mãe, doente e viuva.

Ao passo que o mais velho descrevia a agonia do pae, n'uma tarde triste de inverno, tentando salvar-se a nado do naufragio do barco em que pescava, a dor da pobre viuva, e a miseria em que tinham ficado, entristeceu os olhos doces da ingleza, surprehendida por aquelle gemido, revelador das desgraças soffridas pelos outros, enquanto a sua alma nadava em pleno azul,

Compadecida e interessada, dirigiu-se á barraca em que ficára o fato do marido, para tirar-lhe a bolsa do dinheiro. Na precipitação, um movimento brusco espalhou no chão a correspondencia, e a sua vista atrahida para uma carta que se abria, leu distinctamente, n'uma larga calligraphia :

«Partimos no comboio que passa ahi ás onze

horas. Abre um parenthesis no teu idyllio, e vem passar umas horas em alegre *companhia*. A tua dedicação será premiada.

M. >

O sentido d'estas linhas, ao principio confuso aclarava-se assustador, á medida que ia repetindo mentalmente cada palavra. *Abre um parenthesis...*

De subito, assaltou-lhe o espirito a phrase de Carlos «Talvez tenha que ir ao Porto», que lhe manifestava cruelmente a resolução d'este, o convite, acceito, a surpresa violenta do seu romance, que, ao voltar de uma pagina adoravelmente suave, entrava em plena catastrophe.

E tal commoção a agitava, e tão convulsa estremeia, que, ao atirar a esmola aos pequenos varinos, do seu dedo esguio resvalou sobre a areia fofa a alliança de noivado !

Aquelle pequeno aro de oiro, sumido de repente com o peso da queda, afigurava-se-lhe uma lagrima feita de todas as dores que a sua alma podia sentir, caída sobre o extenso arial habituado a sorver o mar.

Agora, esse annel representava para ella um enyigma, a que a imaginação supersticiosa ligava, n'um exaggero de sentimento, a resolução do seu destino.

Achado—veria reatar-se o fio doirado do seu viver feliz,—perdido—futurava a eterna desolação de uma viuvez abandonada.

A maré ia crescendo !

As ondas lambiam a areia remexida, e recuavam, escorregando pela superficie espalhada.

Sem o sentir, os seus pés soffriam já os beijos frios da agua.

Ciume, despeito, orgulho ferido, revolucionam-se no coração ha pouco ainda tão tranquillo !

O seu espirito recto e leal, onde a educação britannica deixara um fundo de principios intransigentes, difficilmente comprehendia «aquelle *parenthesis*» que a carta, e talvez o marido suppunham poder fechar-se em segredo, sem quebra na vida que levavam.

Ia crescendo a maré !

A este tempo Carlos, para quem passára despercebida a scena anterior, saiu da barraca, aconchegando o forte jaquetão azul, esfregando as mãos n'um contentamento despreoccupado, a trautear os compassos alegres de uma canção de caça.

Surprehendeu-o a figura de sua mulher, de pé, na franja de espuma, que a onda deixava, na areia, um pouco curvada no empenho de procurar, afastando-se, quando o mar avançava na subida, correndo atraz da resaca, que cada vez deixava menos espaço para a sua empreza.

— Perdeste alguma coisa ? perguntava.

Em resposta, ella mostrou-lhe na mão tremula o logar do anel ao ausente.

E tanta magua expressavam aquelles grandes olhos, costumados a brilhar de alegria, tanta an-

gustia havia n'aquelle rosto, de que elle apenas conhecia as linhas risonhas, que bem claramente percebeu o drama intimo que a affligia.

A maré trasbordava pelas praias, desenhando uma extensa linha branca, que, desde a capella do Senhor da Pedra, corria, perdendo-se nos areas de Espinho.

Na superficie tremeluzente do mar o olhar d'ella fixára um ponto, que não abandonava.

Carlos, como um criminoso, que mais conhece o delicto pelos effeitos que produziu, do que pela intenção com que fôra commettido, conservou-se junto d'ella contrariado, sinceramente commovido.

E porque ella seguia insistentemente a sua idéa, e porque a'elle repugnavam explicações, conservaram-se assim muito tempo.

Era encantadora, pensava Carlos, aquella mulher que soffria por sua causa. Sentia impetos de lhe beber as lagrimas, de se lhe atirar aos pés, de os beijar aquelles pés que tão corajosamente tinham affrontado o mar por causa d'elle. E iria despedaçar a sua felicidade com a inconsciente despreocupação com que se atira ás andorinhas, que, nas tardes de verão, cortam o ar?

A maré agora ia baixando.

Na estação retinia a campainha do telegrapho, annunciando que o comboio partira de Espinho.

Teria coragem para a deixar, perguntava-se ella, e ir, Deus sabe em que companhia fugir n'uma hora de esquecimento dos mezes que ingenuamente

esperára ver prolongados n'uma serie luminosa de luas de mel, até á velhice?!

Partiria n'esse comboio, que já despontava ao longe, avançando com rapidez? Pareceu-lhe vel-o fazer um movimento em direcção á gare.

Estremeceu perante a certeza do abandono, pensando na solidão a que voluntariamente se condemnaria, resolvida a não pactuar com exigencias sociaes.

Era certo, a perda da alliança significava o presagio da sua grande dor!

E, enquanto a maré ia baixando gradualmente, e Carlos, desvanecido já o remorso, começou a gosar com egoista satisfação o prazer de se sentir assim adorado, o comboio entrava na estação, ruidoso, offegante, e afastava-se pouco depois com um silvo agudo e prolongado.

Desfazia-se o pesadelo.

N'este momento, um refluxo demorado da maré descobria na superficie brilhante da areia molhada a alliança de ouro, que a triumphante rapariga levantou no ar n'um gesto radioso.

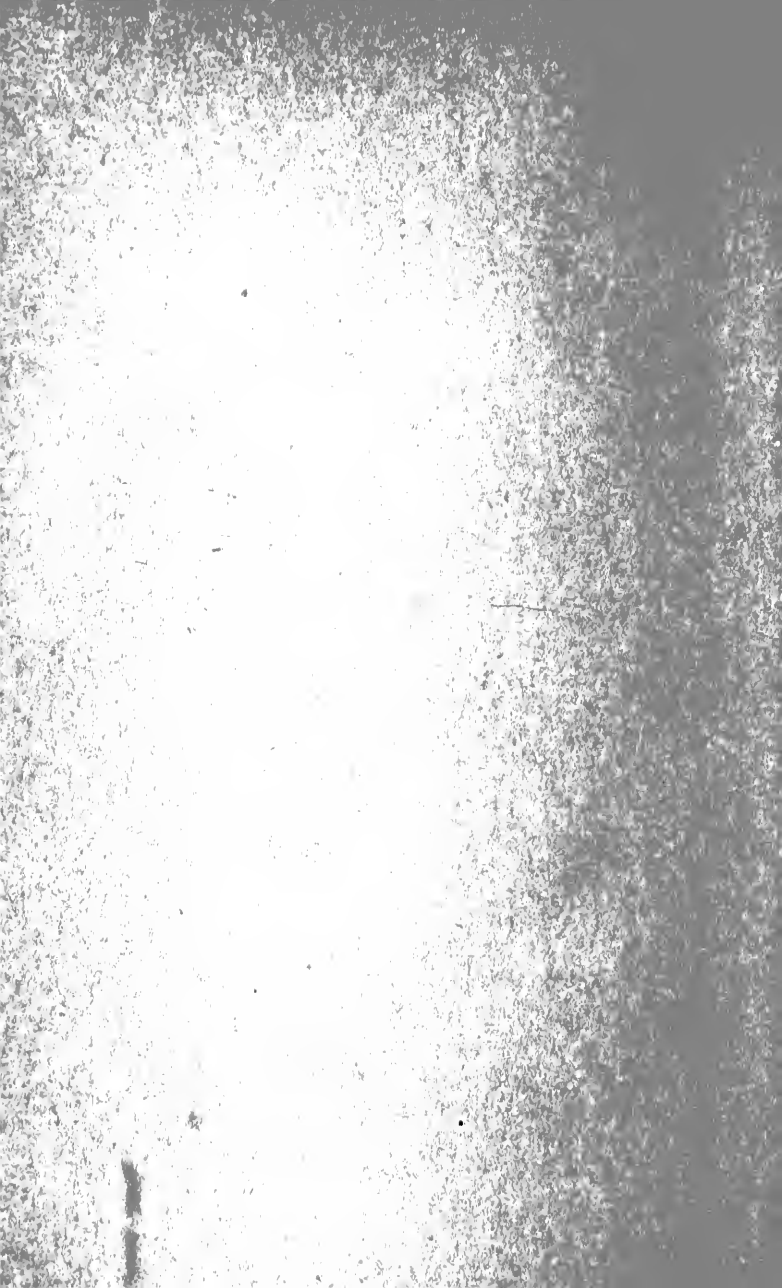
— És tão deliciosamente creança, affirmou-lhe Carlos, que sinto desejos de todas as manhãs atirar ao mar o meu anel, como faziam os doges nas suas nupcias com o Adriatico.

Por entre os pinheiraes, ao norte, novellos de fumo da machina fugitiva desfaziavam-se, dissipavam-se, na transparencia azul da atmospherá!

C. S.

II

UM PEQUENO ROMANCE



A quem logo de manhã cedo em Vizella vae para o banho, não póde passar despercebida uma rapariga dos seus dezoito annos mal contados, que ali adiante á esquina da botica, sentada no granito do passeio, vende chapéus de palha, que ella propria, n'um labor incessante, continuamente fabrica. N'esse pequeno e animado recanto, onde outras mulheres vendem em redondos açafates saborosas donas Joaquinas — afamadas peras do Douro — e em cestos, forrados de brancas toalhas de grosso linho, alvo pão de trigo, é a delicada figura da rapariguita dos chapéus, que, com o seu ar de uma melancholia estranha, destaca pelo contraste do seu calmo socego com a grita azafamada das vendedeiras em redor.

Com o mólho das palhas de centeio humedecidas, entalado debaixo do braço esquerdo, vae compondo sem desviar os olhos do trabalho, a comprida trança de onze pernas, que achatada entre os dedos, se lhe vae enrolando no braço, á medida que vae crescendo. Enquadra-lhe a perfeita oval do rosto um lenço de chita amarello e desbotado; os cabellos louros e crespos, accendem, com os seus

fulvos tons de oiro vivo, uns restos de frescura na passada côr do lenço; é pallida, de uma pallidez doentia, que nos faz pensar na morte escura; os seus olhos verdes e claros, brilham frouxamente do fundo das pisadas olheiras que os cavam; o collete minhoto, de cotim, sem barbas, aperta-lhe carinhosamente o busto fino, pondo em evidencia, sob a camisa de estopa, o timido relevo gracioso dos pequeninos seios virginaes.

Junto a si, sobre o pequeno e tosco banco de madeira, tem a alta rumã dos chapéus já feitos.

Se um freguez se acerca d'ella, ergue então os lindos olhos pisados, e só interrompe a sua trança para receber na palma da mão os magros cobres por que vende os seus chapéus.

À tarde, quando esse recanto mais se anima e as doceiras chegam com os taboleiros de rebuçados, e apparece o dentista da aldeia, que é ao mesmo tempo pedicuro, com o seu rosario de dentes passado a tiracollo, abancando tambem ao lado, dispondo sobre uma velha mesa de cozinha uma cadeira de pau enfraldada em panninho vermelho, sobre que destacam, enfileirados sobre um quadrado de cartão, nojentos callos phenomenaes, extirpados a gretados pés de lavradores em vez da rapariga, é então a mãe, envelhecida pelos rudes trabalhos do campo, que occupa o seu logar.

A filha foge talvez ao reboliço da estrada, essa larga fita desigualmente bordada de predios abazileirados, onde de preferencia passeia n'um vae-

vem continuado a chusma de banhistas, pobres e tocadores.

Mendigos, aleijados e andrajosos, arrastam-se pedindo esmola n'uma cantilena arripiante ; cegos com a cabeça erguida, á busca da luz que de todos lhes fugiu, passam guiados pela mão de miseras creanças ; a mulher da harpa e o homem da rabeca, cegas de viola, gallegas de pandeiro com as curtas tranças caídas atadas na ponta, levam atrás de si ondas de basbaques, que pasmam e fazem roda logo que a desafinada musica principia ; ás portas dos hotéis organisam-se em grande grita as alegres burricadas ; raras carruagens de luxo, com os cocheiros abafados em fartos sobretudos brancos por um calor de rachar, passeiam banhistas venturosos, que ha vinte annos assombram a provincia com o luxo das mesmas equipagens ; creanças lindas, alegres e felizes, abrigadas por grandes chapéus de palha, correm na frente das mamãs ou das creadas ; outras, enfezadas e rachiticas e já tolhidas do rheumatico, pobres seres que entram na vida pela larga porta do soffrimento e da dor, por onde todos nós, velhos, um dia teremos de saír, vão nos carros de doentes abafadas, com o seu arsinho triste de uma melancholia profunda ; lavradores e lavradeiras que recolhem do banho da tarde caminham lentamente, agazalhados nos lençoes de banho e nas saias de flanella escura que põem á cabeça ; um doudo com a sua cabeça de apostolo de retabulo de igreja, inoffensivo, apesar do forte cacete com que

bate no chão as longas e lentas passadas, é seguido pelo rapazio, que ás furtadellas lhe puxa pelas abas do casaco esfrangalhado; brazileirinhas de olhar languido, vestidas ainda na rua do Ouvidor, calquinham com os seus sapatos amarellos a poeira da estrada, amparadas a finos varapaus fer-rados; os papás, ventrudos e com ricos brilhantes no peitilho da camisa, vão deitando para o ar fumaradas de charuto e de importancia, cruzando, desdenhosos, garotos calçados em chinellas, filhos de pequenos lavradores remediados, que d'aqui a vinte annos, passearão tambem por este Minho risonho, — se a febre amarella os não levar a breca, — as suas bellas apolices e a rica commenda de Christo!

E é positivamente este confuso rumor de romaria que a rapariguita dos chapéus evita fugindo para longe. Para onde? Quantas vezes, passando junto ao cemiterio, que em declive vem morrer na estrada, alegre e risonho, com os seus muros caidos, ou então da ponte, olhando o fundo valle assombreado, fizemos a nós mesmo esta pergunta?

* * *

Hontem á tarde, descendo ao banho mourisco, e de lá seguindo sempre o rio, á sombra de bellas arvores — carvalhos, que as vides viçosas abraçam; esguios freixos enramilhetados no alto; amieiros finamente recortados; tristes salgueiros de folha

miudinha; raros castanheiros de onde agora, ao menor sopro da aragem, cáem as candeias como grandes lagrimas douradas — pisando sobre a relva fresca mimosas flores silvestres e escutando enleados a festiva musica dos passaros, caminhavamos sonhando, quando, de repente, do outro lado, um canto triste, como o de uma alma penada, se elevou vibrante, fazendo calar nos ramos as timidas toutinegras e na nossa alma esvaír-se como fumo o inexplicavel, indefinivel enlevo, que a nossa phantasia ía acalentando. Sentada sobre umas pedras, mais pallida do que nunca, e compondo a interminavel trança, era ella que soltava em notas crystallinas os fundos, maguados, gemidos do seu dilacerado coração, não despegando os olhos da corrente, que corria mansa e limpida, beijando junto ás margens as verdes frondes dos fetos.

Quasi ao mesmo tempo, de entre os milharaes da margem onde estavamos, a voz roufenha de um homem gritou imperativamente :

— Eh ! rapariga, basta hoje da maluqueira do rio ; é saltar á bouça e recolher o gado, que vão sendo horas.

A voz da rapariga estrangulou-se-lhe na garganta ; levantou-se, e, sempre fazendo a sua trança, foi subindo vagarosamente a encosta. As toutinegras recommçaram nos ramos, contentes, a cantar. O homem, um pouco adiante, seguia o mesmo triho que eu ía pisando. Apressei o passo, chegámos juntos ao portêllo.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo.

— Para sempre louvado, — respondi ; e logo, sem mais rodeios, perguntei-lhe se a moça era sua creada.

— É minha filha e tem sido os meus peccados, senhor.

— Os seus peccados ? !

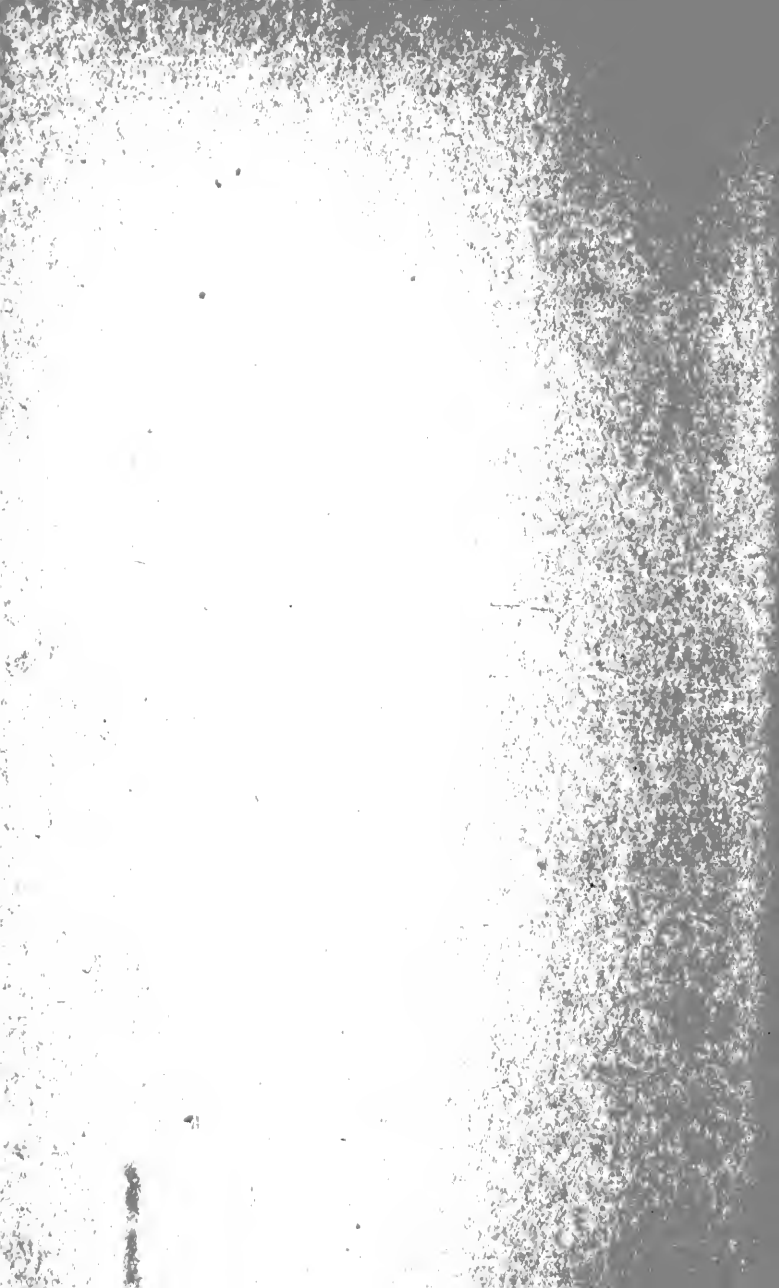
Então, trocando os *vv* pelos *bb*, explicou-me na sua linguagem pittoresca, que, haveria uns bons dez annos, pelo inverno, guardando ella os bois com um rapazote da mesma idade, que era seu creado, ali por aquelle mesmo sitio, o rapaz caíra ao rio e fôra encontrado morto perto do açude da azenha. Desde aquelle dia, a rapariga, sempre que podia, fugia de casa, e, a modos apatetada, ficava horas inteiras sentada n'aquellas pedras a olhar para o rio.

— Por mais bordoadada que lhe dei, não me foi possivel arrancar-lhe essa manha do corpo : aquella, senhor, vai de palmito á cova !

Estavamos perto das poldras, os bois bebiam socegradamente, levantando de vez em quando as bondosas cabeças para o ar parado e calmo ; ella, a meio do rio sobre uma pedra, com o molho das palhas de centeio humedecidas entalado debaixo do braço esquerdo, compunha ainda, sem desviar os olhos da corrente, a comprida trança de onze pernas, que achatada entre os dedos, se lhe enrolava no braço á medida que crescia ! . . .

III

A CABRITA



Ao ver os seus grandes olhos negros e húmidos, sublinhados pelo esmalte suavemente esbatido das olheiras, a bôca de beiços palpitantes, finos e sensuaes, a pureza extraordinaria dos contornos do seu corpo, facil seria adivinhar que Maria, por alcunha — a Cabrita — não era irmã de Manuel Torrão, nem filha da Sr.^a Engracia, rendeira do casal do Arneiro, situado á borda da estrada que conduz de Cintra a Mafra.

Tinha uma historia simples o apparecimento da rapariga no casal.

Uma noite, que Filippe, marido da Engracia, se apromptava para ceiar, ouviu tres argoladas na porta, o que, pelo desacostumado do caso, o surpreendeu. Mas abríra, e ainda com a vista pouco affeita ás trevas da noite, sentiu que lhe depunham nos braços uma pequena canastra, e viu as lanternas brilhantes de um *coupé* afastarem-se na escuridão, ao som do trote rapido de dois cavallos.

O espanto abafara-lhe na bôca um protesto. E quando o cerebro começou a trabalhar era já tarde.. Na estrada tinham desaparecido os dois pontos

luminosos; na canastra a engeitada começava a chorar com frio e fome.

Recolheu-a. A recusa de sua mulher de amamentar, juntamente com o Manuel, a filha «de algum alfacinha desavergonhado», oppoz uma vontade energica, aliás, pouco habitual n'elle, e que só se revelava quando despertada pelo seu bom coração.

N'ella, porém, outras razões a levaram a obedecer. A rapariga, crescendo poderia substituir o pastor, que agora lhe fazia despeza, e assim o Manuel receberia uma educação como ella desejava.

Baptisaram-n'a, chamando-lhe Maria; mas como a pequena chorava muito, e a tia Engracia quando fallava d'ella dizia sempre: — «aquella cabrita que lá tenho em casa» — perdeu o nome, e para todos ficou sendo — a Cabrita.

Era esperta, selvagem, graciosa e elegante como esse animal. Subia aos mais inaccessiveis rochedos, trepava, com desembaraço, aos ponteagudos penhascos da serra, e enchia de espanto o tropego Manuel, quando, ás tardes, marinhando ligeira até aos ultimos galhos do ulmeiro, que lhes sombreava a porta, soltava com os dedos pollegar e indicador na bôca, um assobio agudo, avisando o pastor da hora do recolher.

Minutos depois chegavam as duas vaccas, a egua, as cinco cabras, e o Carochó, o cão de guarda do pequeno rebanho pastoreado pelo João. Era este o filho de um mendigo aleijado, que, so-

bre um burro corria as feiras, mercados e arraiaes, e que alugára o pequeno á Snr.^a Engracia por seis annos, ao fim dos quaes ella calculava poder confiar o gado á Cabrita.

Para a habituar mandava-a ás vezes á serra levar o almoço ao pastor.

Era uma tristeza para o Manuel, era uma festa para a rapariga, que corria livre a juntar-se ao João, longe da vigilancia severa, no goso pleno da liberdade aproveitada em caçar pintasilgos nas ribeiras, e em esgotar o leite das vaccas do rebanho.

A Cabrita dominava o pastor, e dominava o Manuel. Mas o primeiro era para ella um cumplice. Adivinhava na febril imaginação quasi diabolica da pequena as crueldades que melhor torturariam um animal, e as contrariedades que maior desespero causariam á tia Engracia. Sofrendo ambos a má vontade d'esta, tinham inconscientemente encontrado, na similhaça dos destinos, affinidades secretas que os ligavam.

• Pelo contrario, o Manuel, apesar de docil, submisso, bonacheirão e desejoso sempre de obedecer ás imposições da Cabrita, que o deslumbra, escusava-se receioso de a seguir nas empresas arriscadas, tentava até dissuadi-la, e ficava-se a chorar, humilhado, por não o ter conseguido, mais humilhado ainda por lhe faltar o animo de a acompanhar.

Pelas dez horas da noite de um sabbado de dezembro, enquanto a tia Engracia cabeceava de

somno, junto da chaminé, á luz tremula da candeia, e o vento assobiava sinistramente pelas fendas, quatro homens, arrastando o passo, trouxeram o corpo de Philippe, hirto, com os braços pendentes, fulminado por uma congestão, que o matára, na taberna proxima. A Cabrita, enrodilhada no cobertor do pequeno catre, armado atrás de uma cortina de chita, acordou sobresaltada, e, vendo o corpo de Philippe estendido n'um colchão, veio tremula, com os olhos esgazeados, n'um impeto convulso, atirar-se, chorando, á cabeça do velho. Arrancaram-n'a d'ali, debatendo-se em espasmos violentos, com a bôca espumosa, n'um estertor prolongado, e com os pequenos membros agitados por contracções convulsivas.

Quando no dia seguinte viu saír para sempre o corpo do seu pae adoptivo, sentiu que por aquella porta desaparecia a unica protecção que lhe restava no mundo. Não tardou muito que a tia Engracia lhe tornasse mais penosa a situação.

O pastor foi entregue ao pae, Manuel entrou na escola.

* * *

Passaram-se annos, durante os quaes a Cabrita, na convivencia quasi exclusiva do rebanho, se desenvolveu em plena natureza, com a expansão anormal de flor exotica.

O seu corpo, cuja distincção accusava uma ori-

gem superior, aproveitára o influxo salutar do campo para tomar a opulencia das fórmulas sem perder a correcção das linhas. O character, porém, formára-se incoherente, extravagante, meio selvagem no isolamento do monte, influenciado pelos germens da doença, que porventura herdára, contrariado, na tendencia espontanea, pelas rudezas da educação. Os lampejos da sua intelligencia inculta revelavam-se em excentricidades que, para as naturezas simples dos que a rodeavam, se manifestavam como symptomas de doidice. E a quasi hostilidade com que por isso a tratavam pervertêra-lhe a indole, desequilibrára-lhe as faculdades, lançára-a n'uma atmospheria de somnambulismo, dera-lhe um aspecto enigmatico, e uma apparencia quasi seductora de animal bravo.

Por entre as nebulosidades do seu pensamento creado nas solidões ennevoadas da serra, ou através do confuso sentir que a vida contemplativa do monte, e o desabrochar florescente da puberdade lhe excitára, uma unica figura se destacava nitida, constante, absorvente, exagerada pela ausencia. Tudo quanto o hystericismo póde inspirar: paixão ardente, desejos insaciaveis, mystica adoração ou desvairado amor, se accumulára na phantasia caprichosa da rapariga em torno do companheiro de infancia, o pastor, glorificado pela distancia dos annos de separação.

Esse exagero de vida affectiva applicado a um ente idealizado e distante, se preservava o seu

temperamento incandescente do abandono ao primeiro audacioso attrahido pela exuberante femi- nidade d'aquelle corpo glorioso de *Venus rustica*, prejudicava o timido e prosaico Manuel, sempre constante na sua boçal dedicação e singelo culto.

Nas horas que, primeiro a escola, e depois o tra- balho lhe deixava livres não a seguia nem acompa- nhava, receioso da indiferença desdenhosa com que a altiva rapariga o torturava.

O companheiro unico da Cabrita nos tristissi- mos dias de inverno e nas tardes interminaveis de verão era Carochó, o cão de guarda.

Um dia, que o sol intenso dos fins de Junho se desfazia em calor sobre as searas maduras da vasta planicie levemente ondulada, que vai da serra be- ber ao longe no mar, enquanto o rebanho de foci- nhos no chão se agrupava com attitudes resignadas em volta de uma arvore d'onde caía escassa som- bra, e o Carochó, de barriga na terra, mãos esten- didas para a frente, arquejava com a vermelha lin- gua pendurada babando-se pelos cantos da bôca, a Cabrita parecia dormir ao abrigo de um silvedo de amoreiras.

Estirava-se ao comprido a sua bella figura in- dolente sobre a relva, opulentados os seios pelo espreguiçar dos braços que, torneando a cabeça, apanhavam a nuca nas conchas das mãos. Com os olhos semi-cerrados pela morbida expressão de um goso dolente, os beiços tremulos na invocação sor- ridente de beijos invisiveis, acariciada a pelle de

fructo sazonado pelas rendilhas buliçosas das sombras projectadas, a formosa rapariga fazia lembrar uma divindade gentilica, sonho amoroso dos egípcios, faunos e satyros das florestas pagãs.

Um som guttural, que mais parecia annuncio de um espasmo nervoso do que chamamento, despertou a attenção do Carochó, que se approximou vagarosamente.

Ella então, levantando um nada a cabeça, lançou os braços como um collar de neve ao pescoço negro do animal.

Quando, porém, na bôca purpurina sentiu o focinho frio do cão, com os olhos muito abertos como quem acorda de um sonho agitado, teve um ímpeto enojado, e com um socco vigoroso desviou o Carochó, que se afastou ganindo humildemente.

Durante todo esse dia se conservou obsessa de estranha excitação, combalida por um soffrimento indefinido, alheada de si mesma, na vaga expectativa de um acontecimento desejado. E quando pela tarde, descendo a encosta que leva ao riacho onde o gado ía beber, viu na margem fronteira a figura aprumada do João, sem alvoroço nem espanto, como se um praso—dado ali lh'o trouxesse, compellido mysteriosamente pela força invocatoria do seu espirito, dirigiu-se com naturalidade á outra margem, levantando ao de leve a saia na passagem da ribeira cuja frouxa corrente os seus pés perturbavam, illuminada pelos clarões alaranjados do sol

poente, simples e radiante, como as pastoras bíblicas das paisagens serenas da Judéa.

Não lhe fallou nos annos de ausencia, nem o interrogou sobre o passado: foi elle que a chamou á realidade, narrando-lhe as tristezas da sua vida sempre atribulada, e os trabalhos da sua situação actual. Nem domingos, nem dias santos, nem de noite, nem de dia tinha um momento livre. Lamentava a separação, deplorava o ter de viver eternamente separado da unica pessoa que lhe queria bem.

A Cabrita commovida approximára-se d'elle n'um enternecimento subito, quando os passos pesados de Manuel vieram cortar o fio do idyllio que se esboçava, fechar o romance aberto na primeira pagina.

Separaram-se os tres, sem quasi trocarem uma palavra.

* * *

Os trabalhos da debulha entraram em plena actividade d'ahi a dias. A colheita fôra boa. Junto das eiras, que salpicavam aquella região, levantavam-se loiras medas de palha fofas e grandes como travesseiros de gigantes. Pelas nove horas de uma noite escurissima, um almocreve, que passava na estrada, lobrigou a distancia uma pequena fogueira tremeluzindo nas trevas.

Applicando-se, reconheceu que o fogo se ateava rapidamente na palha. Correu a avisar, e em poucos minutos as labaredas subiam no ar entre novellos

de fumo. Homens e mulheres chegavam desordenadamente atropellando-se, em grita.

A torre da villa tocava a rebate, e o som estri-dente da corneta do destacamento reunia os soldados para correrem em auxilio. Dos logares e aldeias proximas vinha chegando gente.

A aldeia em que João trabalhava despovoou-se. Elle seguiu um pouco atrás demorado pela sua tarefa. Quando se approximava do logar do incendio sentiu uma mão convulsa, que lhe segurava o braço. Era a Cabrita, que á luz sinistra das chammas, com as azas do nariz trementes, o peito arquejante, o busto um pouco debruçado, e um brilho extraordinario nos seus grandes olhos negros, lhe apparecia como um anjo diabolico.

Puxou-o silenciosamente para alem de um muro de pedra solta, que velava incompletamente a fogueira atravessado pelo clarão, que alumiaava phantasticamente. A confusão perto d'elles redobrava com os gritos dos homens, os lamentos das mulheres, o choro das creanças n'um borborinho afflictivo de catastrophe.

Foi n'este scenario infernal que ella, atirando-se com violencia aos braços do João, celebrou as suas nupcias n'um desvairamento selvagem de animal feroz...

.....
Quando acordaram d'aquelle pesadello delicioso o fogo estava extincto.

Apenas em volta do brazido alguns grupos elo-

giavam o trabalho e coragem de Manuel, que se distinguira na faina.

D'ahi a dias ardia outra meda de trigo, e com menor intervallo uma terceira.

Nas circumvizinhanças lavrava um terror. As eiras começaram a ser vigiadas.

O incendio immediato manifestou-se n'um curral, onde se recolhiam uns bois, que morreram ululando dolorosamente.

Quando João se encontrou com a rapariga, perguntou-lhe timidamente:

—Porque havemos de encontrar-nos sempre n'estas occasiões? Ainda não me viram trabalhar nos fogos. Podem reparar. E descobrir a causa da nossa ausencia.

Ella cortou resoluta:

—Não ha outro meio de nos encontrarmos.

E tentou desfazer n'um beijo a nuvem que lhe sombreava o espirito. Comtudo João partiu ruminando uma idéa.

N'essa noite quando a Cabrita recolhia, Manuel saíu-lhe ao encontro, dizendo com voz tremula.

—Não entres já. Temos que fallar.

Ella parou.

—Ha por ahi suspeitas, continuou elle hesitando, de que os fogos têm sido lançados por alguém. Um pastor viu hoje um vulto de mulher afastar-se rapidamente do curral que ardeu. Houve uma denuncia de... Falla-se no teu nome. Eu não sei o que ha. Mas sei que te quero mais que á pro-

pria vida. Ninguém se atreverá a suspeitar da mulher de um homem honrado. Queres casar commigo?

Manuel calou-se escutando anciosamente.

Ella, que o ouvira em silencio, sem admiração, sem medo, sem gratidão, respondeu n'um tom syllino de quem revela uma verdade inspirada:

— Não posso. Já casei!

E continuou andando como n'um somnambulismo.

* * *

Mezes depois, sentava-se a Cabrita no banco dos réus do tribunal de Cintra, vestida de preto, com um lenço cruzado sobre o peito, empallidecida pelos mezes de prisão e serena como uma virgem de quadro italiano.

As provas accumulavam-se terriveis. Fôra vista atirando matto incendiado para o interior do curral, refugiando-se com um homem atraz de uma sébe proxima. Quem a denunciara não se enganava certamente.

Quando Manuel, testemunha de defeza, se levantou para depor, houve na assembléa um movimento de attenção.

Foi com voz forte, resoluta e decidida, que respondeu ao juiz.

— Conhece a ré?

— Creou-se em minha casa.

— Julga-a capaz de ter commettido o crime de que é accusada?

— Foi ella effectivamente que lançou o fogo.

— Sabe se tem cúmplices? Conhece o homem que a acompanhou?

Manuel respondeu sem hesitar:

— Esse homem... sou eu!

Houve no auditorio um murmúrio de espanto e de protesto.

O juiz interrompeu a audiéncia, mandando instaurar novo processo, que teve seu desenlace pouco depois, sendo Manuel absolvido, e a Cabrita condemnada a degredo perpetuo.

Quando entravam no paquete de Africa os degredados que partiam, Manuel dirigiu-se á Cabrita com lágrimas na voz:

— Hoje, ou queiras ou não, hei-de acompanhar-te. Vendi o nosso rebanho e o mais que tinha. Vou para a Africa para nunca mais te abandonar.

E o generoso rapaz nunca revelou á Cabrita o nome do cobarde denunciante seu cúmplice!

C. S.

IV

EM VIAGEM



UMA noite, em Kobe, em lugar de ir percorrer os bairros pittorescos da cidade, deixei-me ficar na banal casa de jantar do *Hôtel des Colonies*, commodamente sentado á beira do lume, conversando com uma senhora ingleza, viuva e já idosa, que sósinha viera da Australia passar os mezes de inverno ao Japão. Se não fossem os *Ka-que-monos* authenticos, dependurados pelas paredes escaioladas da casa, e o barulho especial que nos vinha da rua do rodar sereno dos *jinrink-shas*, junto com o tropear constante das *guetas* do povo, batendo forte nas pedras do passeio, julgar-me-hia em toda a parte, menos n'uma grande cidade do florescente imperio do Mikado.

Como essa minha delicada companheira de alguns dias levasse a sua amabilidade até ao ponto de me deixar accender um charuto, eu sentia-me completamente feliz, pensando n'aquelle doce agasalho, no encanto que era uma longa viagem quando, como então, eu vinha já caminho do meu *home*. Conversamos por muito tempo, por largas horas. Ella, sentada defronte de mim, saboreava a pequenos goles, o seu café, já frio, descançando

de quando em quando a chicara sobre a pequena mesa de charão que nos separava. Ao principio a nossa conversa não teve o maior interesse. Ambos tinhamos visitado mais ou menos os mesmos povos, entrevisto as mesmas civilisações, admirado as mesmas paizagens. Trocadas as nossas impressões de viagem, fallámos em poetas, em romancistas e terminamos por discutir amor. Ahi é que o nosso desaccordo foi absoluto. E no emtanto ella fallava como um livro aberto. Ao escutal-a, discorrendo com tamanha paixão, julgava ter diante de mim uma creança cheia de illusões, e convencia-me, que os cabellos brancos que polvilhavam a cabeça d'essa respeitavel senhora, deviam vir de muito longe, da sua mocidade, de fundas feridas abertas no seu coração, que o tempo não lograra cicatrizar.

Para mim, não havia amor que não nascesse de uma forte impressão de belleza e de graça; ora, mercê das feias, belleza e graça é tudo quanto no mundo ha de mais largo, de mais extenso. Sempre que um homem encontra uma mulher que se lhe afigura bonita, o amar ou deixar de amar com paixão essa mulher depende unicamente da nossa vontade e do nosso raciocinio. Livre ella por seu lado, bem entendido, de corresponder ou não a esse amor, o que é sempre tambem na mulher o effeito da primeira impressão que o homem lhe causa. O gostar-se de alguem pelas qualidades que lhe descobrimos, póde levar a tudo, menos a esse sentimento que, por isso mesmo que é passa-

geiro e ephemero, nasce como morre — repentinamente.

Ella achava-me contradicções, e não comprehendia que a vontade e o raciocinio entrassem para alguma cousa, considerando eu, como lhe parecia, o amor como uma geração espontanea. Eu tambem não comprehendia claramente, devo dizel-o, mas o tempo ia passando e a nossa conversa tornava-se cada vez mais animada.

— Comprehenda cada um como quizer o amor — dizia-me ella — o que é certo é que na nossa vida nada ha mais desgraçado. Eu, se tivesse uma filha, educal-a-ia no desprezo d'esse sentimento.

— Do homem, quer dizer, minha senhora, — e, levantando-me um instante, curvei-me respeitosa-mente como me cumpria.

— Não. O homem, as mais das vezes, é tão infeliz como nós, e, se elle é a causa d'essa infelicidade, não é raro que o seja por uma forma inconsciente. O terrivel no amor é sempre a fatalidade que o persegue. Senão, escute a historia, bem singela e bem simples, de uma amiga minha, que lhe vou contar :

Ha muitos annos já — era eu uma rapariga moça — Bessie encontrou em Paris, n'um baile, um estrangeiro como ella, que lhe causou uma profunda impressão. Como me lembra o dia seguinte ao d'esse baile, a confidencia de Bessie feita no Louvre, n'uma visita ao museu, em que nós, adiante das nossas mães, fingiamos olhar para os quadros e não

fallavamos senão d'elle. D'elle, que eu nunca tinha visto, e que Bessie só uma vez vira!

Durante todo o tempo que estive em Paris foi em vão que por toda a parte Bessie esgazeava os seus formosos olhos, procurando o seu desconhecido. Da America, para onde depois partiu, escrevia-me longas cartas; e, ou fosse em toda uma pagina, n'uma curta linha, ou n'um *post-scriptum*, sempre me fallava da sua aventura. Eu procurava dissuadil-a d'esse sonho, que não podia ter uma realidade, que não passava de uma phantasia muito parecida com uma teima de creança.

Quando Bessie voltou para Inglaterra encontrei-a bem mudada. Tinha-lhe fugido de todo a alegria e na sua carinha branca apagavam-se desmaiadas as rosas dos seus dezoito annos. Ambas as nossas familias viajavam muito, quasi todos os annos. Assim aconteceu que passamos algum tempo sem nos ver. As cartas de Bessie já me não fallavam da sua chimera, mas eram sempre de uma tristeza que me affligia. Um dia escreveu-me uma carta, onde essa tristeza era apenas mal disfarçada, e no emtanto fallava-me do seu casamento.

«O meu noivo — dizia-me — é um rapaz muito agradável, bem educado rico e bem nascido. Os papás, que desejam este casamento, estão contentissimos. Eu tambem».

Vi-a depois. Não me foi preciso perguntar-lhe se era feliz. Sabia que não, e comtudo d'esse casamento tinha nascido uma pequenina Bessie, encan-

tadora como a mãe. Ella, que no casamento não encontrara a ventura com que todas nós sonhamos, soube concentrar toda a ardencia do seu desilludido amor na filha, que estremecidamente amava. O tempo, quando se olha para traz, passa depressa mesmo para os que soffrem. Quando a filha era já uma senhora, n'aquelle mesmo Paris em que o coração da mãe pela primeira vez acordára n'um sonho, tão depressa dissipado, encontrou, n'um baile tambem, um rapaz que era o retrato vivo do seu desconhecido de ha vinte annos. Calcule, se pode, a triste surpresa da minha pobre amiga! Velha já, fóra do combate da vida, tendo diante de si, em toda a força, em toda a plenitude da sua mocidade, a imagem vivissima d'aquelle a quem só amára no mundo!...

N'este momento abriu-se a porta da casa de jantar. Era um creado japonéz com o seu amplo *haure*, que, muito respeitoso e curvado, perguntava n'uma linguagem quasi incomprehensivel se quieriamos que nos servisse o chá. A minha companheira, interrogando-me com o olhar, respondeu que não, e, presa de uma mal disfarçada commoção, proseguiu.

— O nosso heroe, deixe-me chamar-lhe assim, estava n'esse baile. Acompanhava o filho, que fazia pela Europa a sua primeira viagem de instrucção. Ao descobrir a pequena Bessie, elle a quem a belleza da mãe tambem em tempo não passara despercebida, pediu á dona da casa para

lhe ser apresentado. E nos dois cantos oppostos da mesma sala, dois velhos fallavam com os seus amores de ha vinte annos, tão novos, tão moços como n'aquella epocha distante!... E podiam ter sido bem felizes, que elle era já viuvo quando pela primeira vez viu a minha querida amiga.

Visivelmente impressionada, *Miss X* levantou-se da cadeira e, com a sua mão um momento esquecida na minha, accrescentou :

— Está ainda novo, meu caro, não despreze o conselho de uma velha. Deixe-se de theorias ; não ha theorias em amor. Se por acasò n'esse pedaço de mundo que lhe resta ainda por percorrer, descobrir por ventura alguém que lhe faça estremecer o coração, lembre-se da historia que lhe acabei de contar.

Good night.

* * *

Na minha travessia de Nova-York para o Havre liguei-me a bordo com um russo, filho de um banqueiro, que depois de uma viagem de seis mezes pela America do Norte recolhia a S. Petersburgo. N'esse mesmo vapor vinha um enxame de louras americanas lindas como os amores. O meu amigo achava uma d'ellas deliciosa, tão encantadora que nunca quiz dirigir-lhe a palavra. Ella olhava-o com interesse e, quando eu lh'o fazia sentir, o russo dizia-me :

—Estou muito moço para me casar e sinto que por essa adorável *miss* seria capaz de me perder!

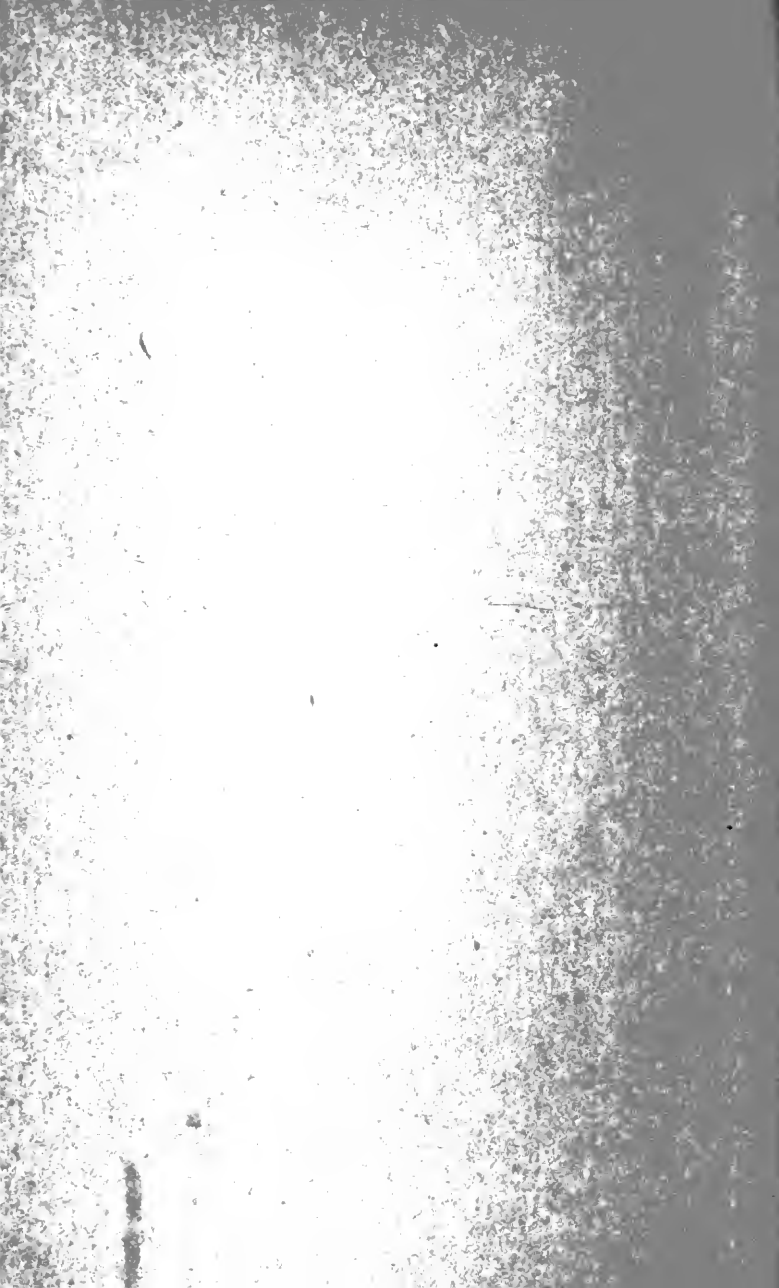
Quando, no fim de oito dias de uma alegre viagem, desembarcámos no Havre, corremos á pequena estação do telegrapho estabelecida no proprio caes da companhia transatlantica. De todos nós, só o russo tinha um telegramma. Quando sahi encontrei-o á porta; pallido, meio desfallecido, tomou-me o braço e caminhámos na direcção do comboio, para onde a toda a pressa se fazia o trasbordo das bagagens. Os nossos companheiros, com o prazer de quem desembarca, passeavam de um lado para o outro esperando o signal da partida. Entrámos n'uma das carruagens. Então, o meu amigo, dando largas á sua dor, até alli reprimida, traduziu-me o telegramma que acabára de receber. O pae tinha morrido depois de uma desgraçada quebra em que perdera toda a sua fortuna. Pobre rapaz, que triste viagem essa até Paris! Apenas chegados á *gare* Saint-Lazare partiu immediatamente para a *gare* do norte a tomar o comboio que liga com S. Petersburgo. Despedi-me com ternura e com saudade d'esse amigo de poucos dias, que ia resolvido a enterrar-se na Siberia com sua infeliz mãe, se porventura conseguisse salvar umas terras que lá possuia. Ao entrar de novo na estação encontrei-me com a loura *miss*, que vinha sahindo com os paes. Ao apertar-me a mão não pôde conter-se e perguntou-me pelo meu amigo. Em duas palavras disse-lhe da desgraça que o ferira. Nos seus olhos

claros, lípidos e serenos, surpreendi uma lágrima !
Desde ahí nunca mais me lembrei do meu russo
que não sentisse o remorso de lhe não ter repetido
a história da velha inglesa de Kobe...

B. P.

V

BALÕES



UMA aragem tão leve como sopro de creança, balouçava docemente acima da multidão, que sahia da missa do Loreto, um cacho de balões de *cautchouc* d'uma transparencia suave, e a que o plenisol d'aquelle manhã de Abril dava o aspecto dos maravilhosos fructos de Aladin.

Um grupo de pedras preciosas emigrantes ! Esmeraldas, saphyras, e rubis, esvoaçando no espaço, anciosas por se encastoarem na curva do arco Iris !

Esses balões attrahiam como um iman, os olhares desejosos das creanças, que, arrastadas pelas mães, voltavam as cabecinhas, namorando as esferas voláteis, capazes n'aquelle momento de lhes dar a felicidade completa.

— *Balões ! Balões !*

Pregoava, com voz tremula, o vendedor ambulante, um velhinho curvado e humilde, que no ultimo degrau inferior da escadaria da igreja, com pequenos movimentos sacudidos, fazia agitar a sua mercadoria, cobiça da turba infantil.

Não sorria n'essa manhã a fortuna ao pobre velho !

Uma ou duas vezes apenas o cacho descêra,

para que alguma creança mais dominadora da vontade materna lhe arrancasse um bago.

Os grupos desfaziavam-se, a multidão escoava-se pelas ruas, levando as ultimas esperanças do infeliz, cuja receita mal chegaria para matar a fome, ou attenuar a miséria, que porventura lhe ia em casa. E a sua voz ao principio vigorosa e expressiva nas duas notas em oitava do pregão ia esmorecendo, declinando, apagando-se como uma toada longiqua, que se afasta pouco a pouco... *Balões ! Balões !*

A este tempo, n'um banco da praça de Luiz de Camões, alguns vendedores de jornaes espreguiçavam-se, contavam os ganhos da manhã, ou soccavam-se amigavelmente em lutas simuladas. Um d'esses garotos, de corpo atrophiado pelo rachitismo de umas poucas de gerações indigenas do Bairro Alto, e em cujos olhos brilhava uma esper-teza e malicia precoces, descascava delicadamente uma laranja com a navalha afiada, em posições inconscientemente grotescas de macaco sofrego. Á medida que a navalha, rodeando o fructo, destacava uma longa serpente amarella, o sumo que escorria pelas mãos escuras do operador era rapidamente lambido com gestos gulosos. Este antegosto sybarita, a intencional demora na preparação do pomo, explicava a extranhese do facto não vulgar entre a sua egualha—a applicação da navalha a uma operação, que de ordinario é executada sem outro instrumento mais do que a crescida unha

do pollegar, habituada aos exercicios do bordão nos acompanhamentos do fado corrido.

A laranja, quasi despida, luzia ao sol, emquanto junto da egreja o pregão cada vez esmorecia mais na separação das syllabas :

Ba-lões! Ba-lões!

O garoto, a cujos ouvidos chegára aquelle quasi gemido, disparou um olhar de orgulhosa superioridade contra o velho.

O contentamento do feliz, indifferente a desgraças alheias!

A physionomia, porém, transformou-se-lhe quando, ao receber um forte encontrão de dois companheiros que brigavam como gallos, viu rebolar pelo chão a appetitosa laranja, que, depois de se envolver n'uma capa de poeira, foi achatada debaixo da larga sola de um moço de fretes, que passava carregado.

Uma catastrophe.

Proferiu uma praga rancorosa, e teve uma exclamação tão expressiva, que o grande épico, escutando-a, desmancharia a posição de gala, se a palavra no seu tempo não fosse um substantivo de uso familiar.

O odio que se espalhou na alma do garoto dispertou-lhe a necessidade de uma vingança; de praticar um maleficio, que o indemnissasse da perda.

Desejou atacar com a navalha os importunos brigões que o tinham privado do appetecido banquete, mas costumado a refriar os seus impetos

com receio da policia, e sentindo a superioridade da força dos dois adversarios, procurou em volta de si uma victima inoffensiva em que saciasse a sêde de transmittir a outrem o mal recebido.

N'este momento chegou-lhe de novo aos ouvidos o pregão do velho vendedor.

Nos seus olhos luziu uma idéa attrahente, e sem nada confiar aos companheiros, que o seguiram com a vista cheia de curiosidade, dirigiu-se ás escadas da igreja do Loreto.

Subiu pelo lado opposto áquelle em que o velho se achava, cavalgou surrateiramente a balastrada, e, quando a aragem inclinava para si os balões, com um golpe da navalha cortou a linha que os prendia.

Os balões subiram, subiram lentamente pela limpidez d'aquella manhã, como um bando de illusões que nos abandonam!

O velho, com o desalento que traz uma infelicidade persistente, sem protesto, nem desforço, seguiu com a vista humedecida o cacho multicolor, que pouco a pouco ía diminuindo pela distancia na ascensão!

Ao longe, os garotos riam insolentemente, e o publico afastava-se sem interesse, commentando a ausencia da policia.

Uma senhora alta, vestida de preto, com elegancia correcta, e que, saíndo da rua do Outeiro, presenceára a scena que descrevemos, encaminhou-se em direcção ao pobre arruinado.

A distincção da sua belleza severamente dissimulada n'um luto que torna as loiras inconscientemente provocantes, o olhar sereno de um azul escuro sublinhado por reflexos intelligentes, a morbida flexibilidade com que o seu busto bem talhado acompanhava o balancear suave dos quadris, despertavam a curiosidade de adivinhar a sua posição social, difficil de determinar.

Mestra das que os paizes do norte exportam depois de revezes de fortuna em familias abastadas, viuva de negociante estrangeiro, ou mulher abandonada por seu marido, havia de certo na sua vida um romance que lhe dava um interesse particular, e a envolvia n'um aroma attrahente.

Quando chegou perto do velho vendedor, a sua attenção foi chamada para a igreja fronteira, de onde saía o luzido acompanhamento de um noivado.

Vagamente se podia distinguir as feições da noiva atravez do amplo véu.

Rodeavam-n'a parentes e amigos.

As joias das senhoras e as fardas dos homens indicavam riquezas e altas posições sociaes.

O noivo, um rapaz alto, trigueiro, com um ar intelligente, e em cujo rosto se adivinhava a satisfação dos ambiciosos a quem a fortuna sorri e o futuro promete, era apertado por alguns em abraços protectores, adulado por outros com parabens humildes a que elle respondia benevolente, deixando-se festejar.

Quando porém sobre o hombro de um gordo baixinho, que o abraçava com affecto, o seu olhar se cruzou com um outro azul escuro, que o fixava do lado fronteiro, junto ao vendilhão, estremeceu de leve e teve um sorriso contrafeito. Se alguém reparou n'esta alteração passageira, attribuiu-a de certo a excesso de enthusiasmo do expansivo convidado.

Nas feições correctas da senhora, que, lá de fronte olhava o noivo feliz, a commoção gravou-se mais profundamente. Os finos beiços tão doce-mente coloridos, e tão cheios de carinhos virtuaes, perderam o rosado, e o inferior, apertado nervosa-mente pelos dentes brancos, teve contracções reve-ladoras de um afflictivo desalento.

A noiva poz um pé no estribo da carruagem, cujos cavallos com movimentos impacientes faziam abanar os laços que lhes enfeitavam as cabeças. Atirou um beijo á mãe, que innundou de lagrimas o lenço de cambraia, e subiu ligeira, seguida pelo marido. A portinhola fechou-se e o coupé dobrou a esquina em poucos segundos, como esquivando-se á insistencia do olhar azul escuro que o perseguia.

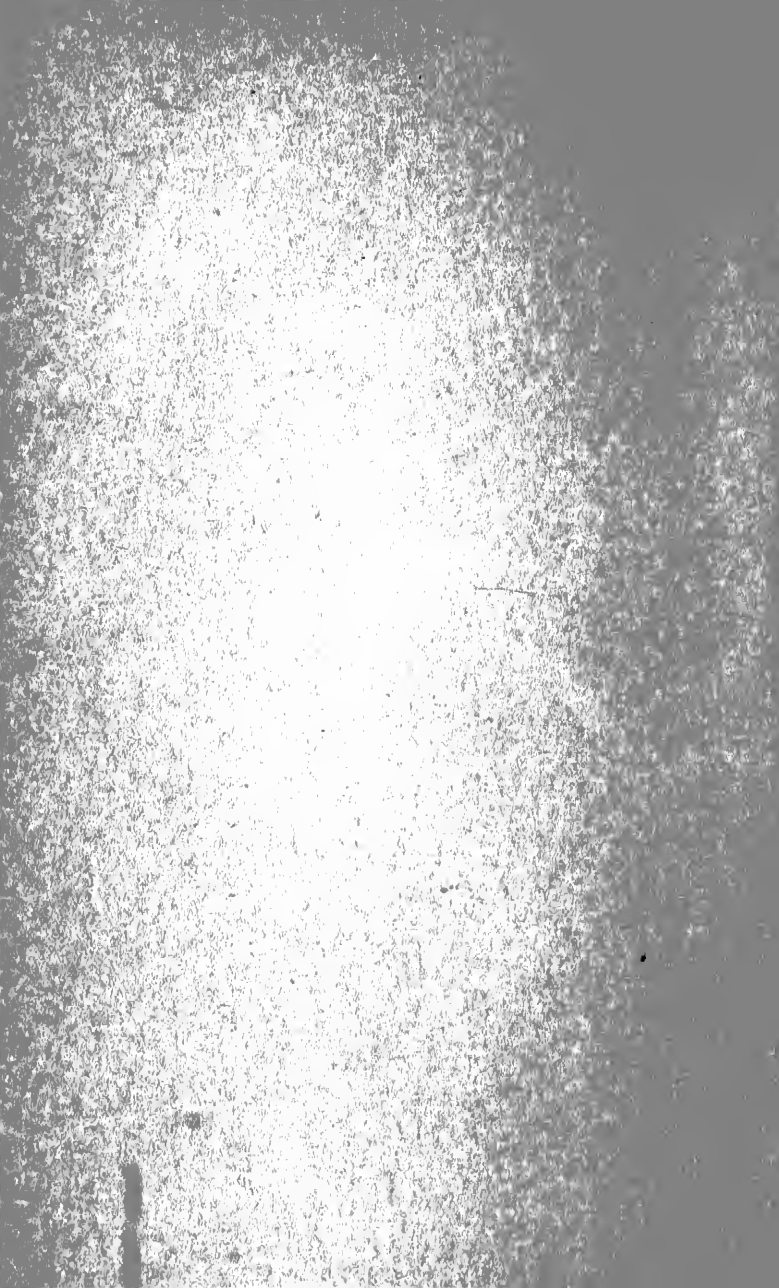
Esse olhar voltou-se então para o velho, e a desconhecida, tirando da carteira uma moeda de oiro depôl-a silenciosamente na mão tremula do vendedor rendido de gratidão.

D'alli a pouco tempo apenas se apercebia no alto um ponto negro já sem forma de balões.

E então na dolorosa expressão do rosto d'aquella

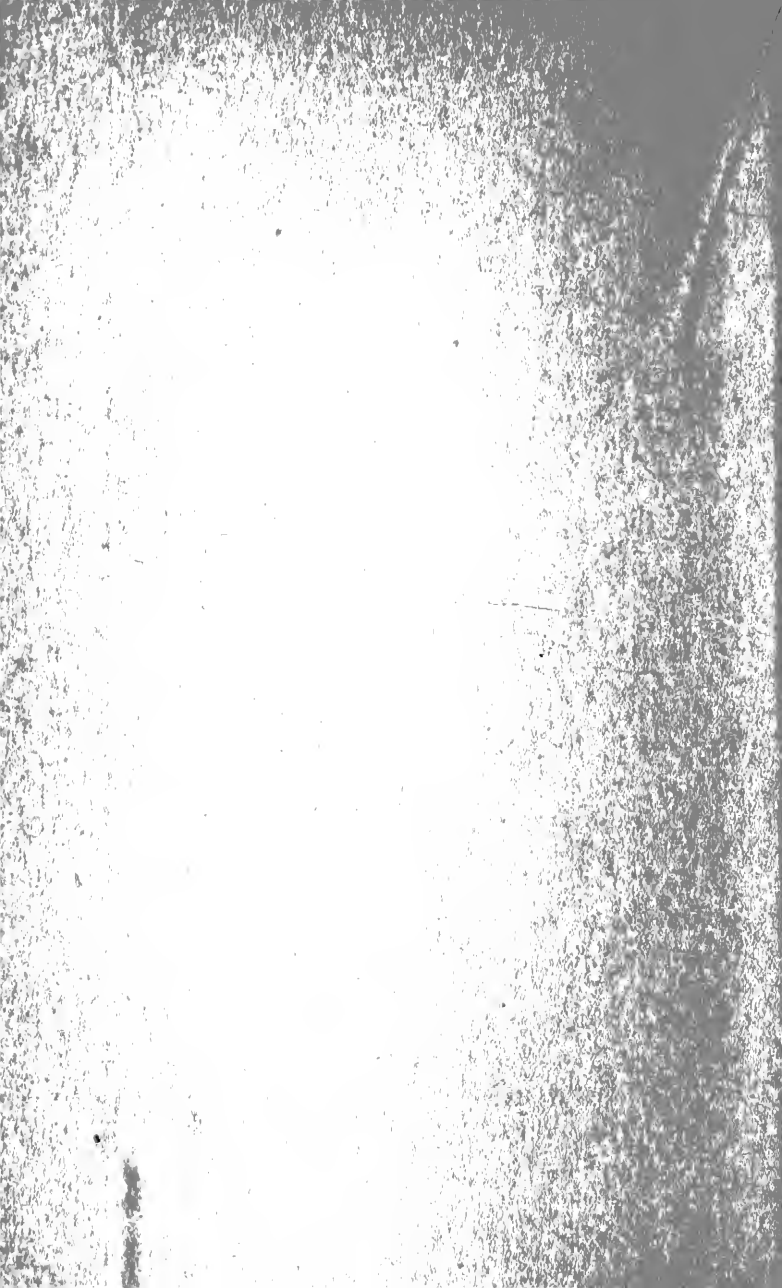
tão doce, tão sympathica, tão attrahente mulher, julguei ler a cruel comparação entre a sorte do velho, cuja riqueza apesar de perda nas nuvens, era tão facil de substituir, e a sua, cuja felicidade ali perto e sobre a terra, bem mais intangivel era que os balões multicôres.

C. S.



VI

NO MAR



NOITE escura. A chuva cáe, de espaço a espaço, em bategas copiosas.

O mar ronca fortemente, esbravejando em ondas levantadas, que se despedaçam em tumulto de encontro ás eriçadas rochas da costa deixando-se morrer, n'um ultimo impeto desesperante, sobre a fina areia da praia.

Para a vida elegante de Cascaes, um temporal é sempre um incidente previsto. O club pôde não estar tão concorrido como de costume; mas é só a chuva que impede os menos ousados de ir até lá, ou ás casas mais intimas que de preferencia frequentam. Com o temporal ninguem se importa. Uma valente tempestade entra mesmo no programma que a temporada Cascareja tem de prehencher: Dias azues de um sol claro banhando o oceano tranquillo e socegado como o lago de um jardim; noites limpidas de um luar pallido como uma mortalha de virgem; manhãs em que o nordeste quente assobia nos pinhaes da Guia, arrastando comsigo bandos de rolas mansas; noites calmas com o escuro ceu picado de estrellas scintillantes; tardes serenas em que o sol se esconde entornando pelas

nuvens, que franjam o horizonte, tintas de cores incomparáveis; um temporal emfim, bramindo por esse largo mar, quebrando as ondas furiosas contra as pombeiras da bôca do inferno, cobertas a cada instante por um lençol de espuma que a força do embate das vagas desdobra, enorme, pelo ar!

Como de ordinário estas tempestades são tudo quanto ha de mais innocente; foi para todos uma surpresa o saber-se, que ali perto, na bahia, a dois passos de distancia, um cahique estivera prestes a naufragar.

Sem carga, com destino á Figueira d'onde tinha chegado havia uns poucos de dias, o pequeno cahique, sem receio do temporal que ameaçava, saíra a barra de Lisboa mesmo á bôca da noite. A tripulação, composta de cinco homens, tinha pressa de voltar a casa. Dois d'elles eram casados, esperavam-n'os as suas mulheres e os seus filhos. Os restantes, rapazes ainda novos, pensavam nas namoradas. Que importava as nuvens que se acastelavam no céu sombrio? Tudo isso era nada; um pouco de vento sul que mais depressa os faria chegar ao porto appetecido. Pobres homens do mar se fossem a ter reparos e hesitações para cada caranca que o tempo faz! Assim, com os olhos na Senhora da Bonança e muito n'esses entes tão amados, iam sulcando os vagalhões que mais e mais se cavavam. A bórdo ninguem fallava. Se não fosse a furia do vendaval ouvir-se-ia mesmo a respiração d'esses peitos opprimidos. Apenas de

quando em quando se levantava a voz do mestre ordenando uma manobra. O pharol do Bugio ficava já muito para traz, tremeluzindo na noite negra como a luz amarellada, triste e mortiça, de um cirio de enterro; a trovoada, fusilando ao longe, apagava os relampagos do pharol do cabo de Espichel; só o pharol da Guia, porque mais proximo, rasgava intensamente, alumando um abysmo, as fundas trevas da noite tormentosa. Como o mar quebrasse muito, navegavam com custo desviando-se da costa; mas a pouco trecho do cabo Raso uma lufada mais forte, como uma chicotada brandida por um braço de cyclope, desarvorou o cahique partindo-lhe os mastros, esfrangalhando-lhe as vélas risadas. Na confusão d'esse momento julgaram-se perdidos. Penosamente conseguiram armar um farrapo de panno no esgalho do mastro da proa. Voltando ao vento retrocederam lentamente a buscar abrigo na bahia de Cascaes.

O mar agora arremeçava-os para a costa e a cada arranco da fragil embarcação, quasi desgovernada, parecia-lhes já baterem nas pedras — as frias pedras de um sepulchro! O tempo que durou essa agonia não sabem elles calculal-o. Rez-vez com as pedras da ponta da cidadella, milagrosamente, entraram na bahia onde fundearam. As ondas encaPELLADAS, rugindo feramente, ameaçavam a cada instante fazer garrar o cahique. E aquelles homens destemidos, tão afeitos ao perigo, que pouco antes, deante da morte imminente, não souberam ter

um ai, uma queixa sequer, ao verem ali, defronte de si, a vasta fachada do club illuminada, cheia de vida, começaram a gritar implorando soccorro!

* * *

Um *ponto* que no terraço do club, mal abrigado sob o toldo; indifferente á chuva e ao vento, philosophava solitario porque jogára aos *grandes* durante todo um chorrilho de *pequenos*, foi o primeiro que vagamente se apercebeu dos gritos afflictivos. Ao principio ainda se julgou victima de uma illusão; mas vendo a luz do barco chamou para dentro e logo, todos que estavam no club, desceram dirigindo-se á praia. Os homens das armações, espalhados ainda áquella hora pelas tabernas, acudiram tambem ao borburinho que se foi formando na rua. A praia encheu-se como por encanto, e dentro em pouco archotes allumiavam sinistramente a confusão que ali reinava. Muitos julgavam ver já naufragos de envolta com a espuma das ondas que na praia se desdobravam com estrondo, e todos á uma clamavam pelo salva-vidas. Apareceu o patrão; mas abertas de par em par as portas do armazem que abriga esse barco inutil, viu-se logo a impossibilidade de o fazer saír repentinamente pela quantidade de escaleres ali arrumados; demais o arco tomado e a praia empachada pelos barcos das armações, que de dia se tinham assim posto a salvo da tempestade, não dava nem sequer logar á pas-

sagem de uma guiga. E no entanto, durante todo o dia, estivera içado o camaroeiro no mastro da cidadella. Para fazer sair o salva-vidas era indispensavel tambem licença da auctoridade competente. Um nunca acabar de embaraços! Alguem lembrou então que se lançasse uma chata ao mar. O patrão do salva-vidas e dois homens das armações offereceram-se corajosamente para a tripular. A chata foi trazida á força de pulso até á beira da agua, e vista assim, á indecisa luz amarella dos archotes, dir-se-ia um esquife carregando o pesado corpo de um morto!

O mar esbravejava cada vez mais furioso. Afoitamente os tres homens saltaram para dentro do pequeno barco; passaram-lhes tres remos; o patrão, levantando um archote acceso ficou á ré; os dois outros sentaram-se armando os remos nos toletes. No espraiair da vaga os que seguravam o barco empurraram-n'o com força para o mar. Logo ali, no quebrar da onda, partiu-se um dos remos; viu-se ainda o patrão, dobrando-se, apanhar do fundo da chata outro remo e passal-o ao companheiro. Logo depois o archote extinguiu-se e toda essa scena, tão singelamente dramatica, se perdeu na noite tenebrosa. Sómente ao largo, a frouxa luz accesa no cahique continuava a agitar-se doidamente com os balanços desencontrados do mar, e as vozes que de lá partiam eram cada vez mais angustiosas.

* * *

Ao cabo de uma hora, que durou toda uma eternidade, ouviu-se, já perto da praia, a voz do patrão anunciar alegremente:

— É lá, cá estemos! —

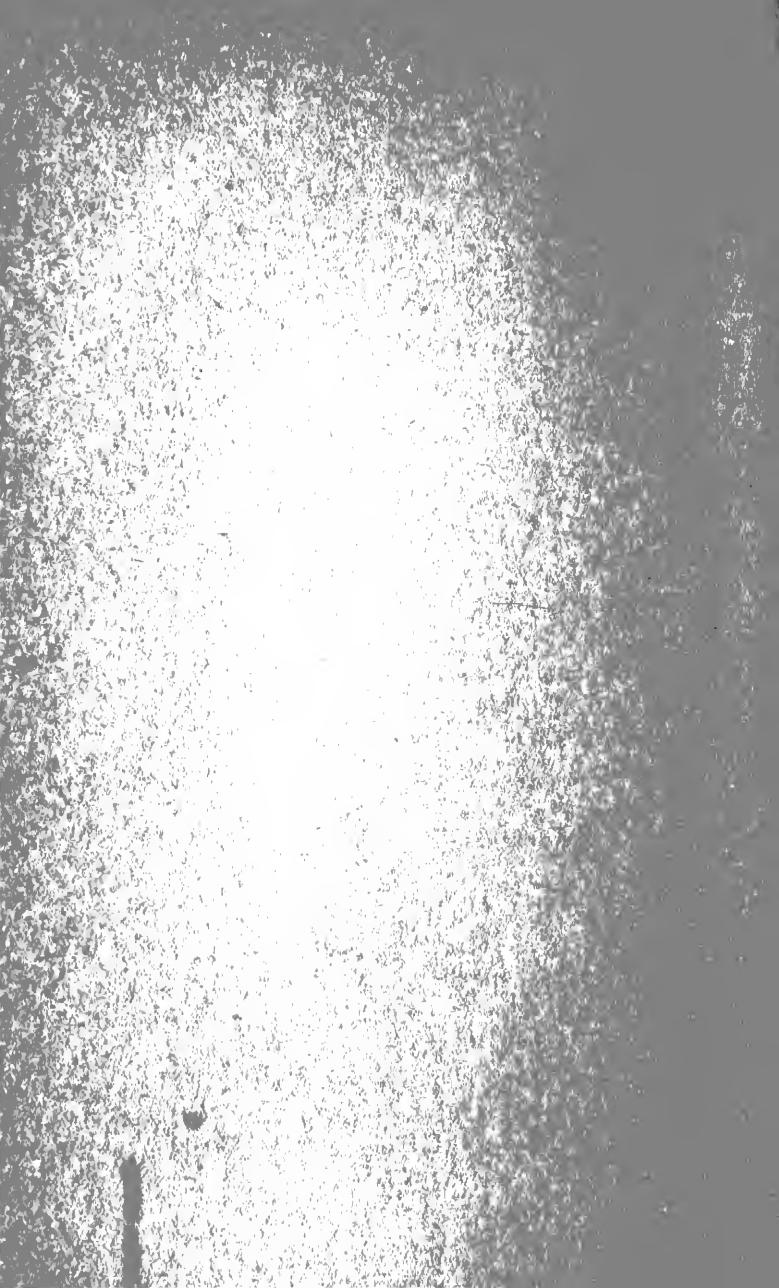
Houve então um grito unisono, desopprimido, de entusiasmo, e todos á uma correram na direcção do barco, que como uma casca de noz e rapido como uma flexa vinha á flor de uma enorme montanha de agua.

Os homens estavam salvos e eu lembrava-me com ternura, com uma saudade infinita, do tempo já bem distante em que creança ainda, morto de somno e ajoelhado aos pés de minha mãe, com a cabeça pendida sobre o seu regaço, repetia com ella as orações da noite que terminavam sempre por um padre nosso rogando a Deus por todos aquelles que andavam por sobre as aguas do mar...

B. P.

VII

O FILHO DO MAIORAL



A poucas leguas de Lisboa, na margem direita do Tejo, e não muito longe de uma das estações do caminho de ferro, estendem-se as vastas propriedades do marquez de * * *, possuidor de um nome antigo e de uma fortuna avultada, que tem atravessado com rara felicidade o temporal desfeito que arrasou para sempre a maior parte das suas iguaes.

Uma casa sem architectura definida, mas grandiosa e imponente, uma pequena mata em redor, e extensissimas lezirias que vão ao longe beber no rio, compõem o solar d'aquella familia, hoje representada pelo marquez e por sua filha, os dezoito annos mais seductores que a phantasia peninsular pode compor.

Herdára de sua mãe, uma distincta senhora hespanhola, dois magnificos olhos pretos, a sciencia de pregar obliqua e graciosamente o pente de tartaruga a que se prende a mantilha; e um enthusiasmo doido por touradas.

Os primeiros annos da sua infancia passados em plena vida do Ribatejo, assistindo a ferras, atravessando as pastagens dos touros, ouvindo narrar

os incidentes sempre variados do apartar do gado; e os mezes do verão que mais tarde vinha ali passar, tinham contribuido para lhe avivar a paixão pelo divertimento predilecto. Interessava-se vivamente pelas cousas da lavoura, e conversava sobre ellas muitas vezes com o velho José Pinheiro, o maioral das manadas, que lhe prestava um culto fervente. Ninguem no mundo havia tão bello, tão nobre, tão intelligente como a *menina*, a sr.^a D. Maria, por cujo nome elle jurava, citando-a sempre na familia, ou entre os companheiros como modelo para tudo.

Entre campinos, servos ou creados durante muitas gerações e em cujo peito figuravam as armas da casa que serviam, não é raro ainda encontrar com os restos d'um pseudo-feudalismo o sentimento de um respeito profundo por tudo quanto diz respeito á casa do senhor, ou á sua pessoa. N'este caso esse sentimento era elevado á veneração pelo velho José Pinheiro.

Um dia recebeu este um bilhete do mordomo do marquez, chamando-o a Lisboa para receber umas ordens. Partiu logo. Quando entrou no palacio, em Lisboa, encontrou um ar de festa, que não estava habituado a ver ali. Na larga escada, forrada de azulejos representando n'um desenho ingenuo as façanhas dos heroes da familia em mais de uma batalha celebre na historia nacional, os jardineiros dispunham diversas plantas ornamentaes. Nas cavallariças, os creados desdobravam as far-

das de gala, que o mordomo inspeccionava com cuidado; na capella, homens subidos a cavalletes adornavam as paredes. José Pinheiro entrou no escriptorio onde o marquez o recebeu com um sorriso benevolente.

— Bons dias, José. Como está a sua familia?

— Todos bem graças a Deus para servir a V. ex.^a.

— Não sei se sabe que casa depois de amanhã minha filha.

— Que Deus a faça tão feliz como eu lh'o desejo e ella merece!

— Os noivos vão passar oito dias lá á quinta. Tenha quartos preparados.

— Tudo estará prompto sr. marquez. Que mais ordena V. ex.^a?

— Desejo ir d'aqui a dias vel-os com alguns parentes e amigos. E no domingo quero ter uma tourada boa. Mande enfeitar a praça, escolha um grupo de *forcados* valentes, e aparte doze bois dos melhores.

— E elles agora que estão gordos e bons, sr. marquez. Meu filho vae ter um alegrão. Ainda o outro dia se lamentava de não ter vindo curro nenhum á praça este anno.

— Bom, então adeus José; disse o marquez despedindo-o.

— V. ex.^a dá-me licença que eu vá beijar a mão da sr.^a D. Maria?

— Vá, vá. José. Ella deve estar no jardim.

O velho campino partiu á noite satisfeito e orgulhoso da tarefa de que o tinham incumbido.

No comboio encontrou um companheiro de Villa Franca, ao qual desde logo participou a grande novidade. Havia de ser uma *tourada real*. Nada faltaria para a menina ficar satisfeita.

A gente da villa e dos arredores teria a praça franca e vinho a rodo, que o sr. marquez faz as cousas á grande. Havia de ser fallada!

Á noite quando entrou em casa continuou os projectos com o mesmo alvoroço.

O filho do maioral, Francisco Pinheiro, era um rapaz alto, robusto e desempenado, a flôr dos rapazes do Ribatejo, e com fama entre as raparigas casadeiras das vinte aldeias e villas mais proximas. Dextro como nenhum para todos os trabalhos do campo, era um gosto vê-lo a cavallo, a galope, saltando sebes e galgando vallados perseguir um touro tresmalhado, e ferrar-lhe no pescoço o comprido pampilho que dobrava n'um arco; fazer voltar o boi que obediente caminhava a trote para vir juntar-se á manada. Nas ferras a sua força herculea domava os novilhos mais rebeldes, e quando acompanhava o pae, trazendo um *curro* ao campo de Sant'Anna, quasi sempre achava occasião para fazer uma péga atrevida que levantava a praça com entusiasmo, e fazia calar de inveja os moços de forcado. Era o orgulho do pae, que pensava com satisfação ter na velhice um successor digno de si.

Quando Francisco ouviu a narração da entre-

vista do pae com o marquez, dos preparativos para a festa e do projecto de tourada, sentiu-se empallidecer e fraquearem-lhe as pernas. O pae olhou-o admirado.

— Que é isso Francisco, deu-te alguma cousa?

— Não é nada pae, isto já passou. Respondeu esforçando por dominar-se.

— Olha que agora nada de doenças. Logo que a menina chegue temos de ir para o campo apartar o gado.

— Se a *vocemecê* não lhe importa eu vou já amanhã.

— Amanhã, não. Então não havemos de receber os noivos?

— Fique o pae que eu vou só. Sei-me bem haver com o gado...

— Nada; tu tambem has-de ficar para receber as ordens do novo patrão.

Francisco sentiu pela primeira vez a dor aguda de um ciume lancinante. O sonho absurdo de toda a sua mocidade desfizera-se de repente, e a realidade caíu-lhe brutalmente no coração como uma pedra que lh'o esmagasse. Elle bem sabia ser aquillo uma doidice, mas irresistivelmente lembrava-se de uma vez que ella, trémula de susto, se lhe tinha refugiado nos braços fugindo de um boi que a perseguia. E sentia ainda, com uma amarga delicia, uns cabellos finos roçarem-lhe na cara com um aroma que nunca mais se apagára. Recordava-se de uma outra vez que ella lhe dera, com umas

palavras amáveis, no dia dos annos do marquez, o padrinho d'elle, umas esporas de prata, que conservava como uma reliquia; e ainda de quando ella em Lisboa o levára á cavallariça para lhe mostrar um cavallo, presente de seu pae. Tudo isto era nada, mas quem ha que ao menos em sonho nunca se apaixonasse por uma rainha? Elle demais a mais tinha a ardente imaginação peninsular, alimentada pelas historias de sua mãe (que em nova fôra creada em casa da familia do marquez), historias de princezas apaixonadas pelos seus pastores.

Não esperava casar com a filha do marquez, mas sabel-a ligada a outro era um tormento de que nunca se lembrára. Desejaria portanto partir para não a ver. O pae, porém, insistiu, elle ficou, e estava entre os creados quando pelas nove horas da noite, d'ahi a dois dias, chegou em frente do palacio o *coupé* que trazia os noivos. Os campinos, segurando em archotes, descobriram-se.

O trintanario' apeou-se e abriu a portinhola, de onde saíu primeiro um rapaz, de que Francisco não pôde ver bem as feições. Tinha o chapéu um pouco carregado para diante e um grande bigode negro. Estendeu a mão, e n'ella veiu apoiar-se outra muito esguia e branca. Apareceu então plenamente illuminada pela luz dos archotes a figura elegante de Maria com a cabeça envolta n'um espesso véu, atravez do qual se distinguia o brilho de uns grandes olhos negros. Poz no estribo o seu pequeno pé, saltou graciosamente, e subiu depois leve, a

correr, pela escadaria, deixando atrás de si o aroma vago de mulher bonita. Francisco viu tudo isto como uma visão, e n'essa noite não dormiu.

No dia seguinte, pela tarde, o pae disse-lhe que não o acompanhava por ter muita coisa a preparar. Elle com os outros campinos podiam bem apartar o gado. Que trouxesse bois bravos, recommendou-lh'o o maioral, mas todos puros para não haver desgraças.

Partiu a cavallo com o comprido pampilho sobre o hombro direito, um pouco atravessado sobre a jaqueta pendurada para as costas, barrete verde de lã, apertado calção de belbutina azul escura preso no joelho por uma fivella, meia de lã, sapato branco atacado até ao bico do pé, e sobre o achatado *tacão* de prateleira a comprida espora abraçando o calcanhar. No cavallo a cabeçada de esparto, e a característica almatrixa de pelles da qual pendem os estribos em triangulo. Tudo com o accentuado sabor arabe que se tem perpetuado nos costumes d'aquella região.

Os touros andavam a uma meia legua, do outro lado da linha ferrea. Francisco caminhava a passo na extrema da mata quando encontrou n'uma extensa rua de tilias os noivos que se dirigiam a casa. Maria quasi se pendurava no braço do marido. E a pelle fina da sua cara tocava-lhe no hombro. Ella, reconhecendo o campino, que estacou o cavallo para os deixar passar fallou-lhe, com familiaridade.

— «Adeus Francisco, como está? E sua mãe?». E em voz baixa explicou ao marido alguma coisa n'uma linguagem estrangeira que o campino não percebeu.

Este balbuciou algumas palavras confusas, e cravando com força as rosetas das esporas nos ilhaes do cavallo partiu a toda a brida para o campo. Estacou junto da linha porque o comboio corria assobiando entre novellos de fumo negro em direcção a Lisboa. As eguas, que pastavam com os compridos pescoços inclinados para a terra, levantavam as cabeças e olhavam a machina que passava. Os potros espantados e espavoridos fugiam da linha. Nos fios do telegrapho pequenos passaros pousados faziam um rosario de contas vivas. Via-se no fim da leziria as vélas triangulares das faluas correndo no horizonte. O comboio perdeu-se de vista, deixando no ar um pennacho de fumo que caminhava lentamente...

* * *

Chegou o dia da tourada. Pela manhã tres *char-à-bancs* puxados cada um por dois tiros de machos arreitados á castelhana e com colleiras de guizos tinham conduzido alegremente da estação os convidados do marquez. Das villas proximas iam chegando grupos e familias que vinham cedo para comerem em ranchos pela quinta. José Pinheiro estava radiante. Apenas tivera n'esse dia uma con-

trariedade. Quando metteram os bois na praça, descobriu entre elles um, conhecido como má rez.

— «Ó Francisco para que trouxeste o *carança*? Vae-nos fazer alguma desfeita!»

Francisco, que desde manhã conservára um ar torvo e preocupado, murmurou uma resposta evasiva. O maioral foi distrahido para outro lado de onde o reclamaram.

A praça era um vasto amphitheatro circular, mandado construir na mocidade do marquez e onde elle *tentava* os novillos das suas manadas. Ahi tambem se faziam as ferras annuaes. Pelas tres horas da tarde ía-se enchendo. Brilhavam ao sol as côres garridas dos trãjos vermelhos e amarellos, barretes e cintas de côres variadas. Os assobios estridentes e a vozeria davam áquella multidão, de tres a quatro mil pessoas, um ar de alegria selvagem. Na comprida tribuna com um toldo de seda vermelha e branca adornada com bandeiras e galhardetes, e tendo pendentos para a arena doze vistosas *moñas* com largas fitas de seda, íam já entrando alguns convidados, donos das quintas proximas.

De repente, no ar, estalaram alegremente algumas duzias de foguetes, a musica rompeu n'um hymno que dominava o estalido metallico dos pratos, todos os olhos se dirigiram para a tribuna onde appareceram os noivos e os convidados de Lisboa, vinte ou trinta senhoras com *toilettes* claras; e outros tantos homens. A filha do marquez, em pé, um pouco encostada á borda da tribuna, com um aper-

tado vestido que lhe desenhava a figura, uma mantilha branca pregada no peito por um ramo de cravos, era a mais graciosa musa das *malagueñas* que um poeta andaluz poderia idear, ou um discipulo de Fortuny colorir n'uma aguarella.

Quasi ao mesmo tempo abriam-se as portas para começarem as cortezias. O cavalleiro com o fato caracteristico do XVIII seculo, trazido na tradição com o nome de marquez de Marialva, vinha rodeado dos capinhas, moços de forcado e moços de curro. Entre estes ultimos, todos creados do marquez, e tendo no lado esquerdo das jaquetas uma larga chapa de prata com as armas da casa gravadas, distinguia-se a figura de Francisco bem desenhada no seu pittoresco traje. Nos pés brilhavam as esporas de prata que o tinham armado cavalleiro. A tourada começou sem incidentes. Na tribuna, as senhoras conversavam, riam, applaudiam com os leques. Nas trincheiras a multidão berrava contente.

O sexto touro estava difficil de recolher. Os campinos guiando os cabrestos tinham já exgotado todos os expedientes. Alguns rapazes, amigos do genro do marquez, fallaram em ir á praça. O noivo de Maria levantou-se para os acompanhar. Entre o povo algumas vozes disseram: «Os fidalgos vão tourear!!» Francisco olhou para a tribuna e viu Maria pallida e nervosa segurando no braço do noivo, implorando-lhe que não descesse. E porque elle hesitasse, ella erguendo-se segredou-lhe com

os labios vermelhos muito junto ao ouvido umas palavras que o fizeram sorrir e sentar-se vencido. O filho do maioral tinha parado olhando aquella scena. Entretanto, o touro recolhêra-se entre os cabrestos. O pobre rapaz retirou-se allucinado, com uma idéa fixa.

Poucos minutos depois quando a um toque de trombeta se abriu a pequena porta, José Pinheiro, o maioral, deu um murro valente de raiva sobre a trincheira. O boi *caraça* apparecêra na praça desembolado. A multidão gritou aos artistas que se affastassem; os moços de forcado recolheram-se com susto; o velho marquez em pé, fóra de si, dava ordens que ninguem ouvia. Os campinos perguntavam assustados quem seria o culpado. Alguem víra Francisco desatar as cordas da embolação.

A este tempo o filho do maioral estava no meio da praça, de frente para a tribuna onde as senhoras, de susto, se tinham posto em pé. Algumas cobriam a vista com os leques. O touro, parado, raspava com as mãos, atirando terra a grande altura. As suas ventas largas e terriveis respiravam com furia. O largo pescoço tremia-lhe nervoso. Conservou-se parado alguns segundos. O rapaz então olhou para elle, atirou-lhe á cara o seu barrete verde, bateu-lhe as mãos provocando-o e de novo voltou as costas, olhando fixamente para a tribuna onde Maria e todos que a acompanhavam assistiam attonitos áquella scena extraordinaria. Em todo o amphitheatro, a vozearia e os gritos

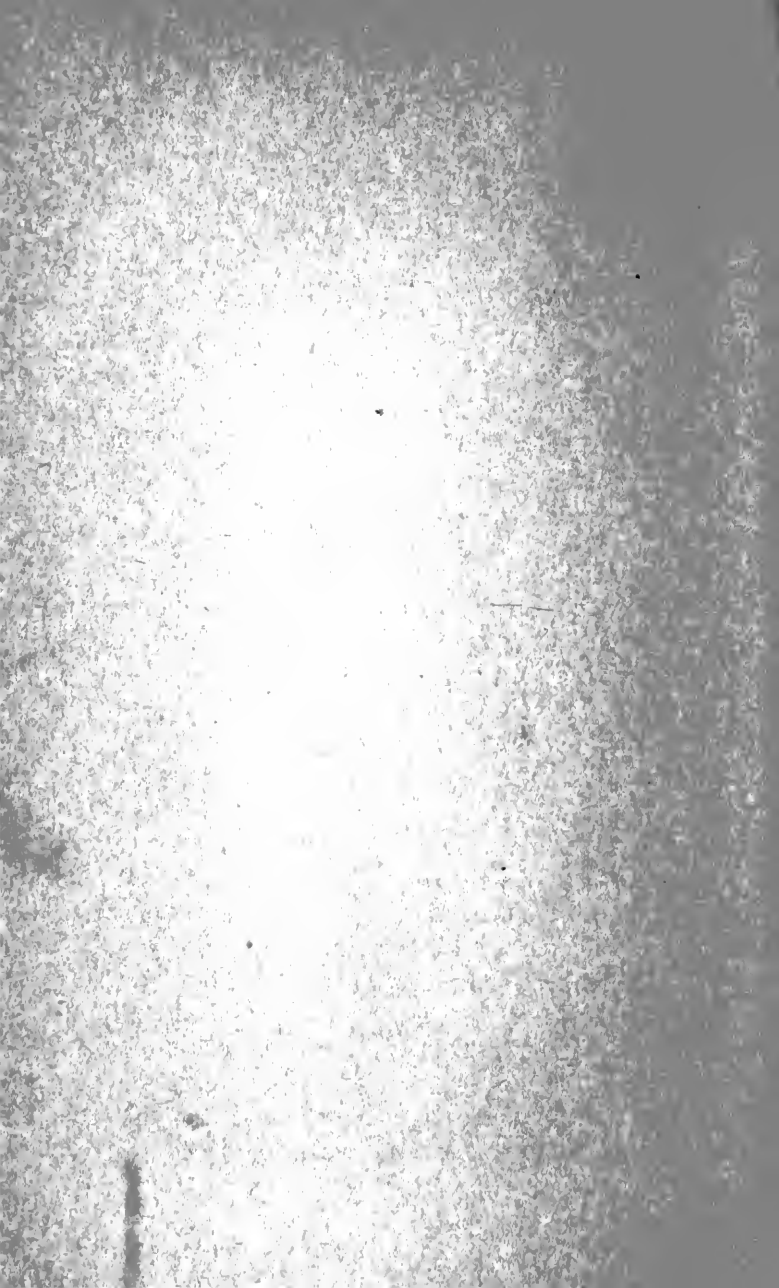
de afflicção levaram aos ouvidos de Francisco o sussurro de um grande mar agitado. Alguns capinhas que tinham descido á arena chamaram o boi com as capas vermelhas, mas já era tarde, porque este, respondendo á provocação, rompêra furioso sobre o rapaz, que ao sentil-o approximar, deixara-se cair sobre as hastes. Então de toda a multidão saíu unisono um grito angustioso. Do lado esquerdo do peito do rapaz apparecia ensanguentada a aguda ponta do animal. A confusão n'esse momento foi indescriptivel. O povo, n'um impeto generoso de dedicação, saltava allucinado em socorro do infeliz rapaz, que afinal conseguiram levar para fóra da praça desmaiado, em braços, deixando pelo caminho um rasto vermelho. O marquez, a filha, todos os convidados vieram commovidos rodeal-o. Quando elle ouviu a voz de Maria perguntar com interesse a um médico se havia alguma esperança, abriu os olhos, os seus labios murmuraram algumas palavras imperceptiveis, e n'uma golfada de sangue que veio salpicar a mantilha branca da filha do marquez, deixou cair a cabeça e morreu.

Maria nunca mais assistiu a uma tourada, e quando d'ahi a annos ensinava as orações a seu filho, fazia-o sempre rezar um *Pater* pelo filho do maioral.

C. S.

VIII

INCONFIDENCIA



TROUXE-NOS hoje o correio novas do extremo oriente. Más novas. O amigo que as escreve, diz assim :

— «Lá fomos hontem acompanhar ao pequeno cemitério catholico o corpo do velho X. Mais um que morre longe da patria, sem uma unica pessoa de familia a suavisar-lhe com a sua presença o terrivel e fatal momento que a todos nos espera. Onde e quando?... Bemdita ignorancia que nos faz levar, mesmo por estas paragêns, vida despreocupada! Pobre velho! Parece que morreu como um justo. Madame Z, a gentil secretária da Russia, que V. aqui conheceu, foi para elle de uma dedicação sem limites e a melhor das enfermeiras.

«É bem certo que a morte transforma tudo e todos! Ao voltarmos da funebre cerimonia, cada um de nós relembra, e sinceramente, uma qualidade do morto. Em vida, evitavamol-o como a peste negra, e quando, por acaso, nos referiamos a elle, era sempre por esta forma amavel «velho idiota». Lembra-se? Ora o que V. ignora é que X, apesar do seu comico feitio, teve tambem na vida, ao que parece, o seu romance. Momentos antes da agonia

principiar, entregou a madame Z uma chave, pedindo-lhe que, logo depois da sua morte, tomasse conta do que havia dentro de uma gaveta de um movel estapafurdio, que estava no seu quarto. Morto o homem e aberta a gaveta, na presença do chefe e demais pessoal da legação, encontrou-se um enorme sobrescripto lacrado, tendo no rosto em cinco linguas diferentes o seguinte :

Peço como ultimo favor que metam estes papeis dentro do meu caixão.

«Madame Z, curiosa como todas as mulheres bonitas, tem já phantasiado mil romances. Eu, para a desesperar e dadas as dimensões do sobrescripto, teimo que aquillo é projecto de tratado ou convenção, que o velho X vae disposto a celebrar no purgatorio com o primeiro figurão da *carreira*, que se lhe apresente, em nome do potentado do sitio. Ella perdôa-me porque sabe que eu no fundo até estimava o pobre morto!»

A morte é sempre triste ; mas quando não assistimos á doença e nos apanha assim de sobresalto e de imprevisto, afigura-se-nos que a impressão é ainda maior. Até nos chega a parecer um sonho o depressa que se desaparece da vida. Os mortos, bem sabemos, querem paz, uma saudade e depois... esquecimento.

Mas já que o acaso fez que estejamos de posse da trama do romance entrevisto pelo coração de uma mulher, vamos commetter a inconfidencia de a revelar, porque é bem possivel que estas linhas,

caíndo sob as vistas de alguém, que não conhecemos, venham a ser humedecidas por tardias lagrimas de reconhecimento que irão, a mais de tres mil leguas de distancia e confundidas com as gotas do orvalho da manhã, cair como um balsamo suavissimo sobre a campa d'esse morto.

* * *

Havia mais de vinte annos que X vivia no extremo oriente. Nos primeiros tempos visitára um pouco os differentes portos da China e do Japão; depois, cansado de viajar, estabelecera-se em Shanghai e por ultimo em Pekim, para onde definitivamente a legação do seu paiz se transferiu. Foi ali que o conhecemos. Velho, alquebrado pelos annos e muito pelo clima que não perdôa ainda ás naturas mais robustas, basta-nos cerrar os olhos para o vermos, triste e só, a face amarellenta, o bigode e os cabellos muito brancos, apoiado a uma forte bengala, baixando os olhos se cruzava algum conhecido, para não ter nem sequer de corresponder a um cumprimento.

A sua saude, sempre abalada, servia-lhe de pretexto para polidamente recusar os convites das pequenas festas das legações. Os seus collegas, que o sabiam secretario desde 1855, tinham-o por um tonto. A alcunha de «velho idiota» passára em julgado; os mais indulgentes, consideravam-no um excentrico sem por isso darem muito pelo seu va-

lor. A nós, esse desventurado, inspirava-nos sempre que o víamos um sentimento de piedade, e, fazer-nos-ia o effeito de um condemnado cumprindo o seu degredo, arrependido do crime que commetêra, se porventura a clara luz dos seus olhos não reflectisse uma consciencia impoluta. Eu tambem lhe não causava a repulsão que elle manifestamente parecia sentir por todo o genero humano. Pouco a pouco foi-se estabelecendo entre nós uma tal ou qual cordialidade de relações que se traduzia apenas em conversarmos um momento sobre um assumpto indifferente, quando por acaso nos encontravamos.

Um dia, porém, um dia quente de fins de agosto, ao cair da tarde, mōntei a cavallo e seguido do meu *mafu*, fui pelas ruas poeirentas da cidade Tartara, em que habitava, na idéa de respirar um pouco de ar puro, passear pelas verdejantes campinas que cercam Pekim. Atravessei a cidade imperial e tornejando a *montanha de carvão*, defendida pelos muros da cidade interdicta, tomei á ponte de marmore para sair pela porta de *Ping-tze-mên*. Ao chegar á ponte, parei o cavallo, deslumbrado pela belleza do espectáculo que á minha vista se offercia. As aguas do pequeno lago, a que a phantasia china poz o pomposo nome de *mar do meio*, desappareciam cobertas pelas largas folhas dos nenuphares, e as suas grandes flores, de uma cōr de rosa incomparavel, pareciam emergir de uma larga superficie ricamente esmaltada de verde; nas mar-

gens, as arvores viçosas, em macissos de verdura, lembravam pequenos fundos de bosques habitados por fadas e nymphas ; as garças, voando lentamente, gizavam de branco o ceu purissimo de turqueza, emquanto que ao longe o sol dourava o cimo dos velhos pagodes de marmore. Embebido no encanto d'essa serena tarde de estio, chamei o *mafu*, apeei-me e entreguei-lhe o meu cavallo mongol. Encostado ás guardas da ponte, deixei-me ficar para ali, extasiado, admirando o quadro delicioso. Por quanto tempo não sei, mas julguei até sonhar, quando me senti chamar á realidade das cousas d'este mundo, acordado pela voz do velho X. Sorrindo, com uma grande bonhomia, pedia-me que me não esquecesse de lhe mostrar a poesia, os versos que o quadro me inspirava.

— De bom grado... se os fizesse. Pensava apenas no encanto que seria o admirar esta esplendida paizagem ao lado de uma mulher formosa e muito amada.

— Velho bastante para ter esquecido, se é que o soube, o que é amor, nem sei se seria justo o seu desejo !

— Não o acredito, meu caro, consinta que lh'o diga. Ninguem ha que o não tenha experimentado e não ha sentimento que deixe mais profundo sulco no coração humano.

— É possível, respondeu tristemente. E, longe de me querer evitar, propoz-me, tomando-me o braço, que recolhessemos juntos e a pé. O *mafu*

seguia-nos trazendo os dois cavallos á arreata. Ao chegarmos á cidade Tartara, já o meu companheiro, expansivo como nunca, estava em plena confiança. Mandeí o *mafu* embora e acompanhei o velho X a sua casa. Eis a historia singela que ouvi da sua bôca.

* * *

«Velho, como vê, fui rapaz e fui moço. Com fortuna e com a posição que logo ao entrar na vida tive no mundo, bem cedo conheci os faceis e ephemerous triumphos com que a sociedade costuma receber os seus eleitos. A minha mocidade desperdiçei-a a mãos cheias, um pouco pelo meu paiz e muito por París, Londres e Vienna, onde primeiro servi como addido e depois como secretario. Bebi, como então se dizia, na taça de todos os prazeres. Das mulheres conheci apenas as paixões que facilmente se saciam a troco de muito ou pouco oiro. Quando dobrei o cabo dos trinta annos, tinha uma larga experiencia da vida e tudo ou quasi tudo me aborrecia. Eu era essa cousa occa e estulta a que se chama um elegante. Não tinha logrado ser mais nada; e, talvez por um falso pessimismo, parecia-me que era tarde para pretender ser outra cousa. Foi então que me nomearam para Lisboa.»

Neste momento não pude suster uma exclamação.

«— Admira-se, não é verdade, que eu nunca lhe

tivesse fallado em Portugal? Que quer? Nem eu sei como agora lhe conto tudo isto e a que sentimento cedo para tamanho desabafo. É o peso de muitos annos soffridos em silencio!...»

Depois de uma curta pausa, com o olhar vidrado e fito, como um doente que delira, continuou :

«— E foi o seu paiz que decidiu de toda a minha existencia! Recebido com carinho por uma sociedade amavel e hospitaleira, o meu espirito repousava da vida airada, que por toda a parte tinha levado. Encantava-me esse paiz, tão parecido com o meu, onde ainda não tinha penetrado a vida atabalhoada e frivola das grandes capitaes. Eu, que não conhecêra familia, porque, creança ainda, ficára orphão de pae e mãe, entregue aos cuidados de um tutor meu parente afastado, deliciava-me com o viver patriarchal e simples de muitas casas, que benevolmente me recebiam. Lamentava-me de tantos annos desperdiçados, e vagamente apercebia-me, nem sei porque, que eu era na vida como um naufrago para o qual não havia salvação possivel. E assim foi. Uma noite, n'um baile, descobri entre um grupo de raparigas frescas, alegres e formosas, a creança mais adoravel, mais bella, mais gentil e mais graciosa que um sonho de poeta possa phantasiar! Havia no seu todo um não sei que de vago e ideal que enfeitiçava e prendia como o perfume inebriante de certas flores dos tropicos que, uma vez aspirado, nunca mais esquece. Dezeseis annos

feitos de auroras e de raios de luar; um deslumbramento! Vae talvez imaginar que, louco e perdido de amores, fui desprezado por essa visão estonteadora? Não, nem sequer lhe disse o muito que lhe queria. A sua imagem perseguia-me constantemente; mas como a recordação vaga e mal definida de um sonho bom, passageiro e fugitivo, que em vão procurámos reconstruir, quando de manhã os raios do sol nos entram brincando pelo quarto. E, quanto mais a via, mais difficil se me tornava fixar as linhas ideaes da pura oval do seu rosto. Cegava-me a luz dos seus olhos, luz feita do brilho fundido das esmeraldas e saphiras. E porque a amava e muito não lhe confessei o meu amor. É possivel que ella me amasse, porque não? Mas em troca d'esse amor tão puro, que tinha eu a dar-lhe? Um feixe das tristes illusões que pouco a pouco perdêra pela vida fóra. Mais nada. Sentia a felicidade a dois passos de mim e fugia-lhe, porque a felicidade para ella tinha direito a ser completa, sem nem sequer a sombra de uma nuvem, e eu era velho para os seus dezeseis annos. A existencia não é uma estrada larga e desembaraçada por onde se caminha á vontade; eu ia já a meio, e não se póde voltar para traz. Se não escutasse senão o meu egoismo, desprezaria todos esses escrupulos e lançar-me-ia a seus pés; mas de tudo que tinha perdido restava-me o respeito da minha consciencia. O dever só chega a ser virtude quando ha paixões que se lhe sacrificuem!>

X fallava como um illuminado; havia lagrimas na sua voz, que bem depressa lhe humedeceram os olhos. Deixou-se cair sobre uma poltrona, e, volvidos alguns instantes, proseguiu sereno como quem acorda de um pezadello :

«— Estava escripta a minha sorte. Um dia encontrei-a na volta de um passeio ao campo. Trazia nas mãos um ramo de lilazes; os raios do sol, de um sol triumphante, empallideciam ao beijar de leve os seus cabellos de oiro em fio. Ella com o ramo, brincando e sorrindo, abrigava-se do sol primaveiral que a acariciava. Viu-me e córou, e no seu transparente olhar surprehendi a descoberta da paixão que me abrasava. Na manhã seguinte, partia do seu paiz, e um mez mais tarde vinha caminho d'esta Asia, d'onde nunca mais havia de saír. Nos primeiros annos, como tivesse sido eu quem pedisse para vir para aqui, ainda os meus collegas me escreviam pedindo-me para me conservar no Oriente, que tanto me prendia, ao que parecia! Depois, nem isso. Os chefes, que successivamente tenho conhecido, pretendem que ás revoluções do meu paiz devo eu o não ser promovido. Lá consideram-me como um móvel da chancellaria. Aqui como um idiota, bem o sei. Que me importa? Ali dentro — e apontou para um movel estranho, especie de armario fechado sobre uma banca de escrever — tenho eu tudo quanto resta da minha vida, uma aguarella d'essa creatura tão amada, feita por mim na ultima noite que passei em Lisboa. Não de

enterrar-me com ella. Agora, se pronunciasse o seu nome, eu por si teria novas suas. Saberá se morreu, se casou, se é feliz!... Nada quero saber. Ha vinte e cinco annos que em cada dia, deante d'essa aguarella, como deante d'um sacrario, tenho podido envelhecer, sem que as minhas rugas e os meus cabellos brancos, façam sorrir de piedade a imagem sempre moça d'aquella que adorei!...»

* * *

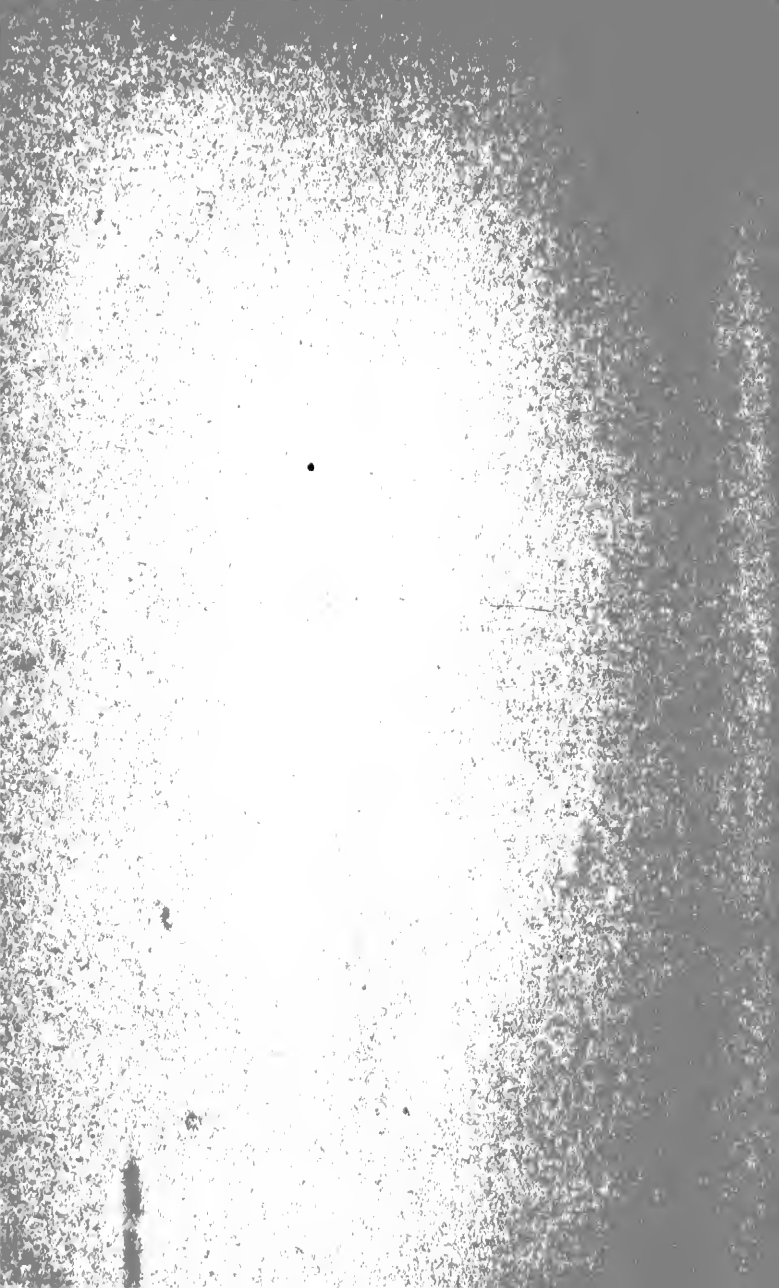
Era noite velha quando recolhi a casa. A lua, como uma lampada de jade, resplandecia no céu, escurecendo o brilho das estrellas; no sombrio canal que passa junto ao palacio dos principes de ferro, um fio de agua, correndo por entre as pedras desconjuntadas do fundo, murmurava brandamente, e, na paz d'aquella noite calma, esse murmurio impressionava como se estivesse ouvindo um choro dolorido de creança!

Pensando na historia que acabára de ouvir, mais me convencia que n'esta tristissima epocha de negação e descrença, a religião do amor é ainda a unica que em cada dia continúa a ter obscuramente os seus santos e os seus martyres!...

B. P.

IX

O FADISTA



TAMBEM se transformou!

Ainda o conheci brigão e sentimental, dado á bohemia e ás grandes noitadas nas ruas do Bairro Alto e nas travessas da Mouraria, não hesitando em cuspir das mãos uma *naifada*, quasi sempre por historias de mulheres, ou pinga de vinho a mais. Devasso, bebedo, assassino mesmo, era cavalheiroso, por vezes nobre, quasi sempre pittoresco, se não elegante.

Cara escanhoadá, com a pallidez dos estroinas, bem pegadas nas fontes duas fortes melenas puxadas á frente com cuidado, olhar amortecido e vago, jaqueta preta, cinta de lã ou seda, pé afiambrado para o sapatear rufado das escovinhas no sobrado, tinha no andar, gingando, bamboleando-se, a gentileza de corpo entre morbida e desempenada do toureiro. No pollegar e indicador da mão direita as unhas, crescidas e aparadas, amarellecidas pelo fumo do cigarro brejeiro, eram destras no repincar do fado corrido, a doce melopêa melancholica, dissolvente, cheia de desesperos e cobardias, que só por si, e nos poucos compassos essenciaes de que se forma, imprime character em todo um typo,

que foi a mais pura nacionalisação do romantismo em Portugal — o Fadista.

Da bôca, a cujo canto o cigarro se pendurava, fazendo com o fumo entrecerrar a palpebra, em voz rouca, avinhada, por entre uma população de bordel commovida e attenta, saía a quadra em versos maguados e queixosos de um sentimentalismo lugubre, repassados de desolação, interpretando as tristezas de destinos irremediavelmente sujeitos a um poder mysterioso e occulto, sympathico ás grandes desgraças inevitaveis — a Fatalidade! o Fado!

E acompanhado da musica teimosa e cadenciada, roufenha e docemente metallica da guitarra, o fadista, pelas noites de luar, quando ía esperar os touros, ou nas ruas estreitas em companhia de saias roçagantes, e *garibaldis* vermelhos, cantava com accents contristados :

Quem tiver filhas no mundo
Não falle das desgraçadas,
Porque as filhas da desgraça
Tambem nasceram honradas !

As oitavas que glosavam essa quadra não eram menos expressivas, menos cheias de lyrismo e de expansões dilacerantes do que os gritos de alma dos poemas lamartinianos, e que as confissões dramaticas de toda a geração litteraria de 1830. E plagiando inconsciente a celebre estrophe de Musset :

*Oh mes amis quand je mourrais
Plantez un saule au cimitière,*

o fadista exclamava :

Rapazes, quando eu morrer
Toquem os sinos o fado,
E ponham na sepultura :
Aqui jaz um desgraçado,

emquanto as cordas da guitarra gemiam distillando philtros venenosos e enervantes, amarguras de toda uma raça combalida.

Trovadores do Bairro Alto, despediam-se em estrophes sentidas, antes de partir para o degredo, d'aquellas por quem se tinham anavalhado nas tavernas e nas alcovas ; contavam as misérias dos amores tyrannicos, exaltavam as dedicações cavalheirosas e os desconsolos de corações feridos pela fatalidade. E ainda hoje os echos repetem plangentes :

O conde de Vimioso
Um grande golpe soffreu,
Quando lhe foram dizer :
A Severa já morreu.

O fadista não tinha as sentimentalidades piegas dos que no começo do seculo cantavam á viola modinhas meigas, e *doces lunduns chorados*. Na sua bohemia dissoluta adorava, alem das mulheres, os exercicios de corpo, a destreza e distincção no manejo do cavallo, no correr de um boi com muito pé nas touradas do campo de Sant'Anna.

E tinha os seus idolos consagrados na aristo-

cracia, o marquez de Castello Melhor, o conde da Anadia, o conde de Vimioso. Sabia que elles tocavam tambem guitarra, via-os subir a calçada de Carriche nos sabbados de verão á tarde, na frente dos cabrestos, de jaquetas, vara no hombro, e quando algum boi se tresmelhava no Campo Grande, emquanto os municipaes se escapavam, e os burguezes pavorados recolhiam ás suas casas, seguir o fugitivo pelas azinhagas, ferrar-lhe a vara no cachaço, e sem medo obrigar-o a juntar-se ao curro que trotava na direcção do Campo Pequeno. Quando ali chegavam, e os cavallo dos campinos, os cabrestos, os touros e toda a rapaziada alegre que os acompanhava montada em vistosas almatrichas, e com estribos chapeados, galgava n'um salto a valla que separa o campo da estrada, apejava-se das numerosas *tipoiás*, que seguiam n'uma nuvem de poeira a sociedade *reinadia*, as raparigas do fado, os tocadores ceiebres e os *cantadores* conhecidos.

Eram então as infindaveis guitarradas, as grandes partidas, as *piadas* brejeiras largadas com intenção, arrastadas e roucas como as peteneras e os cantos flamencos, que, por um sentimento de arte mais vivo, o povo hespanhol ainda guarda, embora vão saíndo um pouco dos costumes.

Era n'essa epocha moda ir ao Campo Pequeno, e os elegantes, os homens de *sport* de então não desdenhavam vestir uma jaqueta, e com a guitarra apoiada sobre a coxa, repinicar as variações do

fado, fazer gemer as *toeiras*, as *primas* e as *segundas*. O marquez de Bellas, José de Avilez, Antonio Caldeira, que nas grandes touradas eram mestres na sorte á tira, na de meia volta e de estribeira, Fernando Pombeiro, Antonio Galveas, Alexandre Ponte, e José Ferreira Pinto, capinhas dos mais correctos, e forcados dos mais valentes, quando ainda era um luxo e uma elegancia o mais genuino *sport* portuguez, tambem sabiam as delicadezas e os segredos d'aquella musica lisboeta, que nem os descantes do Minho em noites de esfolhada, nem as chulas, nem os desafios saloios, ou as desgarradas podem igualar em sabor e originalidade.

Foi por aquelles que a guitarra subiu para a alta sociedade; e algumas senhoras, a quem a cadencia maguada do fado interessou, aristocratisaram o instrumento popular, pintaram-n'o a *gouache*, prenderam-lhe fitas vistosas de seda, *fizeram-lhe toilette*, mas tiveram o bom gosto de não complicarem os primitivos compassos, tão superiormente simples, com variações novas.

Os tocadores, porém, sabendo o exito da guitarra em regiões tão elevadas, quizeram tornal-a digna d'essa fortuna, e começaram a compor fados phantasistas. O *Calcinhas*, o Magyoli, o Anjos, celebridades insignes no desempenho e na execução, representam comtudo uma decadencia. Trouxeram Verdi, Meyerbeer, e as walsas de Strauss para o Arco do Bandeira e escadinhas da Barroca.

Alguem que possui o sexto sentido da arte no

seu mais supremo grau, e que tem o sentimento da poesia dispersa em muitas das manifestações genuínas do povo portuguez, desejou ha tempo fazer ouvir a uma hospede, estrangeira illustre, a musica que melhor exprime a inspiração popular. Mandou chamar tocadores conhecidos.

Quando os creados correram os reposteiros e se abriram as portas da sala em que se organisára o concerto, tres homens encasacados, de collarinho engommado, n'um catitismo reles e pretencioso, romperam nas suas bandurras com um *pot-pourri sobre motivos da Aida e Trovador* que era de fazer chorar de semsaboria. Só muito instados, e cheios de embaraço se atreveram a tocar o *Fado*.

Porque o *Fado* hoje tornou-se ignominioso; o fadista é synonimo de vadio, fadistagem a mais desprezivel das vidas passadas na ociosidade e no vicio.

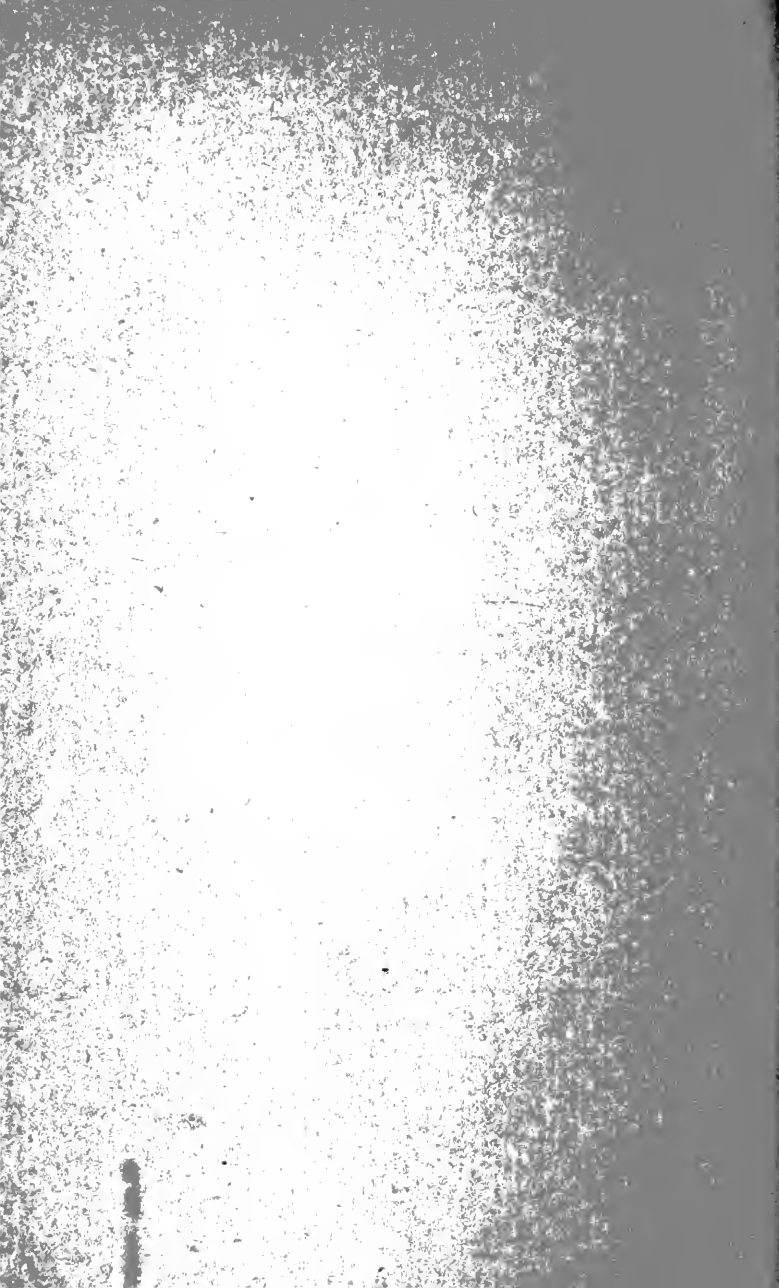
O fadista nunca foi o symbolo da honestidade e da virtude, mas tinha uns toques de cavalheirismo, uns longes de altivez, uma tal ou qual generosidade, e um culto pelas mulheres, que lhe davam uma tradição prestigiosa. No seu genero era um D. João.

Depois, com a invasão das *camareras*, a introdução do piano e do harmonium nos botequins da Mouraria e de Alcantara, abandalhou-se, perdeu a jaqueta, afundou a calça que lhe cae sobre os pés em bôca de sino, fez-se *faia* e gatuno, frequenta a Boa Hora, desaprendeu a guitarra e transformou-se em *voyou, souteneur, mr. Alphonse*.

Já usa barrete de pelles. Em breve se tocará com a *casquette* de seda importada de París. Pelos kiosques vendem-se insipidos versos que se intitulam *Fados*, glosados com intuitos de propaganda anti-jesuitica.

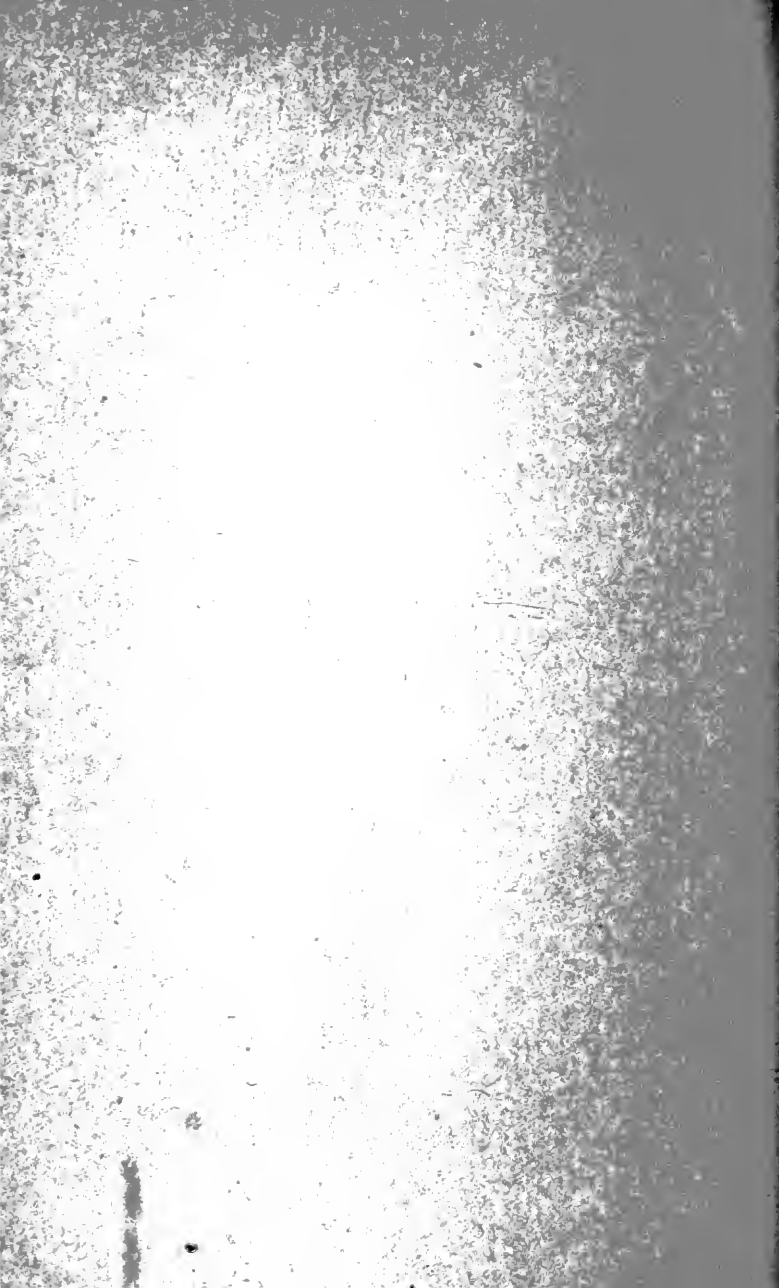
E pelas noites de luar, já a guitarra não geme dolente na cadencia do triste fado, já as vozes não descantam pelas vielas escuras as queixas sentidas. Desfez-se toda a poesia impalpavel de um typo que tinha tão accentuadamente impressa uma feição de melancholia da alma popular portugueza.

C. S.



X

MATER DOLOROSA



AQUELLA filha, filha unica, era a menina dos seus olhos. Linda como os amores crescêra, conservando sempre nas feições delicadas os traços característicos da physionomia do pae, que morrêra cedo e moço, deixando inconsolavel a viuva a apagar com lagrimas de infinita saudade os sorrisos infantis da pequenina orphã.

Na apparencia da força e da saude, desenvolvêra-se rapidamente, e aos quinze annos ninguem poderia descobrir, através das vivas rosas do seu rosto, que a tísica, herdada do pae, encetára desde muito n'aquelle corpo, triumphante de graça, a sua obra de destruição e de morte. Mas como tossisse e, a espaços não raros, se deixasse cair n'uma tristeza infinita e sem causa, escaldando-lhe as mãos n'esses momentos, a mãe, anciosa, mandou chamar um medico, certa já da fatal sentença que a esperava. E via claramente, á luz de um relampago fugitivo de desesperança e dor, com o coração a saltar-lhe dentro do peito, succederem-se todas as scenas da tragica morte do marido ! Sómente agora era a sua querida filha quem, na mesma poltrona, gemeria a sua infundavel agonia, com o amortecido olhar perdido no

vasto panorama do Tejo azul, sereno e manso, que da larga janella se avistava. Não se enganára!

Recomeçou para a mãe a via sacra dolorosa: noites passadas em claro; o rosario de perguntas ao medico, desfiado á pressa e em voz baixa no corredor, para que a filha não presentisse; a anxiedade das horas da consulta do thermometro que inexoravelmente marcava o mesmissimo grau de febre; o constante sorriso forçado e contrafeito, que a espaços a illudia, á força de illudir a filha sempre alegre na pequena sala tão risonha e florida havia pouco, e que agora fechada com os frascos dos remedios sobre o marmore da console, e a tigela do caldo arrefecendo por sobre as bancas, respirava tristemente doença. Nem nequer o canario cantava na sua gaiola de arame, suspensa da galeria da cortina. Pobre mãe!

Surda e implacavelmente a tysica caminhava, apagando nos olhos já morbidos da creança o fogo do olhar, fundindo as roseas côres do rosto n'um tom de cera mate e cavando-lhe no peito, onde o amor não urdira ainda o seu primeiro e illusorio ninho, fundas cavernas que a esphacelavam. A mãe via morrer a sua querida filha, desprendendo-se-lhe dos braços, sem nem sequer ter conhecido os passageiros encantos da vida. Na inconsciencia do mal que a ruía, a pobre doente fallava a todas as amigas que a vinham visitar nas festas e bailes que se succediam. Era com um vestido côr de rosa que queria ir ao seu primeiro baile.

— Não é verdade, mamã, que nos havemos de divertir muito ?

A mãe, afogando em caricias as lagrimas que a suffocavam, dizia-lhe que sim, pensando que a primeira caminhada seria para a lugubre festa de que se não volta mais !...

Inesperadamente, uma bella manhã entrou, porém, n'aquella noite escura um ridentissimo raio de luz, mais alegre ainda que uma alvorada festiva. Era o telegramma de Berlim, reproduzido em todos os jornaes, annunciando ao mundo a descoberta de *Koch*. A mãe lia e relia o conciso telegramma sem poder crer o que os seus olhos lhe mostravam. Podéra, se era a vida da sua estremecidissima filha o que aquellas breves palavras lhe traziam. Deus era bom, justo e clemente, murmurava entre o soluçar convulso que a desopprimia. Partiriam, iriam a Berlim, e, doida de satisfação, cuidava-se já de volta com a filha tão robusta e forte como antes de adoecer. A sua vontade era ir ter com ella, dizer-lhe que estava salva. Teve medo, porém, poderia não ter forças para semelhante commoção. O melhor era esperar o medico, combinar tudo com elle, e até ali calar comsigo tamanha felicidade. Que longas lhe pareciam as horas e com que sobresalto escutava o menor ruido da rua. Tinha ao seu lado a filha, tão branca como as vélas que no rio vogavam beijadas pelo sol, reclinada na poltrona, no

abandono da vida que fugia, e no seu coração de mãe a esperança adquirira taes fóros de certeza, que não via diante de si senão a filha já resuscitada na frescura viçosa dos seus dezeseis annos. Sentia-se feliz!

Ella que, de ordinario, demorava o mais que podia as visitas do medico que, carinhoso e bom, animava constantemente com palavras enganadoras a pobre creança, n'aquelle dia, como não fallasse na descoberta, que era toda a sua preocupação, torcia-se n'uma mal disfarçada impaciencia, tardando-lhe o momento da despedida, para lá dentro, fóra das vistas da filha, o consultar sobre a immediata viagem que projectára. Á catadupa de palavras com que lhe expoz todo o seu plano, o medico respondeu :

— Esperava encontral-a assim, minha senhora, mas um telegramma só não basta. São necessarios mais pormenores que não podem demorar muito a ser conhecidos. Uma viagem tão longa, empreendida agora, n'esta epocha do anno, no estado em que se encontra sua filha, seria uma temeridade que não posso nem devo aconselhar.

— É então certo que me vae morrer? E foi tal a expressão de angustioso desespero, que se lhe desenhou no semblante descomposto, que o medico interrompeu :

— Não se falla aqui em morrer, apenas em não expor sua filha a uma viagem inutil. O que se sabe da lympha, que curas tem operado? Esperemos

confiadamente e sobretudo que sua filha não sonhe a existencia do supposto remedio, que lhe daria a certeza da doença que a afflige e que ella ignora. Conservemos-lhe o espirito tão despreoccupado quanto possivel. Por minha parte asseguro-lhe que seguirei com attenção as experiencias que seguramente se vão tentar, prompto a fazer tudo que se possa traduzir n'um allivio para a sua querida filha.

O medico, com o echo das suas proprias palavras a martelar-lhe ainda nos ouvidos, descia a escada, certo que deixava em cima um cadaver.

Agora a vida da mãe concentrara-se inteiramente n'aquella idéa fixa que a dominava. Todas as manhãs lia com ancia os jornaes, e, quando o doutor chegava, antes mesmo de o levar á filha, recomeçava a discussão da vespera com argumentos novos, que demasiadamente provavam a excellencia do remedio. Tão cega estava que nem via os progressos aterradores que a cada minuto a doença fazia, insistindo sempre pela viagem. O medico contestava que as informações dos jornaes não mereciam credito, que era ainda necessario esperar, procurando confundil-a com termos technicos que a desorientavam.

A filha, essa, agonisando, estranhava a mãe que já não tinha para as suas queixas, para os seus gemidos, aquella commiserção prompta e facil que tanto a suavizava. E com a clara perspicacia propria da sua doença relacionava todos os pequeni-

nos factos que a sòbresaltavam. Ha que tempo a mãe não fazia ao seu lado a leitura dos jornaes?

Muito naturalmente, aproveitando um momento de se achar só com a creada, que lhe compunha as almofadas da poltrona, pediu que lhe trouxesse um jornal.

— Ora para que quer a menina um jornal? Para lhe fazer a cabeça doida como á mamã, por causa do tal remedio lá da Prussia? Deixe-se d'isso menina, Prussianos! gente que nunca fez senão matar outra gente, inventar agora remedios! Eu bem o prego á mamã.

— Quem te fallou em remedios? O que eu quero saber é o nome da opera que se canta hoje em S. Carlos.

— Lá isso é outra cousa, — e entrou na saleta contigua trazendo logo um jornal — veja, menina, veja enquanto eu vou fallar á mamã.

Em letras gordas, enormes, saltou-lhe immediatamente aos olhos a secção consagrada á cura da tysica.

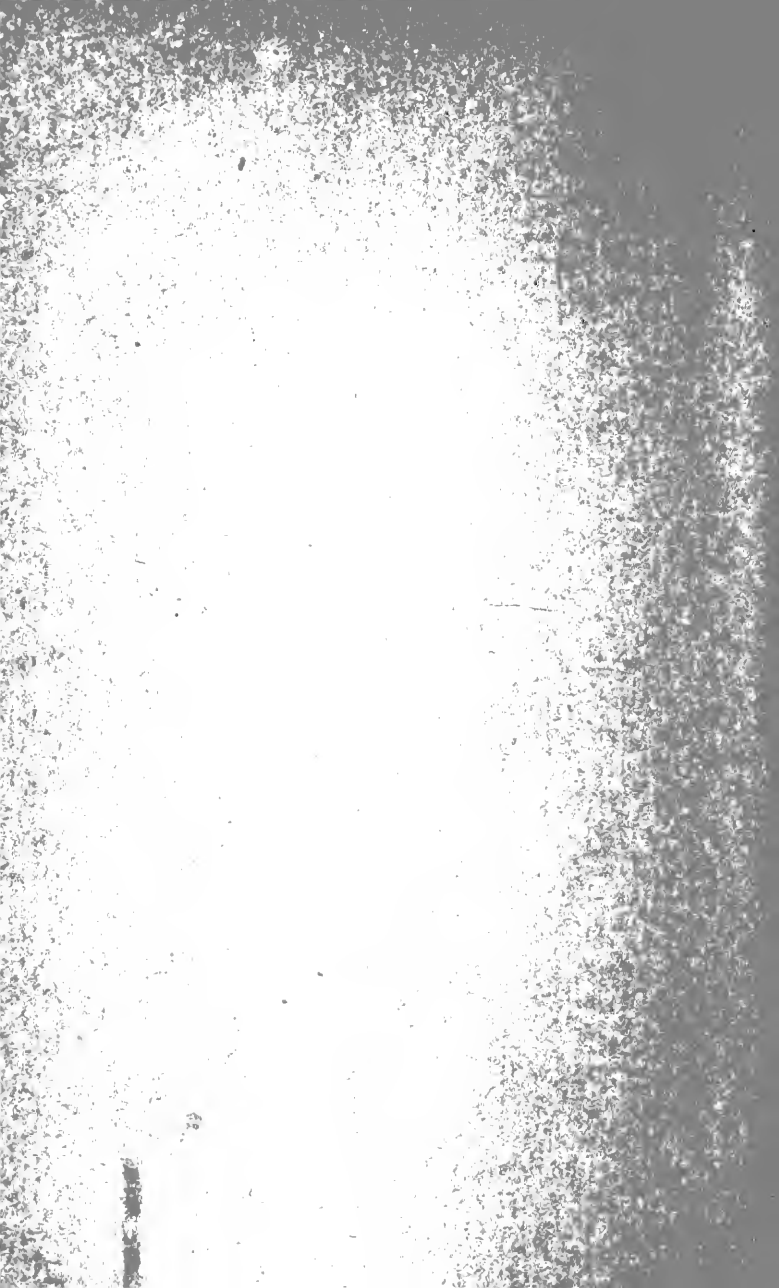
Estava tysica! E tinha-se effectivamente descoberto o remedio salvador. Mas era tarde, sentia que era tarde, que já não chegaria a tempo!... Pelas faces desmaiadas começaram a correr-lhe, silenciosas, lagrimas em fio.

Ao sentir passos arremeçou para o lado o jornal, tentando ainda esconder a commoção. Vencida, porém, por um aniquilamento completo, absoluto, de todo o seu ser, estendeu supplicante os braços

á mãe, e agarrando-a para si n'um derradeiro esforço, com a voz sumida, a apagar-se murmurou-lhe ao ouvido :

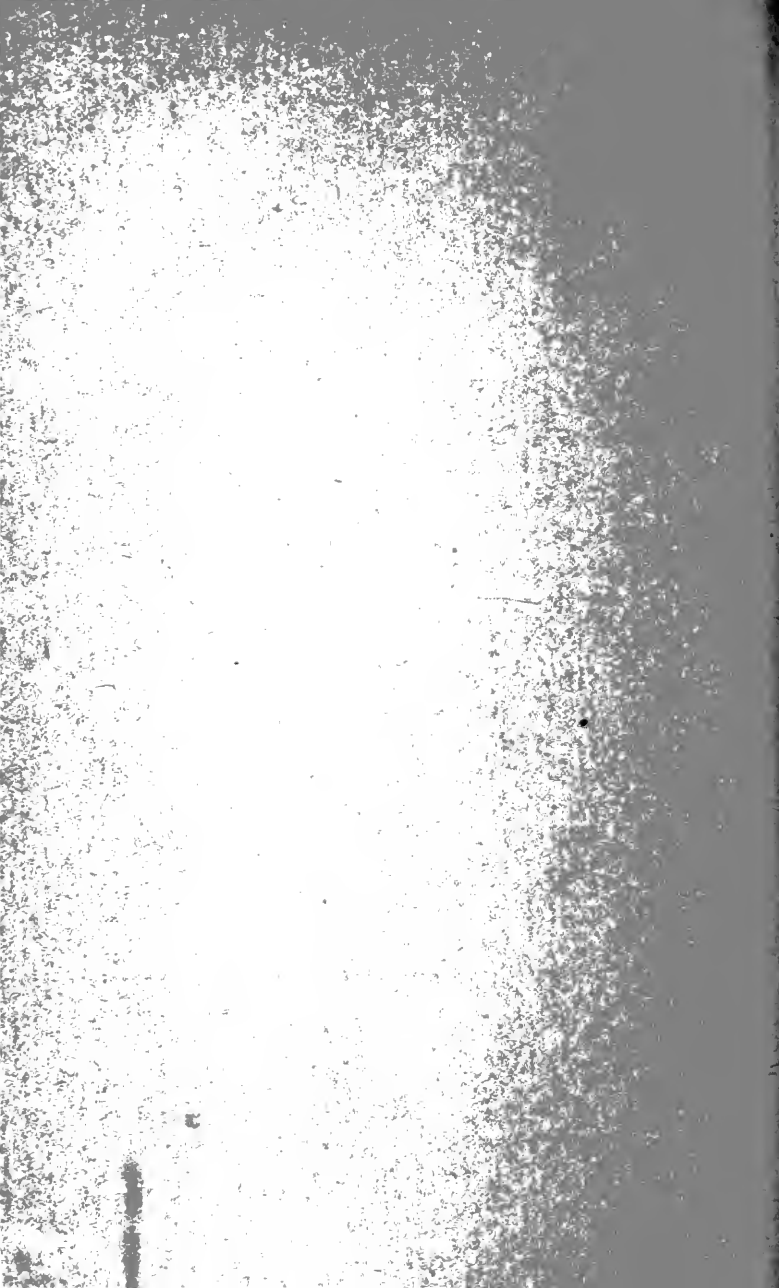
— Que pena ! Não chegar a tempo ! — e deixando pender a cabeça, morreu assim como um passarinho a quem se aperta o pescocito delgado !...

B. P.



XI

A NORA — O MOINHO



SAÍND0 as portas de Lisboa e tomando por alguma das azinhagas que do Campo Grande levam á estrada de Sacavem, ou visitando as hortas que se espalham pelo valle de Chellas, não é raro ainda ouvir pelas compridas tardes de verão o gemer arrastado, a melancolica e plangente cantilena das noras.

Sobre o poço move-se o tosco engenho de rodas alcatroadas.

N'uma d'ellas pendura-se, abraçando-a, o ouriçado calabre de piassaba semeado a espaços de alcatruzes de barro vermelho, que um esparto prende pela cinta. Em volta do poço caminha pausamente, com os olhos vendados, sobre o tapete fôfo de sola trilhada, a vacca turina, ou o macho derreado, circundando interminavelmente com preguiça... O caseiro, vendo ao longe esmorecer o movimento das rodas, mette á bôca dois dedos callosos, e n'um assobio imperativo esperta o animal. Accele-
ra-se o movimento, os alcatruzes descendentes somem-se na bôca escura do poço, e os outros vem subindo humidos, brilhantes, esguichando agua, e inclinando-se vomitam-n'a tumultuosamente nos

aqueductos de madeira, de onde corre para as presas.

O hortelão, de barrete de lã azul e de calças arregaçadas, encaminha com a sachola a agua, que pelas regueiras vae barulhando entre folhas seccas, até se espalhar, com um cheiro de terra molhada, nos canteiros de feijão verde que se encaracola alegremente pelos caniçados, e nos alfobres dos tomateiros onde começam a vermelhar os fructos apopleticos.

Nada pode interpretar melhor a tristeza poeirenta d'essas tardes de verão, entre as horas de sol em que a cigarra canta nas alfarrobeiras, e as da noite em que os grilos trilam sob a relva, como a nota gemedora e teimosa da nora ao regar das hortas.

Essa melopeia canta a poesia íntima das coisas, a solemnidade pacifica e tranquilla do cair da tarde, e trahe o sabor arabe tão caracteristico da sua origem.

A cantilena plangente e moribunda contrasta nas hortas rotineiras com o movimento rapido dos engenhos Halladay, que nos quintaes aprumam as suas torres de ferro, sobre as quaes o grande girasol de madeira roda alegre n'uma actividade insolente.

E a nora casa nos espaços o seu chorar angustioso com o sonoro assobio, igualmente melancolico do moinho — um outro condemnado, — cujas vélas em cruz se movem nos cabeços do monte.

Poucas se movem já!

Por toda a serra de Monsanto, como guaritas abandonadas por sentinellas em fuga, quedam-se os moinhos de vento a que as fabricas de moagem, lá em baixo, na margem do Tejo, tiraram a vida, despovoaram. O moageiro matou o moleiro.

Navios que da America nos chegam carregados de trigo barato atiram-n'o ás poderosas machinas que o trituram. O lavrador estremece, agitam-se as graves questões que abalam o organismo social a que os estadistas procuram dar remedio, e o artista vê com saudade desaparecer, dos valles, a pittoresca azenha que o regato faz mover junto ás casas escondidas na verdura, e das cumiadas as vélas voltadas ao nordeste, brancas como cruces de Malta.

No centro de um eirado bordado de antigas mós, cylindrico, caiado a branco com um roda-pé de vermelhão, negra cobertura conica, alcatroada, de onde sae o eixo do velame que embica ao vento reinante, adornadas as cordas com um rosario de pequenas cabaças de barro que no movimento assobiam em accordes harmonicos, como as harpas eoleas, o moinho tinha uma personalidade, uma vida propria; espiritualisava a paizagem dos arredores de Lisboa. Pela encosta sóbe a récua de machos, vergando cada um ao peso de tres saccos, seguros sobre a albarda por uma corda que o arrocho aperta. Na frente sentado sobre um burro, o moleiro, bamboleando as pernas, apertando um cigarro, ou atolando os beiços gulosos n'uma talhada de melancia.

Chega ao moinho. Entra os humbraes da pequena porta encimada por S. Marçal, em azulejos, espera-o a salaia robusta que o ajuda a trepar o trigo pela estreita escada em caracol. No pavimento superior a mó gira sempre com um ruido monotonico, que acalenta como uma canção triste, enquanto lá fóra, no eirado, brincam as creanças, as gallinhas esgravatam, e os machos presos pela arreata cerram as palpebras, somnolentos e cansados.

De entre todos os moinhos semeados pelos cimos de Monsanto, e olhando o Tejo desde Lisboa até á barra, existe ainda hoje um, que tem o seu romance.

N'uma das habitações que rodeiam o palacio da Ajuda, vivia em 1807 uma velha açafata da rainha D. Maria I, com sua filha, uns dezoito annos muito alegres, coração levemente romanesco, riso prompto nos lábios vermelhos, e um narizinho arrebitado que a indicava naturalmente para succeder ao cargo de sua mãe, chamando-a ao paço de Queluz.

A esse tempo as estatuas dos jardins ainda espreitavam maliciosas pelas janellas as mesuras dos minuetes e *pavannas*, e escutavam os ultimos serenins da côrte, já alvoraçada pela marcha dos exercitos de Bonaparte.

A travessa rapariga, impaciente na sua clausura desviada, ia pelas manhãs claras de outomno assistir da pequena janella de um moinho, que ficava eminente sobre a estrada, á passagem dos que iam e vinham de Queluz.

Trotavam rapidas com as cortinas cerradas as seges dos secretarios d'estado Antonio de Araujo, conde de Villa Verde e Luiz Antonio de Vasconcellos. Não raro passava lord Strangford, ministro inglez, que voltava de insistir com o principe regente para que deixasse Portugal. Trintanarios de roda, moços de ordens, couteiros e picadores chouteavam nos machos de Alter, ou exercitavam os cavallos arreados de sella e retranca. Os ajudantes de ordens do principe e os do ministro da guerra galopavam galhardamente, fazendo bater as espadas reluzentes nos flancos dos cavallos.

De uma vez, um d'estes ultimos, olhou curioso a pequena janella do moinho, onde vira apparecer a cara risonha e petulante da filha da açafata.

Na volta não resistiu á tentação de se apeiar para pedir um copo de agua á improvisada moleirinha. Enquanto esta lhe offerecia o pucaro de barro, em que o ajudante apenas tocou, perguntava este a si proprio porque estranho acaso a filha do moleiro (que assim a julgava) tinha umas mãos de duqueza, e nos pés tão pequeninos sapatos a la moda, de onde subiam duas fitas negras cruzando-se elegantes sobre a meia branca.

Esta ponta de mysterio não obstou, antes deu um sabor mais picante ao romance esboçado.

E quem de ahi em diante caminhava pela estrada via muita vez o cavallo do ajudante, preso á argola do moinho...

A 25 de novembro o tenente coronel Lecor pas-

sou apressado em direcção ao paço para avisar o príncipe regente de que os francezes já tinham deixado Abrantes, e se encaminhavam com pressa a Lisboa. N'essa noite foram dadas as ordens mais urgentes para que o embarque da familia real e comitivas se realisasse na madrugada seguinte. Chamaram-se á pressa, para entrarem de serviço, damas, aias e açafatas da rainha, da princeza e dos infantes. Chamou-se igualmente toda a casa do príncipe.

O duque de Cadaval, os marquezes de Alegrete, Angeja, Pombal e Vagos, o conde de Caparica, e todos os ministros com as pessoas de sua casa, já se achavam no caes de Belem ao raiar da aurora. A confusão era indiscriptivel.

Gente, mobílias, alfaias, caixotes, embarcavam para as naus da armada sem ordem e sem attenção a categorias ou qualidades.

O príncipe regente, chegando ao caes, foi levado para a galeota ás costas de dois cabos de policia. Embarcou na nau *Príncipe Real*. D. Carlota Joaquina, chegando mais tarde com seus filhos, foi levada para a nau *Rainha de Portugal*. Veiu uma ordenança com a noticia de que as guardas avançadas de Junot entravam as portas de Arroyos. Os navios levantaram ferro !

Quando passaram ao largo, em frente da Torre de Belem, alguém da comitiva da princeza regente tinha os olhos negros, de onde caíam duas lagrimas dolorosamente fixados n'um moinho, cujas vélas,

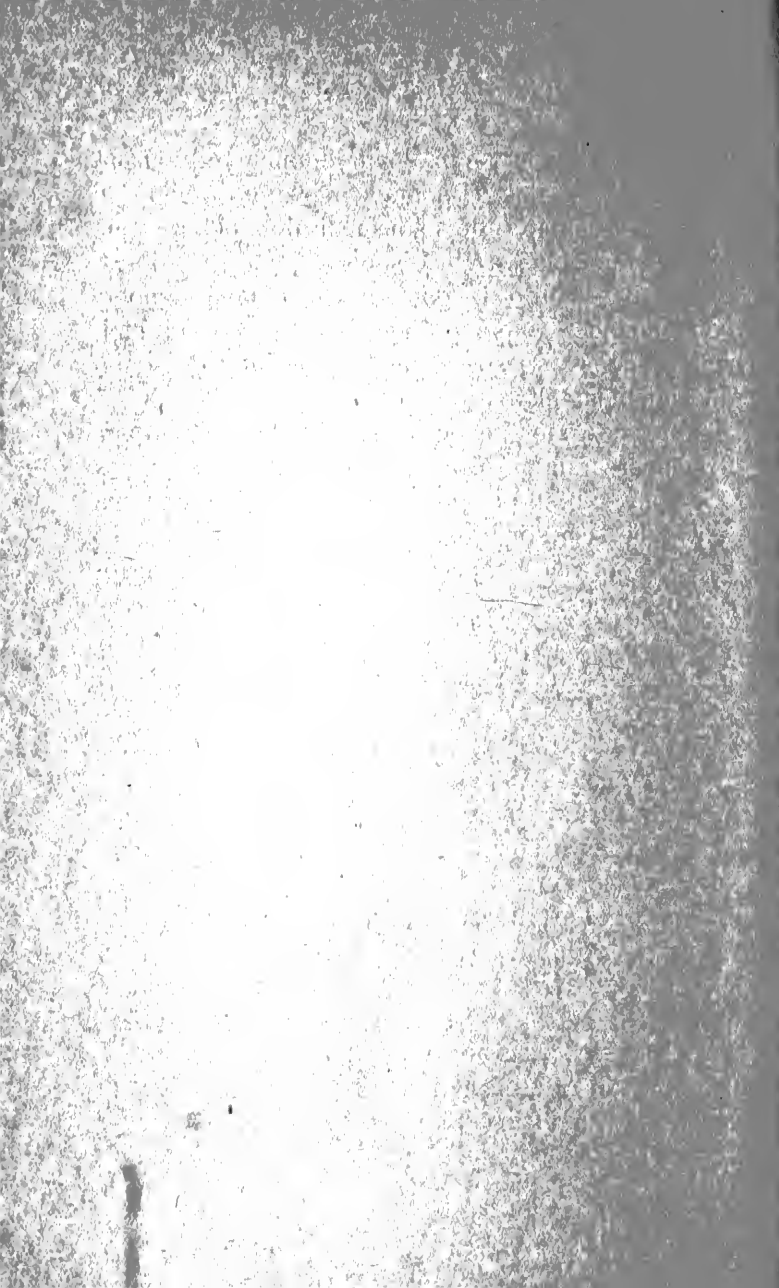
ao longe, no alto se moviam lentamente, com indifferença. A filha da açafata não tivera tempo de voltar ao moinho e de se despedir do ajudante, que a essa hora julgava em Lisboa.

Este, a bordo de outro navio, olhava tambem com saudade o moinho onde deixára, com a moleirinha, todas as esperanças de um futuro risonho que tambem julgava perdido.

Das centenas de pessoas, que d'ahi a um mez desembarcaram no Brazil, foram talvez os unicos dois que, na surpresa do encontro, tiveram uma felicidade sem sombras.

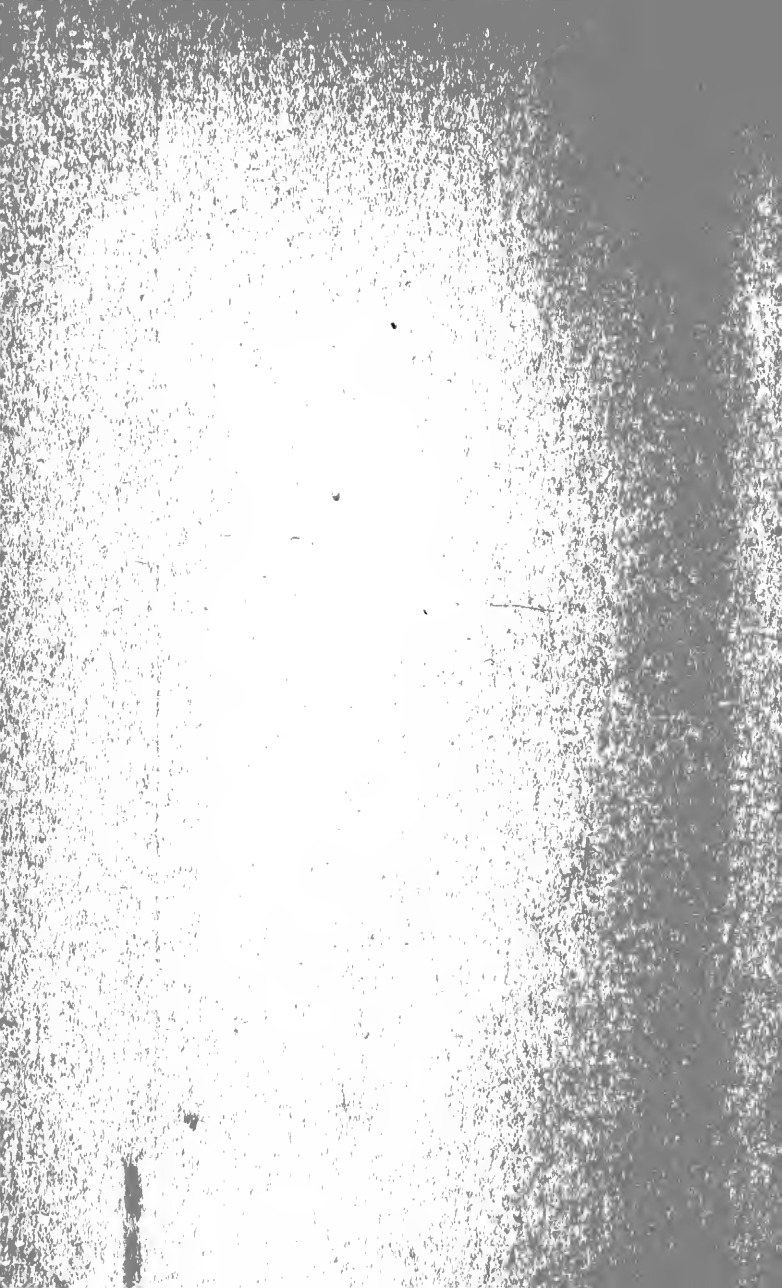
O amor não conhece patria. Faz ninho em todos os climas.

C. S.



XII

UM SONHO



VI-ME n'um bosque sentado sobre uma pedra que o musgo viçoso amaciava. Altas arvores copadas e esguias occultavam-me o céu, que se adivinhava azul inundado de sol. A relva verde, beijada de orvalho, brilhava como uma chuva de esmeraldas preciosas, matizada por pequeninas flores de coloridos ardentes. A agua crystallina de um regato serpenteava cantando sobre os seixos uma murmurosa canção de amor, que os passaritos no ar repetiam chilreando, voando de ramo para ramo. Da terra, das flores, das arvores e da agua, evoluva-se um perfume quente, inebriante, humido e vivo como o halito que se aspira ao beijarmos pela vez primeira os doces labios da doce mulher amada. Pequeninos insectos iriados, zumbindo, esvoaçavam no ar parado e calmo.

Nos longes da floresta, na curva do caminho, o sol, n'uma aberta, penetrava intensamente, caindo n'um lençol de luz, dando ao verde do fundo de emmaranhadas trepadeiras o macio de pregas de um fofo tecido de sedas.

Embriagada a vista no vinho capitoso d'esse quadro surprehendente; a memoria alheiada, per-

dida, esquecida da bella fôrma humana, pensei — ó blasphemia! — só tu, ó natureza, me pódes dar a sensação da mais perfeita formosura!

Mas logo, como n'uma aparição, nos longes da floresta, na curva do caminho onde o sol, n'uma aberta, penetrava intensamente caíndo n'um lençol de luz, appareceu, destacando-se sobre o verde do fundo de emmaranhadas trepadeiras, a figura ideal de uma ideal mulher!

Allucinado, doido, attrahido por essa fascinação irresistivel, corri pelo caminho fóra. E o caminho parecia que não findava. Via-a como se estivesse a dois passos de mim, cego pela sua belleza, e não lograva alcançal-a. E corria sempre. E ella, sempre immovel, fitava-me com um tão acariciador olhar, que eu percebia o coração fugir-me dentro do peito para se aninhar no seu, que sentia já pertencer-me! Cançado, offegante, ao chegar junto d'ella caí de rojo a seus pés.

Curvando ao de leve o busto erecto sobre a cinta, tão fina que parecia prestes a partir-se, estendeu-me os braços e amparando-me com as mãos brancas, de arminho, onde apenas as unhas dos seus dedos afusados punham a coloração delicada das petalas de uma rosa, disse-me n'uma voz musical, de uma harmonia divina, deixando entrever a neve dos seus dentes:

— Levanta-te, eu sou a tua amada!

E nos seus olhos profundos, como um céu sem nuvens, li todo o nosso immenso e apaixonado

amor. Quiz beijar-lhe as mãos, mas a sorrir desviou-se vagarosa, deixando-me preso ao logar onde me levantára, e por largo espaço ali fiquei vendo-a afastar-se, deixando as flores que pisára, a soluçar um choro dolorido por já não sentirem os affagos dos seus pés mimosos ; levando no oiro dos seus cabellos todo o sol, que já então não caía, como um lençol de luz, pela aberta onde apenas agora luzia o claro céu de turqueza. E desapareceu cortando-me o somno este sonho estonteador...

* * *

O sonho recomeçou e eu vi diante de mim a fachada monumental de um palacio sumptuoso. Guiado por uma invisível mão, entrei pela larga porta guarnecida de bronzes trabalhados como filigranas de oiro. No vestibulo circular, bellos marmores polychromos entoavam no mosaico do chão, nas columnatas dos lados e na cupula do tecto uma alegre symphonia de côres. Pela vasta escadaria, opulenta de doiraduras, um tapete da Persia abafava o som das minhas passadas. Em cima corria uma galeria, povoada de esplendidas estatuas, abrindo para uma successão de salas onde não sabia o que mais admirar se as tapeçarias, se os quadros, se os bronzes, ou mesmo as pedras preciosas, rubis, esmeraldas e saphiras, engastadas nos ornatos das sancas e rodapés de rico jade leitoso. Deslumbrado por tanta maravilha, deixei-me cair n'um di-

van coberto por um rico brocado de oiro fino. Ninguem, nem viva alma, por todos esses salões silenciosos. D'ali, d'onde estava, descobria apenas lá ao fundo acariciada por um suavissimo banho de sol, que mais parecia um banho de luar, uma Venus encantadora, de uma correcção impeccavel na brancura impeccavel do seu marmore. Tambem quem poderia habitar palacio tão encantado, digno só d'essas divinaes estatuas, divinas creações de divinaes artistas! Ninguem, pensei, ninguem! Mas logo, como n'uma apparição, vi, offuscando-a, ao lado da Venus encantadora—deusa da belleza, mãe do amor, rainha das nymphas e das graças— a figura ideal de uma ideal mulher! Toda vestida de branco caminhava para mim tendo no andar ondulações compassadas de uma graça perturbante. A cada passo que dava, o vestido, ligeiramente curto, deixava entrever o delicadissimo pé idealmente preso ao artelho fino— feito de molde a ser cingido por um bracelete de beijos! Ao fogo intenso do seu azul olhar profundo desmaiavam, apagando-se, as pedras preciosas; foscava o oiro dos seus cabellos as doiraduras dos bronzes; a Venus, já sem luz, mal se divisava envolvida em sombras de tristeza! Tentei correr para essa visão encantadora; mas subjugado, fascinado, quedei-me immovel n'uma catalepsia de extasi. Só quando se abeirou de mim e eu sentia já o estonteante perfume do seu respirar sereno, é que—acordando á vida— me lancei de rastos a seus pés.

Curvando ao de leve o busto erecto sobre a cinta tão fina que parecia prestes a partir-se, estendeu-me os braços e amparando-me com as mãos, brancas de arminho, onde apenas as unhas dos seus dedos afusados punham a coloração delicada das petalas de uma rosa, disse-me n'uma voz musical, de uma harmonia divina, deixando entrever a neve dos seus dentes :

— Levanta-te, eu sou a tua amada !

Lembrado da scena do bosque suppliquei-lhe :

— Não fujas, meu amor !

Ella, porém, concentrando no olhar, com que me endoidecia, todo um mundo de promessas, afastou-se lentamente, desaparecendo por detrás de um farto reposteiro. Como uma fera ferida no flanco rugi uma imprecação, e, desesperado, na furia de a seguir, arranquei d'um impeto o reposteiro, arrojando-o com força para o lado.

Triste desillusão, ó amargura ! Encontrei-me n'um descampado enorme, illimitado, sem fim, longe de tudo, mais longe da minha amada !

E o somno veio outra vez cortar-me este sonho estonteador . . .

* * *

Quando o sonho recomeçou, estava ainda no mesmo descampado, chorando convulsamente todas as lagrimas da minha alma. E esse choro não tinha fim, e tanto chorei que cheio pelas minhas lagrimas

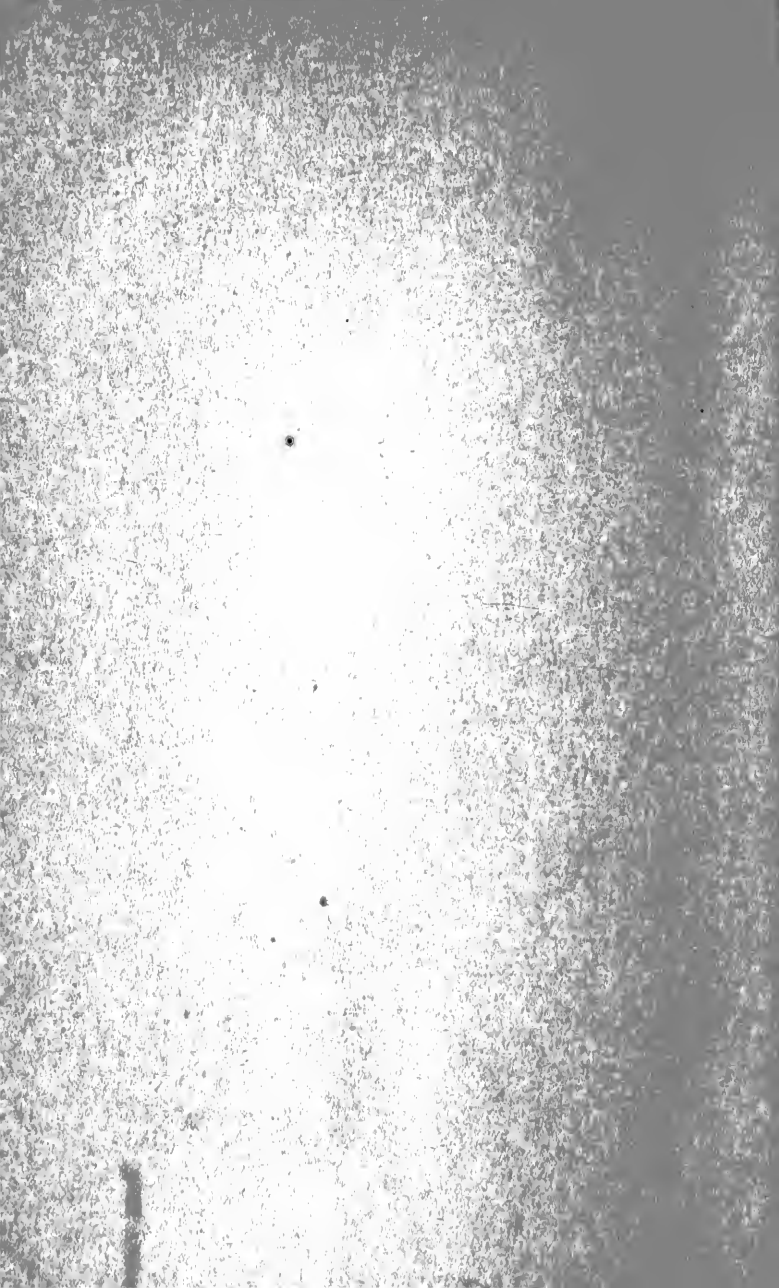
vi surgir diante de mim um lago profundo e enorme que me attraía como um abysmo. Tentei desviar-me d'essas aguas, negras como a noite escura da minha alma ; mas uma força estranha, por mais que eu luctava, fazia-me seguir com a irresistivel fatalidade do destino a sinuosa linha das suas margens. Caminhei por largo tempo, e, cançado, sentia-me já prestes a desfallecer, quando uma miragem, n'uma apothese de luz, illuminou o lago, e as aguas se tornaram claras como um espelho, banhando ao longe uma pequenina ilha, verde e risosinha, empolada de collinas tratadas como um jardim. Perto d'onde eu estava, preso á margem por um cabo de seda, balouçava-se brandamente, com os remos esquecidos nos toletes de marfim, um escaler de sandalo, amantado por um rico panno de velludo franjado de oiro fino, tendo na proa deliciosamente esculpida a enigmatica figura de uma esphinge. D'um pulo saltei para o barco, e desprendendo-o e tomando os remos, metti a proa para a ilha mysteriosa a largas remadas dos meus braços. Remei horas esquecidas, e a ilha que eu via distinctamente, com o caes descendo n'uma escadaria de marmore beijada pelas aguas, cada vez parecia afastar-se mais ! Sem forças já, não despegando os olhos da escadaria, deixava-me pairar ao ligeiro sabor da brisa que das collinas descia impregnada de aromas, quando de repente appareceu encostada á balaustrada do caes, com o busto erecto sobre a cinta tão fina que parecia prestes a

partir-se, a figura ideal da minha doce amada! Tomei de novo os remos, remando ininterruptamente a fortes remadas dos musculos tornados mais rijos que o aço; mas a ilha cada vez mais e mais se afastava e das pás dos remos caíam agora, a cada remada que eu dava, as amargas lagrimas que chorára!

Desesperado, levantei-me no barco atirando os remos para longe, e, fitando uma derradeira vez a figura ideal da minha amada, deixei-me cair de chofre na corrente, bebendo a largos tragos o fel das proprias lagrimas que vertêra. Sem lutar, meio asphyxiado, voltei um instante ao de cima d'agua e pude, vê-la ainda uma vez, tendo na face a rolar, a cair, uma lagrima sentida. Ao mergulhar de novo e para sempre no pelago profundo, essa lagrima transmudou o acre travor que me matava n'um nectar divino, e eu senti-me morrer afogado n'um oceano de goso!

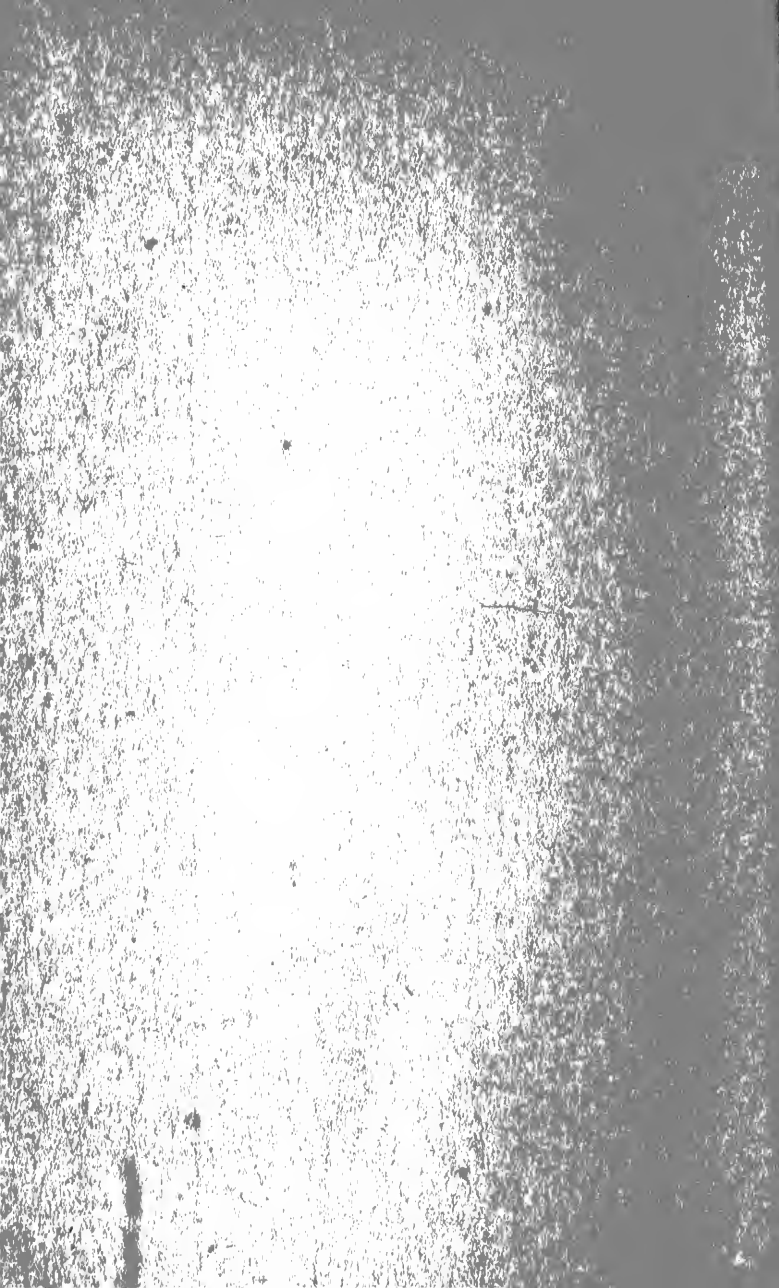
Acordei então.

B. P.



XIII

NA GUELLA DO LEÃO



QUANDO o leão de purpura dos Silvas perder a sua lingua negra acabará a familia a que vaes pertencer, prophetisára o Roque a uma das suas netas, na vespera do casamento, por uma noite de luar coado a custo pelas abobadas do espesso arvoredado n'uma das avenidas da quinta de Bellas. O Roque nunca mentira. Nas suas aparições pelo parque ensinava o paradeiro de thesouros escondidos, annunciava o advento de desejados herdeiros, denunciava os culpados que comprometiam com roubos os creados fieis, e, díz-se até, que consolára alguns corações com indiscretas confidencias. Se era alma penada (e era-o decerto, pois assim o affirmam auctoridades de que não é licito duvidar) a ninguem mettia medo. Sobrinhas e netas chamavam por elle, sem o menor arripio de terror, quando ouviam a sua voz auctorisada, sem um estremecimento quando avistavam a barba branca e comprida do velho ministro do sr. rei D. Pedro II.

Aquella prophesia fôra para a familia dos Silvas, na qual a neta de Roque Monteiro casára, como

um threno biblico, crédor de toda a fé. E perpetuára-se na tradição.

Ora, n'aquella manhã o leão rompante em campo de prata do escudo espartilhado, fecho do arco em madeira entalhada da capella-mór de um antigo palacio do bairro de S. Vicente, perdêra a lingua negra que o irreverente caruncho amputára. Foi a velha Brigida quem tal descobriu.

Quando fazia as suas orações, depois de ter baixado sobre o lagedo os olhos humilhados perante a divindade, ía levantá-los ao céu na invocação da Ave Maria; a sua vista, porém, parou aturada na contemplação do escudo truncado, e a Ave Maria gelou-se-lhe nos labios. Realisára-se a prophesia do Roque. Ou o sr. D. Carlos o unico representante d'aquella casa ía morrer, ou se preparava a ultima derrocada tão annunciada pelas successivas catastrophes dos ultimos annos.

Levantou-se inquieta e assustada; e tão preoccupada ía que, ao passar pela grande casa de espera de ladrilho esburacado, azulejada até á altura de um homem, e de cujo tecto, escurecido pelo tempo, pendia um merencorio lampeão, pegou inconscientemente n'um maço de cartas do correio que se achava sobre um dos bancos, unica mobilia do vasto casarão, e com um andar apressado, quanto lh'o permittiam os annos e o rheumatismo, dirigiu-se ao quarto de Carlos.

Este passeava fumando um charuto, de *paletot* abotoado, e ainda com a gravata branca que atára

na vespera. Quando a velha aia que o creára abriu a porta, voltou a cabeça interrogativamente, quebrando o fio da idéa que o preocupava.

— Quer alguma cousa, Brigida?

Esperando vê-lo na cama, morto talvez, em cumprimento da prophecia, estacou indecisa entre a satisfação de o encontrar vivo, e a curiosidade do motivo que áquella hora, dez da manhã, o tinha ainda levantado. Carlos repetiu a pergunta, e quando ella lhe explicou a causa da sua afflicção, interrompeu-a com um sorriso affectuoso.

— Não se enganou talvez a prophecia, tia Brigida. Não morro eu, mas vende-se esta casa, hoje, em praça. O Roque teve razão mais uma vez.

— Então sempre é certo! Olhe, menino, ou eu me engano muito, ou aqui anda mais alguma pouca vergonha do tal senhor que o anno passado comprou as Torreiras, e que, quando aqui veio, entrou na capella de chapéu na cabeça. Emfim já nada estranho. Desde que puzeram os frades fóra dos seus conventos não admira que ponham os fidalgos fóra das suas casas. E o menino que tenciona fazer?

— Ninguem me põe fóra, Brigida. A casa é vendida como foram vendidas as Torreiras e o resto, para pagar as minhas dividas, e as deixadas por... Você sabe muito bem que quando meu pae morreu...

— Sei muito bem, sei. Seu pae acreditou que se podia fazer de um marquez um negociante como

se faz agora de um negociante um marquez. Deus lhe perdoe, que as suas intenções eram boas, assim fossem os que o rodeavam. Mas o que passou está passado. E o menino que tenciona fazer?—interrogou de novo, dissimulando a custo a grande parte que o seu coração tomava na resolução de Carlos. O beijo tapetado de abundante buço tremia ligeiramente, o mirrado peito atravessado por um lenço branco arfava offegante, e atrás dos vidros dos oculos fixos os olhos traduziam interrogações anciosas. Carlos demorava a resposta com receio de desgostar a pobre velha a quem queria sinceramente.

—O que conto fazer? Com o que me resta, que não é muito, difficilmente vivo em Lisboa, onde alem d'isso a familia que tenho, julga poder arrimar-se, como d'antes, ao morgado. Vou lá para fóra comsigo, se me quizer acompanhar.

—Peça-me tudo o que quizer sr. D. Carlos, exclamou ella visivelmente aterrada com a idéa. Exija-me a vida, que de boa vontade lh'a dou para não ver vender esta casa. Mas ir lá para fóra na minha idade, é atirar commigo á cova. E depois nunca me ha de esquecer a desfaçatez com que aquelles malditos dos francezes, quando estive em Paris com a sr.^a marqueza, me chamavam estrangeira... a mim uma legitima portugueza.

—Então mais tarde fallaremos, atalhou Carlos. Se não me engano tem ahi o correio, e esquecia-se de m'o entregar.

A velha Brigida entregou-lhe as cartas, jornaes e revistas. E arrastando-se pezarosa, saíu resmungando: Deixar esta casa nunca! nem á força!

Carlos passou pela vista as cartas. Entre ellas, uma que suspeitou ser de mulher, despertou-lhe a curiosidade. N'uma letra ingleza corrida, como a de todas as senhoras educadas nas Salesias, o bilhete dizia apenas: «Alguem que se interessa por si, pede-lhe que suspenda a venda da sua casa durante seis mezes».

Tolice! pensou Carlos. Se não a suspenderia se pudesse! Se o credito de Silva Matos não excedesse já o valor pelo qual o antigo palacio lhe fôra hypothecado, consentiria que alguem fosse dormir no quarto em que seu pae morrêra, profanar a capella em que sua mãe rezára, transformar, Deus sabe em quê, as salas onde havia ainda um ar de grandeza, apesar da avessa fortuna dos ultimos cincoenta annos? Presentia a má sorte d'aquella casa, para si tão querida. Construido como era, com frequentes degraus pelos corredores escuros, exiguidade dos quartos subordinada á magnificencia da bem lançada escadaria, e vastidão dos salões, o vetusto palacio, cuja falta de nexo nos diversos corpos do primitivo plano se adivinhava na disposição do portão nobre communicando com um pateo, centro de duas grandiosas alas das quaes apenas existia a da esquerda, estava irremediavelmente condemnada a que o futuro possuidor a tratasse sem dó.

A ousadia do primitivo projecto incompleto na execução, as modificações que as successivas gerações foram introduzindo segundo os seus caprichos, alternativas de fortuna, e gosto das epochas, o seu aspecto digno na velhice, triste no quasi abandono, o destino que o esperava, tornavam de facto essa casa a imagem da raça a que tinham pertencido seus donos; e a sua historia acompanhava, nas vicissitudes d'aquella familia, os esplendores e decadencia de uma classe ora forte e poderosa, ora abatida e arruinada.

Carlos não era, como seu avô, um intransigente, nem como seu pae, um crente na transformação da força da classe a que pertencia pelos modernos processos da industria e da finança. Via claramente a onda do individualismo que subia, submergindo todos os que pela revelação de um caracter, pela manifestação do talento, ou pelo genio da intriga não conseguiam romper. Herdára com o sangue o espirito de raça, e o orgulho que só pode dar o dever de conservar limpo um nome antigo. Na educação bebêra todo o sentimentalismo pelas ruinas da antiga grandeza, toda a poesia da tradição. Esse sentimento, comtudo, não fizera d'elle um misanthropo, nem lhe tirára a flexibilidade do espirito, porque condensára todo o orgulho n'alguns principios com os quaes não transigia, porque materialisára todá a vaga saudade no passado na posse d'aquella casa, que para elle significava o cofre onde guardâmos tudo que nos resta de uma felici-

dade que já acabou. Por isso perdel-a era-lhe tão penoso, como se perdesse de uma vez a sua família e o seu nome.

E havia uma mulher tão ingenua que lhe pedia que impedisse a sua venda!

Quem se interessaria?...

Duas pancadas na porta do quarto vieram quebrar-lhe o fio das interrogações.

Abrindo, estacou admirado ao ver a figura elegante de uma senhora, como uma resposta viva dada ao problema que o intrigava.

— N'esta casa, Mathilde? No meu quarto? exclamou Carlos entre contrariado e confuso com a inesperada visita.

— Parece-me que a nossa intimidade me dá direito a procural-o sem mais avisos, respondeu. Ha tres dias que o não vejo. Julguei-o doente, e vim. Incommodo-o?

Foi isto dito com um sorriso tão cheio de provocações, envolviam-n'ò em tanta ternura os olhos azues que se abrigavam sobre as sobranceiras desenhadas em negro, como uma aza de andorinha, a cabeça enquadrada no velludo côr de chumbo do chapéu inclinava-se tão graciosamente sobre o hombro direito n'um gesto de ave que escuta, no simples justilho do mesmo velludo as linhas curvas do seu busto ondulavam com tanta commoção, que não havia preocupação que desculpasse em Carlos um movimento de impaciencia ou contrariedade.

A viveza do olhar de Mathilde tão discutido nas salas, tão acclamado pelos homens a quem o contraste com o encrespado cabello negro seduzia, nunca o fascinára nem lhe penetrára no coração. Mas a feminilidade que envolvia aquelle corpo soberbamente modelado n'uma atmospherá em que ninguem respirava impunemente, invadira-lhe as veias como um philtro agitador de todo o seu sangue. E a incondicionalidade com que se lhe entregára a encantadora viuvinha, sem exigir d'elle um juramento, sem quasi reclamar direitos, como quem concede uma volta de walsa, a alegria com que o seu riso leve e o seu espirito levíssimo tinha o segredo de perfumar os capitulos ligeiros d'aquelle romance nunca interrompido por uma lagrima de despeito, ou escurecido por uma scena de ciúme, enchêra-o de reconhecimento e déra-lhe do amor, a elle que nunca o conhecêra, a idea com que o definiu Chamfort—*L'échange de deux fantaisies, le contact de deux epidermes.*

—Mas que imprudencia? continuou elle pegando-lhe na mão, já despida da luva, e em que brilhava uma chuva de diamantes e saphyras encastoando os torneados dedos. Vir aqui a esta hora! Que assumpto para as linguas do mundo!

—E com a minha carruagem á porta-accentuou ella. Preocupa-me tão pouco a opinião da sociedade a meu respeito, que não lhe sacrificio um unico capricho. Alem de que, o mundo não é má pessoa; ralha muito na ausencia, mas na presença

sorri com tão bom modo, que se lhe perdoa a en-
triga a que é forçado por falta de assumpto.

E com a vista curiosa corria todo o quarto, in-
teressando-se pelas panoplias que enfeitavam as
paredes, perguntando os nomes dos auctores das
espingardas de caça que se enfeixavam nos cabi-
des e das quaes ensaiava a pontaria sem emba-
raço, desprendendo as facas de mato para lhes
examinar os lavores. Fumava nos cachimbos tur-
cos, segurando com as mãos ambas os compridos
tubos, envolvia-se na pesada manta alentejana com-
panheira das caçadas, traçando-a sobre o hombro
com um gesto aciganado, tirava o seu chapéu para,
diante do espelho, ageitar com um sorriso gaiato
um chapéu de feltro enfeitado com uma penna de
perdiz, contente por se saturar da vida de Carlos,
por surprehender a sua intimidade.

Sobre o largo bufete, servindo de secretaria,
inclinou-se com curiosidade, deixando ver com o
dobrar gracioso do corpo, os pés calçados irrepren-
hensivelmente. As duas linhas do busto descaíam
tão suavemente pelos hombros, e formavam desde
os braços á cintura um tão obtuzo V, de cujo ver-
tice saíam as curvas das ancas triumphantes, que
pé ante pé Carlos aproximára-se, e fazendo das
duas mãos um cintilho, dispunha-se a embrenhar o
seu bigode no emmaranhado frouxel da appetitosa
nuca, quando a vista incidiu no olhar severo do
retrato de sua mãe, que na parede fronteira pare-
cia franzir um doloroso sorriso cheio de censuras.

Emquanto as mãos paralyzadas desprendiam a cinta que apertavam, outra bôca se voltava como um iman vermelho em busca do beijo perdido. Diante, porém, da expressão do olhar de Carlos, Mathilde còrou levemente e perguntou irreflectida :

— É sua mãe?

— É — respondeu seccamente.

Ella então com a vaga intuição do que se passára no espirito de Carlos, referiu-lhe que duas vezes n'aquella manhã apparecera já um ponto negro no céu, até ahi tão limpo da sua felicidade. Quando entrára uma velha, a quem pediu lhe indicasse o quarto d'elle, olhára-a com mal dissimulado desprezo. Pensára então que se o seu coração não tivesse voado tão levianamente á teia doirada em que se embarçou, talvez hoje pudesse entrar n'aquella casa, pelo braço d'elle, com o seu nome. Sentia agora bem que nem um dos beijos que d'elle recebia podia ser trocado diante d'aquelle retrato. Muito embora! Nunca se arrependeria, porque lhes devia as horas mais completas da sua vida... Aquella casa, porém, dava-lhe infelicidade.

— Será enguiço, superstição, presentimento. Será! E acrescentou: Diga-me. Quere muito a este velho casarão?

— Não sabe como lhe quero? Com que intenção veiu então hoje aqui? Com que fim me escreveu esta carta?

E apresentou-lhe o bilhete que recebêra.

Pelo espanto da encantadora viuva, pelo véu de tristeza, que lhe passou nas feições, desfazendo as covas que o habito do riso lhe cavára nas faces, pelo morder dos beiços mais de molde para caricias de amor do que para impetos de despeito, Carlos comprehendeu a imprudencia que commettêra mostrando aquella carta.

— Nem a letra me conhece já ! disse Mathilde com tristeza. E com a emmoção de uma idéa súbita : — Pois bem, imagine que fui eu que lhe escrevi essa carta e conceda-me o enorme prazer de lhe evitar um desgosto. A minha fortuna...

— Por Deus não continue, interrompeu Carlos tornando-se pallido. Avalio a generosidade do seu offerecimento imprudente, mas peço-lhe que me evite o dissabor de recusar uma esmola. Escripto por mão anonyma esse bilhete vae esquecido para o cesto dos papeis velhos. Mas se eu a escutasse, a si, Mathilde, sem um protesto, desceria no seu conceito, desceria no meu, dava direito á sociedade a que trocasse o nome que tenho por outro, que a literatura francesa consagrou para resumir todo o desprezo por uma classe. Estimaria que amanhã alguém, apontando-me com o dedo, me chamasse : Monsieur Alphonse ?

Emquanto Carlos passeava de um extremo ao outro do quarto, Mathilde deixou-se cair n'uma cadeira, e com a cabeça encostada á mão esquerda, e os dedos internados no cabello negro por entre o qual os anéis coruscavam brilhantes, disse vaga-

rosamente, separando as palavras, como se fallasse a si mesma :

— Um dia toma-se de assalto o coração de uma mulher que o não defende... e o orgulho lisonjeia-se. Aceita-se d'essa mulher... o que para ella é ainda mais valioso que o coração... e o amor proprio não se revolta. Com o pretexto de que essa mulher tem umas mãos de princeza cobrem-se-lhe os dedos de jóias... e a isso não se chama uma esmola. Mas se ella, consultando só o proprio sentimento, mostra desejo de com a sua fortuna, aquillo que menos préza no mundo, evitar um desgosto a quem mais sinceramente estremece, então o orgulho convencional revolta-se por tão grande atrevimento, e não se hesita n'um feroz movimento de egoismo em atirar a essa mulher com o epitheto pouco decoroso de...

Carlos tentou acalmal-a. A propria agitação, porém, causada pela excitação da noite passada em claro, pela preocupação que absorvia, pela difficuldade de moderar aquella phantazia feminina, onde um primeiro grão de areia começava talvez a formar a montanha do ciume, dava ás suas palavras na intenção conciliadoras, o tom decidido de recusas terminantes.

— É ponto decidido, concluiu elle. Antes, porém, de terminarmos de vez a conversa sobre esse assumpto deixe-me contar-lhe uma historia. Conhece talvez a ameaça prophetica de um de meus avós ácerca do fim de minha familia.

A um signal affirmativo continuou :

— Quando eu era pequeno um santô capellão obrigava-me a ler o velho testamento. Ha n'aquelle livro, o livro dos Juizes, e apontava para o grosso in-folio apertado entre outros na estante de carvalho, um heroe em cuja vida, como na minha apparecem um leão e uma mulher. Um dia que Sansão seguia o seu caminho, matou o leão feroz que ameaçava devoral-o. Poucos dias mais tarde da guella escancarada d'esse animal extrahia um doce favo de mel. No banquete de suas nupcias apresentou o seguinte enyigma aos moços philisteus que o rodeavam: «Da ferocidade tirei o alimento, da fortaleza a doçura. Dou trinta tunicas a quem isto decifrar». Ao setimo dia as lagrimas de sua mulher tinham-lhe arrancado o segredo. Elle então cheio do espirito do Senhor caiu sobre Ascalão e matou trinta homens, cujas tunicas foram entregues aos philisteus. Mais tarde, adormecendo no regaço de Dalila, achou-se ao acordar, tonsurado, fraco, desprezivel, caído nas mãos dos seus inimigos. Eterna lição para aquelles que se deixam embalar e adormecer ao som enervante da voz d'uma mulher ainda a mais sinceramente dedicada! Não trouxe esta historia para lhe fazer a affronta de a comparar á lendaria sereia do forte e ingenuo nazareno. Mas approximando os dois casos prefiro tirar da guella do leão rompente a força para vencer; do que entregar-me aos risos dos philisteus de Gaza acorrentado pelas mãos de uma mulher,

adoráveis e adoradas, e em vez de traiçoeiras como as da perfida do Valle de Sorec, generosas e boas como as suas.

E segurando-lhe ambas deu-lhe um prolongado beijo na testa pensativa, e nos olhos onde as lagrimas começavam a tremer.

Sem querer, inconscientemente commovia-o o sentimento que encontrára onde até então apenas suppunha capacidade para o prazer.

Mathilde retirou as mãos, desviou a cabeça, e com um sorriso triste :

— Também conheço a historia de Sansão. E que differença! Sempre que a lia, nada me impressionava tanto como a grandeza do amor d'aquelle homem. Achava-o tão nobre adormecendo nos joelhos de Dalila, cuja traição conhecia, indifferente á miseria que o esperava, e adorando-a apesar de tudo!... que me pareciam bem pequenos os que calculam até que ponto as leis sociaes lhe permitem que chegue o coração. Adeus! Oxalá que a mão que escreveu esta carta (e atirou com o papel amarrotado sobre a mesa) não lhe esmague mais do que a minha o seu orgulho.

E saíu apressada, sem esperar que Carlos a acompanhasse.

Ouviu-se o bater das ferraduras dos cavallos sobre a calçada do pateo, e o rodar da carruagem afastando-se pela estreita rua das Escolas Geraes.

Minutos depois, das janellas do seu quarto voltado para o occidente, Carlos viu passar lá em

baixo, junto ao edificio monotono e triste do Terreiro do Trigo, a *victoria* puxada a trote largo.

Pelos passeios os que voltavam a cabeça para ver aquella mulher formosa passar, como levada n'um triumpho de riqueza e de bom gosto, não suspeitavam o doloroso confrangimento do seu coração, a tempestade do seu pequenino e amoroso cerebro.

II

Ao jantar que n'esse dia deram os condes de Ponte Nova, Carlos ficou collocado entre uma senhora velha, parente proxima de um ministro, e a filha unica do banqueiro Silva Matos, que pela sua belleza, e principalmente pela importancia do dote provavel, era chamada a *sorte grande*, quando passava pelo Chiado ao lado de sua mãe n'um *landau*, aberto como uma melancia madura.

Por indicação da dona da casa, sublinhada por um sorriso intencional, déra-lhe o braço para a conduzir. Na sua frente, entre duas largas corbelhas de prata lavrada, de onde emmergiam montanhas enormes de flores silvestres, avistava o perfil risinho de Mathilde conversando com um francez que não conhecia, e que estava achando profundamente antipathico, e quasi insolente na intimidade que affectava no dialogo.

Tratou de indagar da sua vizinha da esquerda quem elle seria.

— Provavelmente um estrangeiro, respondeu a velha.

A intelligencia e perspicacia que a resposta revelava inclinou-o para a direita, dirigindo a mesma pergunta.

— É um engenheiro francez, socio do meu pae na empreza de um cabo transatlantico, explicou-lhe a filha do banqueiro, córando desde a orla do decote á raiz dos cabellos de um loiro cendrado.

Carlos reparou então na extraordinaria correção d'aquella belleza que lembrava vagamente os retratos das patricias venezianas, na frescura da sua pelle, na suavidade do olhar escuro e avelludado, na expressão serena e meiga tão em harmonia com a voz de contralto, funda, arrastada, cariciosa... Involuntariamente, com um pensamento malicioso, comparou a distincção d'aquella rapariga com a physionomia vulgar do banqueiro, gordo e de testa pequena, beijo superior rapado, maçãs de rosto proeminentes, com uns pequenos olhos vivos onde apparecia um lampejo de penetração, aguçada pela faina constante do manejo de capitaes. Procurou depois com a vista, em procura de uma afinidade, a mãe, doce creatura insignificante, silenciosa e passiva, cujo pequeno dote nas mãos habilidosas do marido tinha sido a primeira semente da grande fortuna. E voltando de novo o olhar a sua vizinha, tão superiormente bella, com o seu ar original de altivez rendida, pensou:

— E é capaz de ser intelligente.

De facto na conversa era attrahente, interessante, sem pretensões nem laivos de erudição de convento dos *Oiseaux*, onde lhe contou que estivera dois annos, depois de saír das Salesias, e onde, sem o conhecer, fallava muito a seu respeito com uma prima d'elle que ali estava a educar.

A attitude do francez cortou a conversa, despertando de novo a attenção de Carlos. Mathilde pegára distrahidamente n'um dos ramos de violetas, que, por sobre a fina toalha adamascada em extenso cordão, circumdavam as trabalhadas serpentinhas, os crystaes reluzentes, as acastelladas pyramides de fructas temporãs, o perrexil e conservas em custosos covilhetes da India, e o soberbo centro, uma nymphá surgindo vencedora das ondas, e sustentando com um braço sobre a cabeça uma larga salva de crystal da Bohemia.

Emquanto a appetitosa viuva aninhava as violetas entre o seio e as rendas negras do vestido, o francez curvava-se, abaixando a voz n'um quasi segredo equivocamente madrigalesco, que pareceu a Carlos tel-a contrariado. Conteve a custo uma phrase que castigasse o atrevimento. Lembrou-se, porém, que nenhum direito podia ter sobre os actos de Mathilde, e entre os dedos nervosos sentiu-se estalar a casca de uma noz.

Entretanto a conversa generalisava-se, incidindo sobre a febre que se apoderára da Europa pelas cousas d'Africa. O engenheiro, que percorrêra uma grande parte da costa occidental, fallava com en-

thusiasmo na perspectiva brilhante das empresas europeas, exploradoras das riquezas escondidas no mysterioso continente.

— Ali está, disse uma senhora referindo-se a Carlos, quem não se deslumbra com a vida das roças, com a poesia das mucamas, nem com as côrtes requintadas dos régulos e dos sobas.

— Peço perdão, minha senhora, atalhou elle, para mim a Africa é o unico *sport* tentador de um europeu. As caçadas, as corridas, as proprias toiradas perderam todo o seu encanto. A civilisação aperfeçoou tanto as espingardas de precisão, que não ha meio de errar um innocente faisão, um inoffensivo veado, nem se affronta o menor perigo em atacar um javali; apurou de tal modo as raças corredoras, que dentro em pouco todos os cavallos correrão egual numero de metros em egual numero de segundos; e finalmente estragou de todo as toiradas desde que minusculisou o M dos Marialvas adjectivando a palavra e reduzindo-a a synonymo de *faia*. A India transformada pelos inglezes em magica do Alhambra, e banalisada pelos romances de Mery, não encerra o mais pequenino mysterio, nem, como no tempo de el-rei D. Manuel e de nossos avós, nos pode enriquecer com a pimenta, o cravo, a canella, o açafão e o almiscar. A Africa, só a Africa nos resta. E logo que os paquetes da carreira tenham um cozinheiro supportavel penso em fazer as malas, pôr na cabeça o capacete de feltro, e untar os fechos da minha carabina.

Maria, a filha do banqueiro que o escutára attenta, perguntou-lhe com um leve tom de ironia :

— E leva consigo a velha Brigida ?

— Como sabe, interrogou Carlos a meia voz, que entre as reliquias do passado, que me pertencem, existe essa preciosa creatura ?

— Não lhe disse já que houve um tempo em que fallei muito de si !

— De modo que, sem eu o saber, a minha humilde pessoa occupava a imaginação das duas mais bellas educandas de um convento de Paris ? !

— Que em pouco mais tinham que pensar do que em Telemaco e as suas aventuras, respondeu ella sorrindo, enquanto destacava uma a uma, com as mãos muito brancas, as pelliculas de uma tangerina.

Mas a verdade é que o adorava, apesar d'aquella apparente tranquillidade, do seu ar de estatua insensível, da serenidade do seu porte de rainha coroada pela estriga loira de uma roca de fada. E o seu negro olhar enigmatico, a que uma ligeira myopia dava o sabor irritante de um problema irresolvido, começava a intrigar Carlos, quando acabado o jantar a conduzia pelo braço. Voltando da sala, onde a deixou, sentiu no hombro a pesada mão do banqueiro, que lhe dizia :

— Interesse-me muito por V. Ex.^a.

Carlos, surprehendido pelo prologo *ex-abrupto*, inclinou a cabeça n'um gesto de fria polidez.

Silva Matos, bebendo vagarosamente o café,

continuou : Já me interessava por seu pae, a quem muitas vezes tive occasião de provar esse interesse. Infelizmente, porém, elle não aproveitou as occasiões nem os conselhos que lhe dei. V. Ex.^a é um rapaz novo, tem diante de si um futuro brilhante, póde, querendo, tomar uma posição eminente e adquirir grandes cabedaes, o que, acredite-me, é a mola mais poderosa para a vida na sociedade em que vivemos. Para isso, porém, é necessario não se deixar levar por falsos orgulhos, e deve acceitar o mutuo auxilio, sem o qual nada se faz, admittir as concessões de favores, indispensaveis em todo o negocio. Isolado é quasi impossivel conseguir-se alguma cousa. Soube hontem por minha filha que V. Ex.^a tinha um grande desgosto em desfazer-se da sua casa. Resolvi desde logo impedir que na praça tivesse comprador, e com effeito não foi vendida, porque desejava fallar comsigo a tal respeito. Porque não me procurou? É verdade que eu tencionava adquiril-a para a habitar, mas tudo se poderia harmonisar, porque com palavras é que a gente se entende. No grande campo das transacções a confiança publica e o favor dos governos representam um valioso capital. Ora V. Ex.^a tem direito a um logar na camara dos pares, tem relações, pode ter influencia, e a sua reputação de severidade dá-lhe a confiança dos que temem comprometter-se. Todos estes elementos são aproveitaveis, e podem concorrer para assegurar o exito das mais arriscadas operações. O grande segredo

na industria e na finança que, havendo esperteza, devem andar sempre nas mesmas mãos, é a união. Juntas—as nossas forças podem em pouco tempo accumular milhões, e da associação podemos fazer *uma familia* (e prolongou intencionalmente esta ultima phrase); separados a—sua casa tem de voltar á praça brevemente, e eu não sei se encontrarei associado com quem tanto sympathise.

Carlos, que durante o confuso arrazoado do banqueiro mordêra o charuto visivelmente impaciente, e irritado com o sentido que adivinhava n'aquellas palavras, com os dedos nas cavas do collete, as pernas abertas em compasso, e os sob'olhos reunidos n'um vertice, perguntou-lhe n'um tom decidido :

— Acabou ?

E a um gesto affirmativo acrescentou :

— O contrato que o sr. Silva Matos acaba de propor-me, não tem no codigo civil o nome de associação com que erradamente o baptizou, chama-se um contracto de compra e venda. N'este caso um outro codigo que segundo vejo desconhece, o que o torna irresponsavel, ensina a repeller as propostas insolentes e atrevidas. Tome no sentido em que quizer as minhas palavras, mas veja n'ellas a recusa terminante de me deixar despojar da dignidade, como infelizmente me vejo obrigado a abandonar tudo quanto me resta.

E voltando-lhe as costas entrou na sala, em-

quanto o banqueiro, pondo a chicara do café sobre o marmore de um tremó, encolhia os hombros n'um gesto de quem tira de si a responsabilidade de um suicidio e abanava a cabeça, com o beiço inferior estendido, murmurando baixinho: É tolo.

Carlos, pela força do habito, sentou-se n'uma cadeira junto de Mathilde e só depois de ahi estar, lembrando-se da scena de manhã, ía levantar-se pedindo-lhe perdão, quando ella, adivinhando a intenção, lhe disse:

— Fique, porque temos que fallar.

Contou-lhe então que saíndo de casa d'elle resolvêra, levada de um impeto de ciume, descobrir quem escrevêra aquella carta, que déra logar a ouvir a condemnação cruel de todo o seu passado amor. Fallando, as suas palavras revellavam quanta paixão verdadeira se tinha escondido, e ainda agora existia sobre a frivola apparencia de um capricho passageiro; quanto soffrêra desde essa manhã.

Agora, porém, que o acaso lhe fizera descobrir a mão que, inconscientemente, quebrára o fio doirado da sua leviana existencia, essa mesma mão lhe indicaria o caminho da unica vingança possivel, embora n'esta empreza esmagasse de vez o coração.

— N'este momento, dizia ella, uns olhos negros que o envolvem n'uma atmospherá de adoração estão-me silenciosamente revelando as torturas porque n'esta occasião passam, e que eu propria por meu mal conheço tão bem! A differença é que elles

podem olhar para o futuro com o direito que lhes dá a innocencia e a legitimidade do seu sentimento, e os meus só podem ver no passado a condemnação de todas as esperanças, e afastam-se com horror do isolamento futuro a que me condemnei. Um conselho de quem lhe quer muito... — continuou ella. Alguem, que não eu, póde talvez dar-lhe a felicidade completa, deixe que o braço que ainda ha poucos minutos se encostava ao seu, n'elle se ampare para toda a sua vida. Ella é boa segundo todos dizem, bonita comó ninguem, tem no espirito sufficientes recursos para fazer esquecer os vicios de origem...

— Falla-me de Maria, a filha de Silva Matos, e affirma-me que foi ella quem esta manhã me escreveu aquella absurda carta. Talvez! Obedeceu ás ordens do pae, que acaba de offerecer-me a filha, e algumas centenas de contos, em troca do meu voto na camara dos pares, e de não sei que influencia, que imagina eu tenho. Não queira medir o coração dos outros pelo seu, que é generoso e bom. Não utilise em favorecer as ambições de um argentario e os caprichos de uma pretenciosa, o sacrificio que faz, e que eu acceito, porque não posso com dignidade evital-o.

D'ahi a momentos saía, seguindo a pé pelas ruas tortuosas, estreitas e humidas, abobadadas com roupa estendida, desde a vespera, em cordeis esticados nas pontas de pequenos paus, que se fincavam nos peitoris das janellas. A velha Alfama

dormia tranquilla e silenciosa como nas noites em que era acordada pelas danças, trebelhos e folgares do folião D. Pedro I, ou pelos rugidos e ameaças populares dos sequazes de Alvaro Paes contra a bella Leonor Telles.

Apenas de alguma janella mal fechada saíam as ultimas notas do fado repenicadas na guitarra por fadista estremunhado, emquanto nos cafés, á espera da madrugada, vultos dormiam de bruços sobre o marmore das mesas.

E Carlos, com as mãos escondidas nas algibeiras do *paletot*, caminhava pensando na brutalidade da sorte que o perseguia. Com todas as qualidades que podem tornar um homem distincto, util a si e aos outros, elle, ligado de pés e mãos, não podia dar um passo que não parecesse o de um humilde solicitador, não podia fazer um gesto que não se assimilhasse ao de estender a mão a uma esmola. E até, se duas mulheres, bellas, novas e ricas, tentavam arrancar-o do caminho a que era impellido, achava-se na dura necessidade de as repellir quasi brutalmente para não parecer que se alugava aos caprichos da amante, ou vendia o seu nome á filha do banqueiro. Era, comtudo, bem a custo que desviava de si a generosa viuva tão deliciosamente apaixonada, e á qual elle sentia agora que o ligavam laços bem difficeis de desfazer; era com um ligeiro remorso que se recordava, de ter accusado, quasi sem fundamento, de cumplicidade com seu pae, Maria, a dona dos tristes olhos pretos. E para

quê, todos os sacrificios? Valeria a pena tanta isenção? Cedendo, teria a riqueza, o amor, a consideração publica, todos os caminhos abertos para a gloria, para o prazer, para a vida brilhante; resistindo, esperava-o o obscuro e ignorado destino dos que têm que trabalhar para viver. E qual a compensação?

Parou um instante como a procurar a formula do sentimento que o agitava. Passados minutos, bateu com o pé no chão com um gesto energico, e terminando o monologo mental que trazia exclamou: A estima de mim mesmo, com todos os diabos! E continuou caminhando silencioso.

Quando chegou a casa e abriu a janella para a varanda, vinha rompendo o dia. Aos seus pés, na frente, para a direita e para a esquerda, caía em cascata até ao rio pela encosta abaixo a casaria do velho bairro, alternando as largas manchas escuras dos telhados, com as brancuras do alvejar da cal. Ao longe, por detrás da linha tortuosa das montanhas da Outra Banda, o sol nascendo vinha tocar obliquo na superficie das aguas, que acordavam n'um arrepio, encrespadas pelo nordêste. O pontal de Cacilhas, como a quilha d'um grande navio ali naufragado, rasgava a corrente suave da maré que baixava. As faluas, moscas negras poisadas no azul pardacento do rio, dormiam ainda, indifferentes ao dia que subia, puxando, impellidas pela corrente, as cadeias que as seguravam.

Dir-se-hia que todas as embarcações ancoradas,

esquadra phantastica illuminada pela luz dubia da madrugada, eram impellidas pela força da agua descendente para as bandas da barra, escondida á direita pelo perfil anguloso da montanha. E o espirito de Carlos acompanhava-as n'aquella derrota ideal.

O mesmo caminho tinham levado todos os seus avós! Por ali tinham seguido nas galés que iam á conquista do Algarb serraceno; por aquella estrada á gloriosa tomada de Ceuta e de Tanger, e na esquadra que foi bloquear Sevilha, com o neto do genovez Pessagna. Por sobre aquellas aguas tinham seguido nas naus que buscavam a esquivia Atlantida, e os encantados dominios do Prestes João. Lá de baixo, do Restello, um dos seus partira nas naus que em busca da India dobraram o cabo da Boa Esperança, outro na brilhante armada que ia atirar, levada na phantasia da sublime creança, a vida dos ultimos portuguezes da Renascença ás adustas areias de Alcacer Kibir. As fustas, galeões, bastardas, caracas e caravellas que, ou limpando as costas de Portugal dos atrevidos mouros, ou indo conquistar Ormuz, Goa, Malaca, implantavam o dominio portuguez no oriente, tinham levado alguns dos seus, que illustrando o nome de sua familia o ligavam á historia da humanidade. O destino já agora impellia-o tambem por aquella estrada humida á mysteriosa e indecisa empreza de salvar varonilmente o seu nome da voragem em que ameaçava submergir-se!

III

O antigo palacio dos Silvas fôra transformado n'uma banal e commoda habitação moderna.

Apenas lhe conservaram as linhas geraes do edificio e o brazão da porta de entrada, por coincidir com um dos appellidos do novo proprietario o nome da familia que o possuía.

Durante mezes, o martello dos carpinteiros echoou pelos corredores ainda ha pouco silenciosos e deshabitados, a trolha dos pedreiros rebocou as fendas abertas pelo tempo nas velhas paredes, e a dos estucadores substituiu, pelos complicados labores do gesso, a pintura um pouco desbotada das características folhagens miudinhas nas paredes dos camarins, das allegorias mythologicas no tecto da casa de jantar. Caíram os altos roda-pés carunchosos, foram arrancados os azulejos da escada e as sedas empallidecidas da sala do throno.

Tudo remoçado como velha matrona que se prepara para segundo casamento !

Rasgaram-se janellas, abateram-se antigas divisões, fez-se luz nos recantos obscuros, cortaram-se os degraus inuteis, introduziu-se nas paredes a teia miudamente ramificada dos encanamentos modernos, envidraçou-se a varanda, estucou-se de côres garridas desde a vasta cosinha lageada até á sala do baile.

Cada manhã, quando o exercito de operarios entrava para o trabalho, era recebido no patamar

da escada por uma velha que, ora em monosyllabos aggressivos e phrases hostis, ora em supplicas humildes e lamentações chorosas, tentava impedir-lhes a obra devastadora!

Era Brigida, a creada que defendia aquella casa, d'onde nem as instancias de Carlos, nem as ordens do novo proprietario, nem as obras que tudo revolucionavam, nem as chufas dos operarios tinham conseguido expulsal-a. Agarrára-se com a tenacidade do mollusco ao casco d'aquelle velho navio a que a prendiam as raizes do coração, e a poderosissima força do habito de mais de sessenta annos.

A grande catastrophe da saída de Carlos, seguida pelo supplicio diario das transformações successivas que preparavam a profanação final — invasão do palacio pelos novos proprietarios — tinham-lhe pouco a pouco esmorecido o fraco e cansado cerebro que conservava apenas viva, forte, implacavel a idéa da defeza d'aquelle dominio, da resistencia ás innovações.

Convencido da inutilidade dos esforços para a fazer sair por bem, Silva Matos consentira que a *velhota se accommodasse* nos quartos do pateo; e os operarios habituaram-se tanto aos seus improperios, que se alguma manhã tardava em apparecer, iam provocal-a á porta dos seus aposentos.

— Falta-nos cá hoje a maluca! E cada um ía procural-a, desafiando-a com grosseiras invectivas.

Ella então tentava correr sobre elles com um sarrafo na mão tremula, insultando-os. Sentindo-se

porém fraca, abatida, impotente, encostava-se a uma parede n'uma convulsão de choro, e as lagrimas caíam uma a uma sobre o lenço branco do peito. E era tão *sympathica* e *commovedora* a sua dor, que todos se afastavam envergonhados, quasi *contractos*, diante d'essa velha de cabello branco.

Expulsos os legitimos senhores d'aquella casa, ficára ella, a incarnação da domesticidade dedicada que pelos habitos tradicionaes era considerada *familia* e que, como tal, se julgava incumbida por uma força superior de guardar intacto o sacrario das suas afeições, esperando talvez que um poder sobrenatural lhe trouxesse das longiquas terras para onde lhe annunciava que partia em breve, Carlos, rico, poderoso, constituindo uma familia que perpetuasse a sua nobreza pelo mais afastado futuro, deixando-a a ella então morrer descansada na serena e consoladora convicção de ter sido o genio tutelar da casa de seus amos!

Cada dia, porém, ia vendo fugir-lhe mais e mais a possibilidade da realisação d'esse sonho. Já quasi desconhecia a nova divisão interna, e visto pelo exterior o palacio remoçado e casquilho dava-lhe o sentimento de viuvez de um pae que, depois de longa ausencia, encontra pervertida, impudica a filha que deixára innocente e pura.

Por vezes quasi chegava a ter odio áquellas paredes que n'uma passividade cobarde se deixavam assim violar com deshonna, sem ao menos usarem

do seu privilegio de velhice para protestarem esboçando-se n'um cataclysmo.

Estranhára tambem de começo que Carlos tentasse leval-a d'ali, e lamentava que, ficando, elle não a acompañasse n'aquella heroica defeza. Enternecendo-se, porém, dizia consigo: Coitado, falta-lhe coragem para assistir a esta desgraça!

De facto, Carlos nunca mais entrára n'aquelle bairro, nunca mais fallára na sua casa desde que, havia mezes, ella fôra vendida ou antes encontrada no credito de Silva Matos.

Limpo de dividas e das relações que ellas trazem, começou a pensar praticamente no problema da sua vida, até então apenas esboçado na phantasia cavalheirosa.

Ir para a Africa!

Hoje, porém, que já não se podia alistar nas phalanges aguerridas que iam conquistar Tanger, Arzilla e Azamor, acabadas as guerras de raça e de religião e a força expansiva que levava Portugal ao Imperio de Marrocos, extinto o espirito militar, que conservava aquellas praças para exercicio e tirocinio da cavallaria fidalga, só lhe restavam tres caminhos — o da administração, — o do commercio, — o da sciencia.

Ser empregado, ser mercador, ou ser explorador.

Lembrou-se então de ter lido algures, que ao sul de Mossamedes, nos territorios de Owampo, as areias brilhavam com fulgores metallicos, e que

nas margens do N'gami um negro tinha achado uma pequena pedra com agua superior á dos brilhantes do Cabo.

A sua educação permittia-lhe estudar aquelle problema, que podia significar um futuro desassombrado, e a imaginação impellia-o áquella empreza vaga e indefinida, ao encontro do desconhecido, eterno recurso dos espiritos doentes, no continente mysterioso onde, se não achasse a fortuna, teria ao menos a morte, longe do scenario triste dos primeiros episodios da sua vida.

Ao coração que inoportunamente começara a sentir quando elle já irremediavelmente perdêra a esperança de poder harmonisar a execução dos seus projectos com a posse de Mathilde, imporia silencio, encerrando-o no cofre de energia de que necessitava para caminhar sem hesitações.

Ella, por seu lado, proseguindo na heroica abnegação, empregára todos os meios de o convencer que, sem abjecção nem desdouro, podia e devia casar com Maria, que na realidade o adorava.

— Olhe, Mathilde, disse-lhe elle uma vez, se algum dia a fortuna deixar de ser avessa para mim, só uma mulher me poderá dar felicidade, e então irei pedir-lhe, a si, que, para epilogo do começado romance, juntemos os nossos destinos, embora as cabeças branquejem, annunciadoras de velhice.

Bem no íntimo esta resposta de Carlos lisongeava-a, acariciava o bocadinho de egoismo que acompanha sempre os mais sublimes sacrificios.

E sem desistir da sua resolução heroica, sem permittir a minima concessão ás exigencias do seu coração de mulher, sentia comtudo mais facil a conformidade, achava mais suave a viuvez a que se condemnára.

A sua vibratil feminilidade assim como lhe tornava aiosos os movimentos, e lhe imprimia graça nas maneiras, transformava todas as suas idéas em sentimento, obrigando-a a pensar *pelo coração*.

Em Maria, pelo contrário, a paixão revelava-se pela *idéa fixa*. A sua natureza impetuosa e ardente coloria com os tons vivos do entusiasmo, exagerava com a desproporção de uma lente convexa qualquer sentimento. O amor n'ella era a vibração intensa d'um cerebro exaltado, a excitação agitadora de todo o systema nervoso.

O que nas creaturas docemente amorosas como Mathilde dá o extasi; o abandono de todo o ser a uma aspiração vaga, a dedicação submissa, e a deliciosa abstenção da propria individualidade, nas almas violentas produz a preocupação contínua, a monomania do amor, o *delirium tremens* da paixão, o desejo ideal da posse absoluta, um estado de hypnotismo constante. É o amor cerebral das que adoram e das que matam. A sua sensualidade racional é mais terrivel, mais indomavel, que a das hystericas. Póde dominar-se uma paixão; ninguem tem em si força propria para submeter uma allucinação.

Maria adorava Carlos assim.

A sua phantasia imaginava-o aquelle conjuncto de qualidades romanescas, de generosas loucuras, de audacias heroicas que formam a ave azul de todos os dezoito annos ainda os mais dados a prosa chã da vida. E de facto, Carlos, bello na sua despreoccupada elegancia, valente, nobre, intelligente, um quasi nada altivo, realisava, quando apparecia na sociedade cercado pela estima dos homens, aureolado pelos segredos surprehendidos em todas as bôcas femininas, o typo ideal de molde para infiltrar no organismo da exaltada creança aquelle absorvente amor.

O pae, apesar de pouco prespicaz em materia de coração, descobrira essa tendencia, e no empenho de a casar, compromettêra desastradamente o exito da missão delicada. Desde esse dia, Maria, conhecedora das relações entre seu pae e Carlos, o que mais aggravava o estado do seu espirito, perdida a campanha de salvar a casa que o banqueiro resolvêra comprar, e a esperança de a habitar noiva e feliz entrou a deixar-se apossar da idéa de que a invasão d'aquelle palacio e a sua renovação (quasi um sacrilegio) lhe trazia a infelicidade de toda a vida, a ruina de todas as aspirações.

O banqueiro por seu lado supersticioso, como todo o homem de negocio, começou a ligar á posse d'aquella casa a idéa de prosperidade nas vastas empresas. Lisonjeava tambem a sua crescente ambição de nobreza o facto de habitar o antigo solar de uma familia illustre.

Tardava-lhe portanto entrar para lá, sem pensar que cada martellada, que apressava a conclusão das obras, era como dada no coração de sua filha, que quando lançava os grandes olhos negros ao retrato de Carlos julgava surprehender um sorriso ironico escarnecedor, sobranceiro, e chamar-lhe com desprezo a filha do agiota !

Foi, portanto, como se a obrigassem a commetter um desacato na piedosa capella onde fizera a primeira communhão, como se fizessem um feixe das suas crenças e a levassem a pisa-las profanando-as, que possuida de um pavor quasi sagrado, Maria se apeiou n'uma tarde, do luxuoso *landau* á porta da nova habitação.

Pela grande escadaria, agora tapetada, os espelhos reflectiam a sua figura elegante, mostrando-lhe a cara pallida e as olheiras profundas do criminoso que entra com remorsò na casa da victima. Lá em cima, no espaçoso salão da entrada illuminado fortemente pelos fachos de gaz que guerreiros de bronze seguravam em attitudes theatraes, os creados de librés vistosas aguardavam a entrada.

O largo reposteiro do fundo foi afastado por uma mão debil e mirrada, e por detrás, com o olhar odiento, os punhos cerrados, os cantos da bôca espumosos, appareceu a velha Brigida curvada em attitude aggressiva como hyena surprehendida e atacada no covil.

E n'uma catadupa de palavras explodia a colera, o odio, a indignação da pobre allucinada. O ban-

queiro, visivelmente contrariado pela inesperada scena, deu ordem a um creado para que a levassem para o quarto, emquanto não era recolhida a uma casa de saude.

Maria no entretanto tentára serenal-a, mas Brigida, como se a mordesse uma vibora, recuou um passo, exclamando com violencia:

— Não te chegues, alma peçonhenta! Excomungada! Que quizeste ter palacio, ter salas, ter capella e obrigaste teu pae a expulsar d'aqui o sr. D. Carlos.

A filha do banqueiro, ferida pela injusta punhalada das ultimas palavras, fugiu para o seu quarto. Abriu a janella para a mesma varanda d'onde meuzes antes Carlos encontrára a resolução do seuproblema, e correndo com a vista a toalha negra do rio, salpicada de pontos luminosos que se reflectiam na agua, prolongados, tremeluzentes, fixou os olhos febris n'um, que imaginava pertencer ao vapor onde n'essa tarde elle embarcára e onde na seguinte manhã seria levado ao desconhecido destino!

Largas horas permaneceu assim. Tarde, já bem tarde como se acordasse de um pesadelo doloroso, e tivesse achado uma solução trabalhosamente procurada, murmurou repetidas vezes com uma voz glutunal e secca:

— Só o fogo purifica as grandes profanações! E repisando como n'uma ladainha aquellas palavras, dirigiu-se vagarosa e solemene ao seu pequeno leito,

cujo cortinado branco, ligeiro, virginal parecia prometter sonhos perfumados, proteger consciencias serenas, asylar esperanças felizes !

E com a mão firme e resoluta, pegou no castiçal, e chegou a chamma ao cortinado branco, ligeiro, virginal, que parecia prometter sonhos perfumados, consciencias serenas, e esperanças felizes !

As labaredas, subindo rapidas, communicaram-se á tela pintada do tecto, onde uma alegre chorea de pequeninos e risonhos amores se enlaçava graciosa, como para inspirar sonhos perfumados, proteger consciencias serenas, suggerir esperanças felizes !

O fogo alastrou rapidamente. Dentro em pouco ardia o palacio.

Ao mesmo tempo outro incendio se atejava no angulo opposto do vasto edificio, nos quartos habitados pela velha Brigida, que assim terminava como um bravo a defeza da praça assaltada.

Aquelles dois corações tão separados tinham-se encontrado no mesmo sentimento ; as duas loucuras na mesma idéa !

Na tolda do paquete Carlos passeiava desde a tarde contrariado com o acaso que o collocára em frente da encosta sobre a qual se estende a Alfama. O sol poente illuminava com uns clarões alaranjados a cantaria cinzenta da igreja de Santa Engracia, triste como um monumento tumular, enorme, mysterioso. O colossal edificio de S. Vicente de Fóra com as suas torres á frente, semelhante a uma

grande locomotiva caminhando para o sul, pesava abrutado sobre a casaria miudinha.

À esquerda o Limoeiro, amarello, côr-de ocre, contrastava com a elegancia severa das torres da Sé. E no centro do semi-circulo formado pelos quatro edificios, a sua casa, como um alfinete garrido pregado n'um *plastron* usado, attrahia-lhe inevitavelmente o olhar.

Não querendo, porém, abandonar-se a um sentimentalismo piegas, resistia á tentação.

As sombras de noite cada vez mais espessas, iam esfumando as linhas, apagando as côres, transformando o monte n'uma informe massa negra salpicada de luzes debeis.

De subito, porém, um clarão vivo rompeu triumphante, e logo outro bem perto.

Então a phantastica luz de um incendio illuminou sinistramente o amplo theatro, reflectindo-se no mar, e bafejando com o halito do fogo o céu esbrazeado. Nuvens de fumo enoveladas saíam das janellas tomando formas estranhas.

E Carlos julgou ver distinctamente desenhar-se no ar o dorso e cabeça colossal de um leão rompente, de cuja bôca saía uma lingua de fogo. Seria o cumprimento da prophesia do Roque? Seria um presagio favoravel nascido na guella do leão?

Pouco depois de chegar á Africa um jornal de Lisboa deu-lhe conta minuciosa do incendio. A noticia terminava relatando, que nos trabalhos de rescaldo, se encontrára no desabamento de uma

parede da capella, grande somma de bons dobrões de el-rei D. João V.

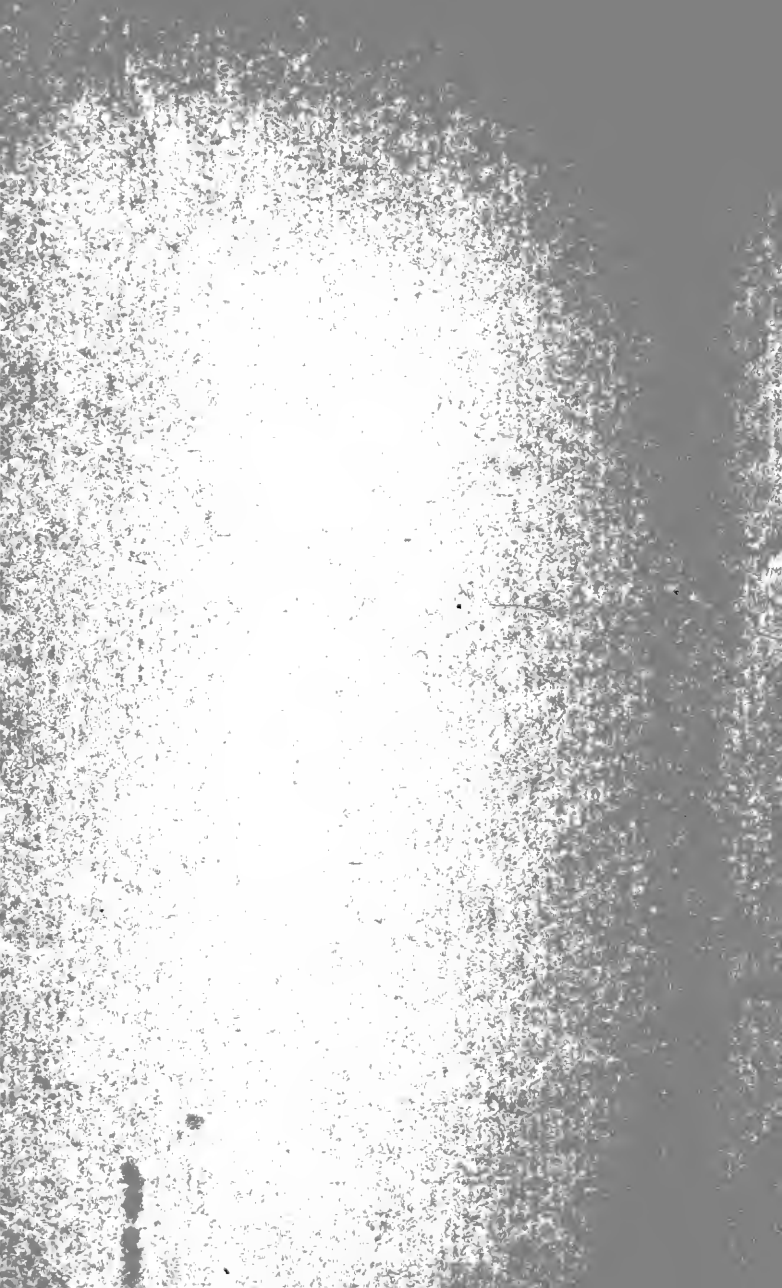
Uma fortuna para o novo proprietário!

C. S.



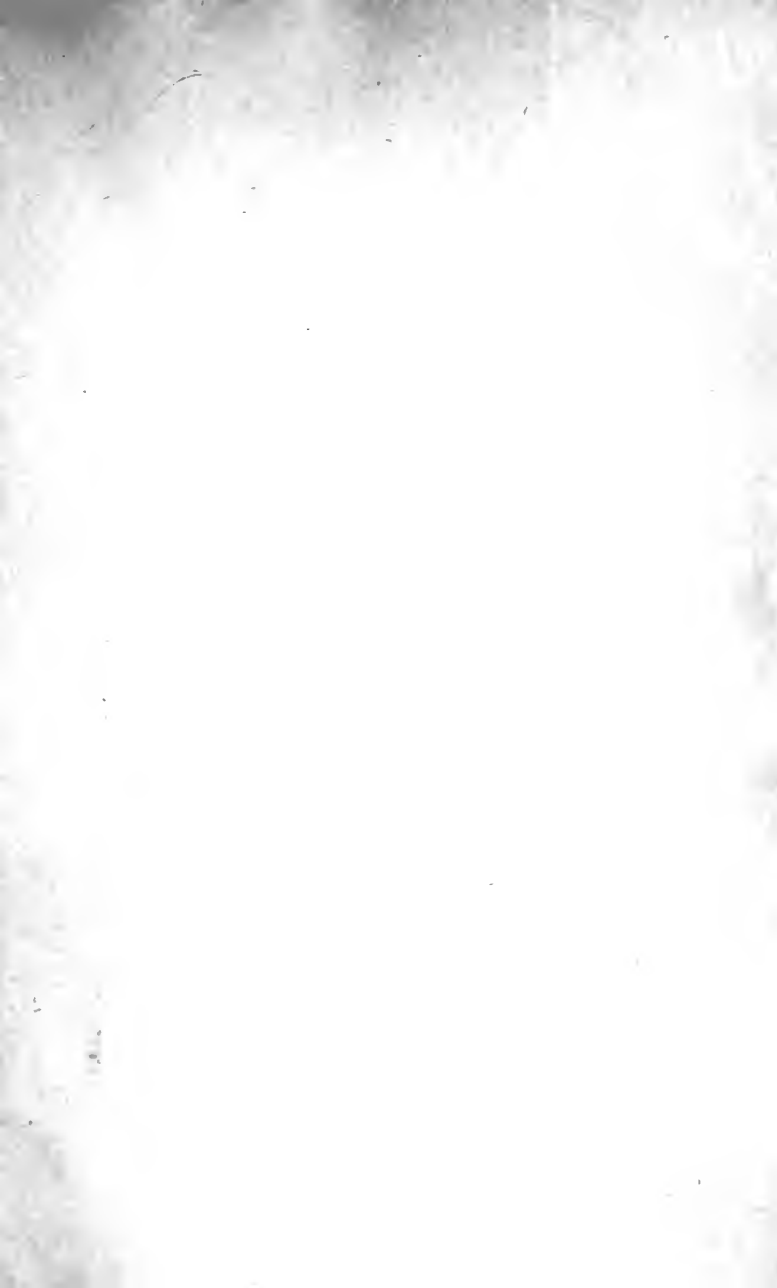
INDICE

	Pag.
I — Alliança ingleza.....	19
II — Um pequeno romance	29
III — A cabrita.....	37
IV — Em viagem	51
V — Balões	61
VI — No mar	71
VII — O filho do maioral	79
VIII — Inconfidencia.....	93
IX — O fadista.....	105
X — Mater dolorosa	115
XI — A nora — O moinho.....	125
XII — Um sonho	135
XIII — Na guella do leão	145



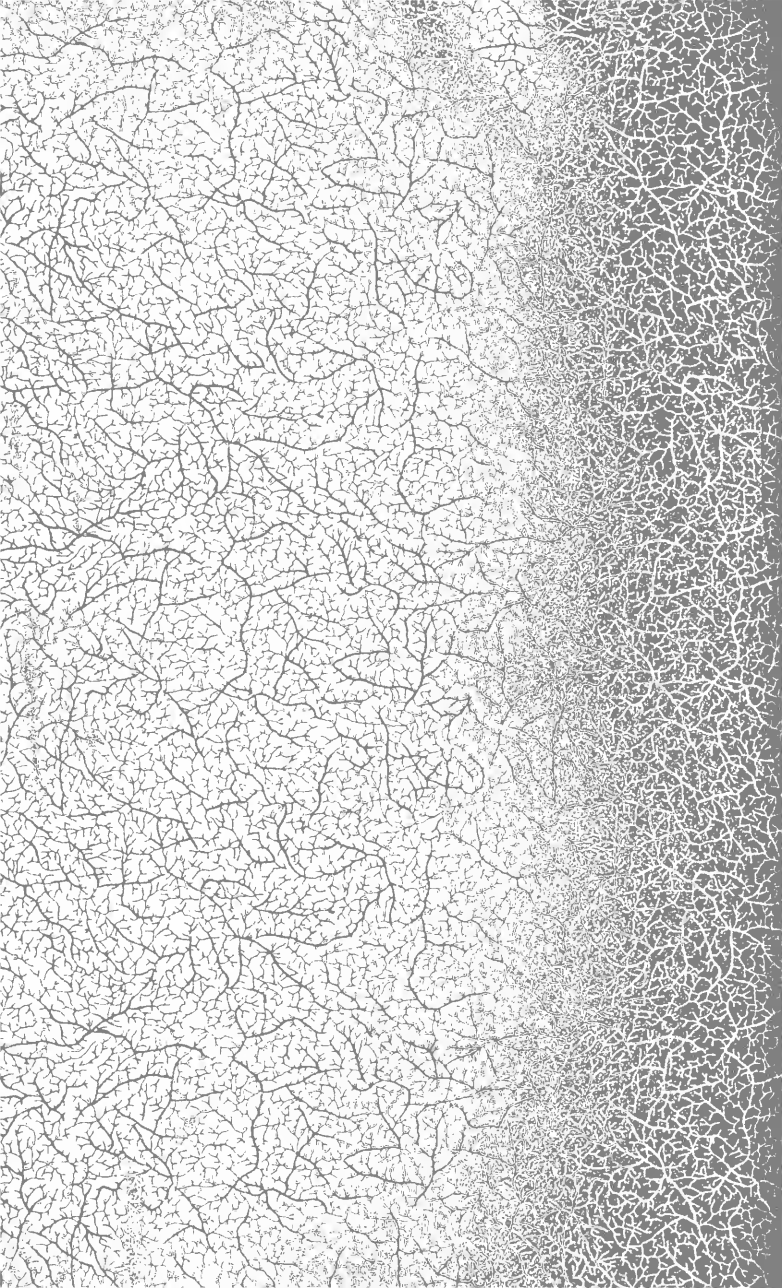
ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NA OFICINA «OTTOSGRAFICA», DO LARGO
DO CONDE BARÃO, CINCOENTA — LISBOA











PQ Sabugosa, Antonio Maria José
9261 de Mello Silva Cesar e Menezes
S117D4 De braço dado 2. ed.
19--

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 08 07 017 8